

ESCRAVIDÃO I I

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Silva Carvalho wrote most of his books preceding the poetic phase in such a searching, felicitous and fetching way as to provide the contemporary world of literature with what might be called anti-poetical poetry, or what we today still call, lacking a best word for the period we still live, 'post-modern' poetry, where 'modern' meant an excessive fear of temporality, history and subjectivity. His latent attack on traditional poetry produces a different form of text and book, one that dislodges poetry from the pleasing and readable illusion of beauty and lodges it more deeply into the tortured texture of concrete human experience. He launches one of the most interesting projects of contemporary writing, returning the attention of readers to the concreteness of life as it is actually lived before it is distorted by the lens of art. Does he dispel reflection or meditation from his texts? No, but he does not reflect about life or reality, he reflects with what is going on in the language he experiences. Silva Carvalho practices a poetic discourse that he himself treats with ironic and, sometimes, philosophical distance, as if his life was always at stake, dangerously facing the true paradox of existence itself.

Sybil Gordon

ESCRAVIDÃO I I

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: Silva Carvalho

Título: *ESCRAVIDÃO II*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: Edições Aquário

edicoes_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELEVELE INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário
SONETOS PORTUGUESES (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
4328 (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
ISLA VISTA (2015 – www.silvacarvalho.com)
A DOENÇA (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
ESCRavidÃO II (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário
DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
LOGO (2013 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
TALVEZ (2014 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
MUITOS ANOS DEPOIS (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

A O LUÍS
À LUISA

LIVRO I

TUDO PARA NADA

– Now I am alone.

O, what a rogue and peasant slave am I!
Is it not monstrous that this player here,
But in a fiction, in a dream of passion,
Could force his soul so to his own conceit
That from her working all his visage wan'd;
Tears in his eyes, distraction in's aspect,
A broken voice, and his whole function suiting
With forms to his conceit? And all for nothing!

Hamlet, Prince of Denmark

William Shakespeare

A ARMADILHA

Viver em plena emoção, e sentir, aflito,
quanto me é necessário vir escrever este momento,
alaga-me de verdadeiro ódio por mim!
Mas ódio a valer, o único como nunca senti até agora,
quer pela condição humana, quer pela sociedade
onde, limite, escabujo. Ódio pela minha fraqueza!
Este insuportável vício, escrever, escrever!
Sempre, todos os dias, a todas as horas,
indiferente à repetição, às regras elementares
da poética como da estética, indiferente à arte.
É demais! Tenho vergonha de mim mesmo.

E depois, se ao menos ficasse dito qualquer coisa
de essencial, para mim como para a humanidade,
qualquer coisa de sublime, de extraordinário.
Mas não! É sempre a mesma coisa. Verbais manifestações
do tempo, onde a sensibilidade, que é minha, não arvora
nada de fundamental, de necessário, de grandioso.
Terrível vício! Tinha prometido, mais uma vez,
esquecer o papel, as palavras, o ardor da criação.
Depois de um verão dedicado caninamente à poesia,
saber-me-ia bem alguns meses de despedida, de separação.
Qual quê! Ainda o último livro não arrefeceu,
e eis-me novamente aqui, detestável, mesquinho, isento.

Mas para quê?, repito raivosamente. Para quê?
É uma perda de tempo. Ninguém, a não ser eu,
me pede poemas. Sou completamente desconhecido
do país, alguns amigos dão-se ao trabalho de me ler.
Chatices, é o que é! Estou perdido, se isto continua.
Esta dependência enfurece-me, descontrola-me,
transpõe-me para o plano da destruição.
Que droga! Passar o dia inteiro à espera do momento,
criança mimada, ou pior ainda, adulto infantil,
incapaz de fazer frente ao real, porra, como um homem,
para vir perder-me nesta escrita insignificante.
Sim, é demais! Demais!... Engraçado, estou mais calmo!...

Mais renascidamente novo. Não disse jovem. Novo,
é isso! Às vezes faz-se umas descobertas...
Será por isso? Caio na armadilha: o descanso.

29/9/83

POR DETRÁS DE TUDO ISTO

Vejamos, um poema que me afaste de tudo
que é presente e aqui, amálgama verbal capaz,
só por si, de me fazer esquecer quanto, imune,
sofro. Mas como? As palavras não parecem obedecer,
as imagens falham, restam-me frases destemperadas,
conselhos sem absoluto, realidades intransmissíveis.

Nada disso. Quero dizer, nada disso corresponde
ao momento, ao que pretendo escrever. Muito diverso
é este texto. Não o leiam assim. Assim desmente-me,
atraíçoa-me, faz-me dizer o que não quero. Nada disto!

Mas então o quê? Tinha algures uma vaga ideia
traduzida pelo corpo em emoção, uma dorida mensagem
do imprevisível, líquida exteriorização do sentir!
Só que não consigo! Não consigo! As palavras enredam-me,
levam-me por caminhos desconhecidos, diluem-me, chama,
luz, ao ponto de desconhecer a própria respiração.
Será possível? Que se passa comigo? Talvez nada
se passe, e seja isso o que me consome, em raiva
e ardor. Sim, ardor, fúlvido movimento da inspiração.

Queria, humilde, escrever um poema simples,
sobre as coisas que me rodeiam, palpáveis, sensíveis!
Um poema onde não estivesse eu, navegável barco
da humanidade que se perde todos os dias.
E não consigo. Regressar às coisas, aos factos,
aos objectos, a tudo que se oponha à abstracção.
Completamente perdido! Definitivamente longe?
Espero que não! Tenho os pés sobre a terra,
não se esqueçam. E peso, ninguém sabe quanto!

Não, não pode ser a tal erosão de que falava
ainda há dias. E depois, se for, que importa?
Importa? Confesso que não sei. Onde estou? Onde
estou?... Aqui é verdadeiramente o lugar aqui?
As palavras ainda querem dizer alguma coisa?
Significam? Ou destroem apenas? Como me dói,
estar assim, indefinido, casual, arbitrário, próprio!
Próprio?! Não sei o que digo. Por detrás de tudo isto,
que transparência, que verdade? Apenas isto? Não pode ser!

29/9/83

É ESSE O PREÇO?

Terrível acenar, choro, do suicídio tão perto!
Nunca terei coragem, nunca terei coragem, espero!
Que mecanismos me vivem para perder a razão?
Estou tão assiduamente calmo, mas um ódio amargo
oprime-me como se fosse possível morrer do coração!
Que tenho? Quem sou eu, para estar assim tão perto
do abandono, tão longe da alegria que me cresceu?
Este corpo! Poderei ainda dizer, esta alma?...
Singela lágrima, o mundo, eu, a janela, a vizinhança.
Rapariga, se soubesses o que me vai dentro!
Nem eu sei. Viver corta-me em rodelas. Que espírito?
Quero conhecer a linguagem do mal, mas em vão.
Cometer crimes como os outros, diariamente, assim,
inconscientes do que fazem, do que dizem, do que amam.
Todos, o poder. E eu incapaz de senti-lo, que desejo
deveria engravidar para poder dizer que também quero?
Estranho, como se aniquilam vidas com boas intenções,
e como nos indifere o destino alheio! Pobre de mim,
acusado quantas vezes de egotismo, mas sentindo,
dentro, o outro. De tal maneira que julgo pensar,
às vezes, que daí advém a impossibilidade de ser!
Eu. Percebem, percebem ao menos? Quanto sofro por ver,
paulatinamente, a vida que me não cabe porque lhe caibo,
desmerecer o sonho, a lealdade, a grandeza do animal
homem. Teremos que ser todos criminosos? Impuros?

Fictícios na realidade feroz com que se determina a história pessoal como a dos povos? Para vencer o mal terei que me vestir de lobo? Proceder, assim, como os outros, que exercem o mando sobre aqueles, fracos, como eu, que não sabem pronunciar a ordem? Terei, verdadeiramente, que ser mais um filho da puta? Para poder sobreviver? É esse o preço? Não admira que a vontade eubiótica desapareça, que o desejo, visceral, se apague. Não quero ser um malandro! Pisar, como se nada fosse, o horizonte feito de suor, da escravidão e do servilismo. Horror! Horror! É isto a vida? Isto é viver? Assim? Coragem, homem, para dizeres adeus. Há muito, noutra lugar, te chamam. Vozes essenciais, vindas do sem mundo para o sem fim. Escolhe! Afinal, terás que partir. Parir um fim mudo.

29/9/83

QUE ACONTECEU?

Estarrecido diante da mesa de trabalho.
Um impulso traz-me até aqui, e depois, abandona-me.
Indefeso, olho estupidamente absorto pela janela.
Hoje, com a luminosidade da manhã, miraculada.
Algo se passa comigo. Há vários dias, ultimamente.
Uma estranha luz povoa-me, tece-me, dilui-me.
Emoção? Sentimento? Apenas impressão?
Que será, que não sei? Um choro brando, final,
explícito até à lágrima, larvar de sentido.
Não é nenhuma voz, pelo contrário, é um silêncio.
Inóspito, inimigo. Que me desampara. Que aconteceu?
Sinto tanto medo, incompreensivelmente. Tremo,
aflito, sem saber o que fazer. A vida, dizem, continua.
Passa, pacífica, fica. Algures. Envolta em mistério.
Não poder invocar ninguém, de tal maneira a pobreza!
Se pudesse! Se houvesse alguém que me ouvisse!
Que me dissesse o que se passa! Mas nada. Apenas
este silêncio. Deixei de comunicar comigo?
Alheio-me? Perco-me nas coisas? Não. Ei-las,

sempre aparentemente iguais, imóveis, disponíveis
suportes dos sentidos. Que nos dão a realidade,
ou, pelo menos, a sua sombra. Vejo. Fachadas quentes
de luz, o sol acariciando, outonal, a pele medular.
Sinto? Percebo? Aqui onde é? A terra? O mundo?
Vejo mulheres estendendo roupa. A limpidez.
A desenvoltura de tudo isto! Anistórica pintura
do século, quando é o fim. Digo, subitamente outro,
profético: é uma mulher. É uma pedra. É uma ideia.
Cresce, dentro, corpo em profusão, a raiva. Onde sou?
Será que brinco, e tudo é sonho? Será que durmo,
e nada é real? Resposta, quero uma resposta!
Essa luz, sol adiado de mim! Perdi a natureza?
Desloquei algum eixo do universo? Cometi, acaso,
algum crime? Quem me fez? Quem sou eu? Eu? Eu?...

30/9/83

O REDEMOINHO E A AZÁFAMA

Sinto que nada disto é palavra nem discurso.
Embora saiba que o é, sinto que percorro um caminho
onde a linguagem se desmembra, ou simplesmente
finge. Que comunica, estados de alma, emoções, estesia.
Sinto que percorrê-la me dá uma grande angústia.
Sinto que não posso fugir. Em frente reside o que é,
é meu dever seguir em frente. Seja qual for o custo.
Sinto, paradoxalmente, muito medo. Paradoxalmente?
Não explico. Não se trata de averiguar, de experimentar.
Fica para depois, se depois houver. Sinto a tragédia,
a vergonha por senti-la assim, estupidamente.
Que fazer?, deixou de ser a pergunta. Continuar
é o fito. Através de tudo quanto acontece e existe.
Preciso de me banhar na existência, o corpo fraco
absorvendo o redemoinho e a azáfama da sobrevivência.
Sinto que é essencial. Se quiser durar mais algum tempo.
Mais algum livro. Sinto, com horror, a loucura do apelo.
Mas não regresso, não regresso! Mesmo se a ideia
me atrai. Não posso sucumbir. Em frente! O encontro.

Qualquer que seja. Não a revisão do passado. Antes a novidade, sinto. O ponto fulcral onde o ser é, traduz a luz, devolve a presença ao empobrecido olhar. Preciso de continuar. Sem desfalecer. Cada estação um riso, demente cataclismo do real quando explode a vingança das coisas. Sinto um conluio com a matéria, a vontade premente de destruição e de queda. Sinto que me afundo no logro, lidas todas as falas da metafísica. Que perdi o corpo, sendo-o consciente. A alma esquecida num qualquer sótão do ocidente. Sinto que fui longe de mais, e o que mais é, é! Na distância transmigro, inventando hora a hora o alcance, a medida, o conforto da memória lívida. Só não sinto o que sinto! Porque a palavra atraíçoa. Soa, apocalíptica, na confusão de tudo, impondo silêncio.

30/9/83

A PESSOAL CONTINGÊNCIA DO GRITO

Suave transponho o alfabeto da ignorância,
dança perdida onde o olhar revê a origem,
ideia terrível adquirida pelo sinal da morte,
o corpo segregando o futuro da estadia.

Não estar é a sorte. Calcorrear o verbo velho
corresponde, de certa maneira, ao neutro desejo
que sacode os fundamentos hipotéticos do ser.
Ler seria fundamental. Seguir o percurso.

Passo a passo algo do tudo que nos rodeia
foge, ganha uma dimensão desconhecida:
a natureza persiste, indiferente, animada voz
soletrando o cântico que nenhuma sereia diz.

É nessa impossibilidade que habito. E dói dizer
o fulgor sem exemplo do paradigma: a barreira
age, esconde, deturpa o sentido subterrâneo
onde a vida mussita um esplendor estrangeiro.

Navega a palavra um barco infeliz. A porta
mítica abre-se: ausência de luz, não a escuridão,
mas o esconderijo, o palpitar severo e dolente
da carne capaz de desmerecer quanto traduz.

Horror! A ínsita miséria arvorando-se cataclismo,
visões fascinantes de ignomínias, carnificinas,
arados corrompendo a pele lisa do consciente:
fumos da batalha na agonia da fome ocidental.

Entre estas paredes tudo e nada definem-se:
talvez seja prisão, talvez consolo ter um horizonte
tão fechado como uma concha detida em terra.
Irrompe, fulminante, a memória: exilado vagido.

Povoa a hora um simulacro. Não é fingimento,
muito menos arte. Necessidade é o quinhão eterno,
viver-se às apalpadelas o esboço de destino
que reduz a história à pessoal contingência do grito.

2/10/83

PONTO NO INFINITO

Que alívio! Ele vive, continua. Diante da manhã
quando já se faz tarde, observa, corrupto olhar,
quanto de efervescente delimita a realidade.

Ele desconhece a sua história. Pensa a língua
como se fosse outra, e demora, abstracto, no vácuo
da possibilidade, filho espiritual da memória.

Ignora o amanhã. Ritual fictício da sobrevivência,
lança, pelo silêncio, apelos concebidos como música,
um arrepio subindo pelo corpo e desfazendo-se nulo.

Seu corpo oferece-lhe um rosto. Sua alma evita
a dicotomia. Parado, agindo ctónico, conversa mudo
a natureza específica da sua natureza animal.

Cenas antiquíssimas sobem-lhe à cabeça. Sugerem outros climas noutros tempos, a terra mais nova, a odisséia uma viagem através das mutações cíclicas.

Estranho brilho denuncia o olhar contemporâneo. Ele aceita as imagens como ficções desmedidas, lê-as como sinais translúcidos da carne viva.

Ele vê. Não a materialidade suportável à luz da manhã, mas o íntimo, o sem fundo do terrível mundo que o vive, amálgama necessário à poesia.

Não desespera. Ele indefinidamente sabe. A palavra empobrecida ou mesmo insignificante, o som cego, são motivos de renovação, de fúlvida palingenesia.

O fim é sempre começo. Mas vivê-lo-á? Ou perecerá, solúvel vítima, no cataclismo dos sentidos? Quer, pobre e humano, servir de ponte. Ponto no infinito.

2/10/83

VER COMO AGE O MUNDO

Ninguém é culpado se a palavra não alcança esse lugar desejado. Às vezes, doridos e honestos julgamos sentir que a fuga verbal significa mais que a momentânea perda. Mas não. Uma nódoa imaginária, eclosão de tudo quanto desmerece a nossa atenção, surge no mais íntimo da percepção, desfoca a imagem integrando-a no lugar comum da humana experiência. Não saber o que se diz, se dói, faz voltar ao silêncio do ser a paz diversa. Ninguém consegue sempre dominar a palavra ágil, revertê-la em pura presença, em imanência. É em momentos de vazio, quando o olhar não vê, mas assiste, absorto e obscuro, ao paradoxo da duração, que nasce no homem dividido, a força,

o feliz paradigma capaz de introduzir
luz no cataclismo da contingência. Sei, de há muito,
quanto custa viver! Dias há, acossados elos
do temporal originado pela duradoura sociedade,
em que apetece simplesmente perecer. Nada
resiste ao sentimento de perdição, nem o fogo
ainda sexual do corpo, nem a água fria
da emblemática purificação. Ser um homem mais
é a vergonha. Ver como age o mundo, a ação
impávida do mais forte acorrentando a fraqueza
de quem é incapaz de se defender lutando.
Isto é, usando dos mesmos estratagemas, ferozes
marcas da criminalidade legalizada, cruéis
mecanismos institucionalizados pelo dévio poder.
Aí, perante tal cena, não há palavra poética
que resista! Há, possivelmente, o esquecimento, luxo
terrível para quem se sabe pobre. O vinho,
a vida virada de avesso, mórbida moeda sem preço,
o real transtornado pelo desmentido obtuso
do olhar que não assinala as coordenadas culturais
da presença. Se há culpa, em que corpo jaz
a saída, o milagre ontológico da animalidade velha?

5/10/83

AS COISAS!

Domingo. Lusco-fusco. Um enorme silêncio
engravidada esta casa, a ausência da família
repercute-se em ondas anímicas, mas o momento
cresce como um monstro na escrita sitiada.
Um silêncio desnaturado, vindo do ilimitado,
súbita clareira onde o ser desemboca, enigma,
apreensão, catástrofe. Arde algures um fogo,
origem e porto, porta aberta para o descalabro,
medida, medula, morte. Irreal. Mais longe o medo,
a trágica alegoria do quotidiano contemporâneo,
seus trajes sibilinos esvoaçando na nula imagem.

Domingo, diz peremptória, ignorante, uma voz.
Cantilena surripiada ao caos, música mágica
rodopiando, instigando o olhar, a atenção edaz.
Onde estou ninguém me conhece, diz alguém.
Começo e fim descobrem o tempo, que espaço
ousará delimitar a acção do desgaste lógico?
Quem sou desobedece às leis, ignora a ordem,
continua a voz. Nada. Silêncio. Pelo crepúsculo
soa o terror, o desastre fala, o futuro atroa.
Ninguém está aqui quando se está a mais.

As coisas! Que vida as desflora, outra que a humana?
Tudo quanto se vê, esta parede já mítica, este papel,
a cama deitada pelo quarto silencioso, mistério
do inaudito quando se desmerece o inominável!
Baila uma pergunta, terrível suspeita, ardente eco.
Cenas de antiquíssimo recorte fulgem na memória,
sinais celestes, tempestades, trovoadas amarelas.
O cheiro é mar, mas a escuridão cataloga, no poema,
o corpo balbuciante, a apalpadela ontológica, o lar.
Tudo ciciza, nada diz. Ouvir. Transforma-se o silêncio
em sangue nas têmporas, o circuito da imaginação:
domingo, para quem escreve a inutilidade da hora.

9/10/83

HÁ SEMPRE UM SEMPRE

Há sempre uma janela e um mundo em frente.
Nem sempre se consegue um olhar para a tela.
E é pena. Porque talvez aí se pudesse viver
a impossibilidade plena, entre cores e tons,
quando a paisagem aceita as estações e as vive
sem precisar do pincel demiúrgico de ninguém.
Há sempre, por mais que se faça para evitá-lo,
um poema. Segreda-o o dia quando nada segrega,
a não ser o corpo. Ei-lo. Nele vem, antiquíssima,
a música, a face dorida da tragédia. Estar
é ser. É viver passar-se, em duvidoso voo, alto

equilíbrio, subterrâneo delírio, do estar ao ser.
Aprendo-o todos os dias. Não necessito de livros
para saber, para sentir como certa a verdade
do momento, o perímetro humano da eternidade.

Há sempre um riso, enigma, distância tenebrosa
entre os passos que se dão e a fronteira nua
onde se esbarra: limite, teu nome explode a carne,
desvirtua o espírito, ganha a poeira do cosmos.

E quando consola, não salva. E se enraivece, trai
toda a dor que não se consentiu gerar na alma.

Epopéia, descubro-me a dizer. Palhaço da semântica,
alço à palavra o som terrível da ficção, convenço-me
da necessidade como um crime a cometer. Por quem?

Há sempre uma noite e um suor. A revisão do passado,
acto por excelência falhado, quanta tristeza!

As imagens fulcrais de cenas míticas pela ausência,
presentes do absoluto no tempo. Nefastos ecos

ressoam, transparentes, como ideias sem pensamento,
monstruosidades nascidas de conúbios assimétricos,
falsas vozes do declínio como do patético fim.

Há sempre um sempre. Mesmo se não é vivido, existe,
premonição onde a memória explora a história

como probabilidade quase matemática do sentimento.

Funda, visceral emoção. Em lugar nenhum eu, e assim,
mesmo assim, a certeza, cartaz ontológico da perda!

13/10/83

A SÓBRIA HISTÓRIA

Arde, borboleta fácil, no trabalho vituperado.

Compete-lhe executar os gestos da perdição.

Inventa dados, doridos espaços para sobreviver.

À casa chega sem reconhecer a sóbria história.

Descobre em si a fealdade da organização humana.

Tenta, solene, falar com o sol, entregar ao cosmos
a vida que lhe deram. Recebe-o a instituição.

Feita de tudo quanto odeia, detesta, ignora.

Há saída? Pergunta-se. No breve horizonte, um segundo,
desdobra-se o ritual terrível. Suicídio, diz,
geme. Não aguento quanto me desmembra, me anula,
cicia. Rouco esboço, o corpo nauseado, sem perspectiva.

Fere-se de encontro ao gume. Embebeda-se. Vinho,
soletra infantil, percorrido pelo degelo, ama-me,
distende-me pelo alcance, revigora-me inconsciência.
Surgem os fantasmas, a garganta cinza de ustão.

Triviais risos da ignorância sobem até ao olhar.
Esquemas desvinculados são a realidade, o fora
insinuando-se como a felicidade do íntimo dentro,
a palavra recitando versos aprendidos na memória.

Que outros o podem viver? Ninguém lhe é o mesmo.
A lâmina, o veneno, a corda, a água: elementos sédulos
da tortura, futuro diáfano onde seu ser cede, lugar
transfigurado do espaço nenhum que lhe cabe.

Então é isso, diz-se, só me resta morrer! Suave, a lágrima
desenrola todas as promessas, todas as ilusões.
Fraco animal em plena selva descobre que não possui
mundo. E tenta. Só esta palavra continua, indiferente.

13/10/83

A CANÇÃO CONTEMPORÂNEA

Salve-se quem puder, é a canção contemporânea.
Li agures o seu antídoto, mas esqueço a arma.
Vale a pena começar assim o poema intolerável?

Arfa, arfa, arfa. Quem sacode o mundo? Lúdico sol,
o som sedoso da música quando a tarde é tarde.
Gritos, possessos gritos nos lábios da miséria.

Que fome advoga o fim? Que crime rima sublime?
Tanto sangue pela calçada, a metáfora ardente!

Vozes subterrâneas, abstractas injustiças, cantam?

Soa a demência reconquistada pela civilização:
uns exigem fogo, outros pedem pão. A maioria, só
diante do destino como ausência, observa a farsa.

Ninguém escapa. Ninguém desmerece o sonho. No entanto,
todos procuram safar-se de encontro à memória:
nada como o esquecimento para se viver a sorte.

Salve-se quem puder, diz a canção cobarde. Umbigo
sem universo paira entre o dinheiro e a exploração,
suborno onde a mesa é céu, os punhos suados do mal.

Vença o mais forte, dizem. Coitados! Espera a morte
o deslize, o descuido, o grávido declive: vingança.
Tumultos em cidades cercadas, assaltos sem poder.

Televisivo, o riso deplora a guerra. A imagem traga
quanto da terra se faz mundo e homem, cataclismo
onde o pensamento deixa de ser moderno. Quem é quem?

Pululam os livros, as livres circulações da ficção.
Respostas crescem nos jardins poluídos do ocidente,
acidentes sem percurso da tibieza que governa.

Fogo, fogo! grita a população. Ninguém se reconhece,
todos têm razão. A medida falha, a inteligência
falta. Solução? Como diz a canção: salve-se quem puder!

16/10/83

SENTIR, SENTIR...

Sábio decalque da solidão, em ti pereço,
tristemente vago, desumano, irresponsável.
Estremeço, essa sintaxe aparentemente redentora
encerra o crime, a convivência, o apocalipse.

Desejo de ti, mulher, tão grande e insubmisso,
sentir teu corpo barco navegável ao sabor
do vento, o mar murmúrio vaginal, ir e voltar, calor
subindo da raiz ao ramo, remo abrindo o rumo.

Que mundo para tal diferença? Doença? Apego
terrível, sentir que há distância, que a morte
diluí seu encanto na carne, no espírito aflito
onde o universo manipula as leis da ciência.

Sentir, sentir... Estar aqui, viver ali, ser além,
sentindo sempre o que se pensa, o que se julga
pensar, crer, acreditar que seja! Há saída? Hebetismo,
rígidos braços em nó de amor, aperta-me fundo!

Eu afundo-me quando alcanço o paradigma perdido.
A vida, própria como alheia, desvincula-se, sai
da percepção, irrazoável grito de demência, horizonte
onde nenhum signo significa, mas diz mistério.

Ler é a tarefa. Apedeuta, o olhar procura decifrar
a origem como prever o fim, em vão. Na parede
insuportavelmente branca do mito, nada, ou, então,
o reflexo, o riso babado de quem ignora a hora.

Tragédia? Tarde de mais. Demais, o capital comanda.
Exige do homem, como da sua sombra, a consciência.
O negócio está instalado, o dinheiro areja a areia.
Vento, peço-te, varre o chão onde a ignomínia arde!

16/10/83

OUTONO

Incapaz de assistir ao espectáculo,
sai do quarto depois de apagar
a televisão. Desesperado, a janela dói,
mostra o mesmo no sempre meta-
físico. Que fazer? Lá fora é domingo,

não tem dinheiro para poder ir
ao cinema. Na terra em que vive morre-se
sem se saber. Os amigos ausentes.
A mulher visitando a família. O vinho
esconde-se no frigorífico. Mau.
Mas a atracção é tão grande! Um copo,
um sussurro das entranhas, calor
tão irreal como uma paixão. Longe vai
a imagem de quem, por existir,
exerceu tanto mistério. Afinal, a hora
da infância passou. Nada resta,
salvo talvez, de vez em quando, o sonho,
a harmonia de um sol pacífico,
a ressaca quando o mar molda a praia.
Triste sorriso para tão tristes
lábios. Outono. Da vida? Mais um copo.
Esquecer, deslizar, sereno, leve,
como pássaro duvidando, indiferente,
da comparação. Bela rapariga,
a vizinha! Ele aqui, ela ali, sempre
foi mais ou menos assim, assim
será para sempre. A distância. A pessoa
tão longe, tão impossível! Lembra-se:
Era Londres, era outro tempo: aquela vez
acenou, recebeu de volta o aceno,
conheceu. Que liberdade! Que ousadia!
Que lhe aconteceria aqui, agora,
neste país, se chamasse a atenção
da vizinha? Um homem casado!
Que ridícula tristeza! Que cobardia!
Nem o vinho ousa. Esquece, diz-se,
há muito perdeste o sexo quando o deste
à mulher que te cabe. Que maldição!

16/10/83

NADA DE NADA

Nada de nada, persisto em dizer.
Cantarolo a loucura de hoje, luz
sibilina iludindo a razão tola.
Nada de nada, vou pela rua, fico
em casa, tudo é o mesmo, o mesmo
tudo. Em toda a parte. Diz-me, sol,
que arte para ser possível? Ser
insurge-se, desliga-se, revolta-se.
Nada de nada, tibieza da tristeza,
um olhar bovino e literário, sobre
as coisas, os acasos, as lágrimas.

Concreto, só o bater feérico, nulo,
do coração. Mas a paixão desaparece,
despoeira-se o cântico, que existe
para ser realmente pensado, querido,
inventado? A criação falha. Fala,
telúrico, um corpo despossuído, terra
onde o arado não suaviza nem ama.
O contrário calha. Acalma o sentido
que se desmerece do mundo, da vida,
tece a tessitura febril do logro: logo,
engana. Escreve um poema nada.

Nada de nada, repete cada ritmo,
passo perdido nas calçadas, a sorte
despertando o brilho ao destino,
a faúlha ferindo a sensualidade.
Nada de nada! Nem aqui nem além,
nenhum lugar onde se possa, novo,
atingir o sítio da palavra. Verbo
achado no mecanismo do ocidente,
a ideologia surripiando ao homem
o jogo, a festa, o estandarte livre.
Resta a canção triste: nada de nada.

23/10/83

ENIGMA

Cada vez mais vou perdendo a noção de poema.
Sem nada achar. Exagero? A música ainda baila,
silêncio onde a ausência como emoção aflora,
despistadas as efabulações da trágica memória.

Encalho nas palavras sem atingir a sintaxe.
Não é um desastre, menos ainda um cataclismo,
mas é um momento de perversa loucura, história
que não se pode contar com medo de se perder.

E quando delas me despego, se não sou outro,
por impossibilidade real, não sou o mesmo.
Descer à etimológica raiz inebria-me, largo
onde respiro os mais diversos segredos do ser.

Lago onde bóio, flutuo sem peso nem medida,
as águas reencontradas, a fala longínqua, voz
terrível do indecifrável como realidade plena,
perdida nostalgia onde o corpo se masturba.

Depois, difícil, é esse tempo de ligação: juntar
perspectivas diferentes na mesma linha azul,
horizonte da língua desgovernada, despossuída,
onde o reflexo descuida o real, traz imagens.

Saídas do imaginário, ctónico frémito, a carne
procurando, entre a ustão e o derrame, o poema
capaz de assinalar quanto foge à significação,
quanto escapa, por ser novo, ao domínio verbal.

Tentação, permanecer entre as linhas, cada verso
contradizendo o limite onde a consciência nasce,
papel fautível do regresso quando o desespero
descobre a palavra como sinal da morta máscara.

Então, cabe a quem escreve ignorar. Desconhecer
o brilho como a faúlha, a técnica como passagem

para a arte. Fronteira entre civilizações, dizer
puro da impureza universal que define em enigma.

29/10/83

FORMAS

A grande liberdade da solidão sentida
como o espírito palpitando na magna matéria,
um sol solúvel, ouro sobre chapa, luz líquida
diluindo o fogo que governa o silêncio.

De mim partem barcos sibilinos, vozes altas
explorando quanto resta do cosmos. Feérico
discurso percorrendo as aflitas metamorfoses
quando o pensamento transforma a civilização.

É tarde. Quem vive desmerece o real. A janela,
elevada a símbolo empobrecido, dá imagens,
figuras humanas em labores rotineiros, uma página
escrita pelo incêndio cotidiano, pela ustão.

Tarde de mais? Mulheres, lê-las, corpos impossíveis
pedindo um olhar, uma pedra que se mova, viva
escultura da obscura força que se adivinha desejo,
não fora o medo, o ridículo terrível da timidez.

Amei sempre corpos. Formas. Detestei sempre a dor
ajoujada ao humano desfibrar da pessoa.
Esquecer foi o intento, consegui-lo impediu-me,
talvez, de atingir o outro lado da sabedoria.

Hoje, ei-la, a liberdade simples, material, móvel,
da consciência. Nada mais existe, tudo persiste,
mas reduzido ao simulacro, à arte, à aparência
da necessidade como motor teórico de tudo.

Quem me vive morreu, renasce agora, indiferente.
As leis por cumprir, escárnio para a inteligência,

horror, limite, prisão! Restam essas imagens do além,
mulheres tão próximas que do sorriso me anulam.

Sou homem, para quem não saiba. E não sei sê-lo.

Sinto dentro de mim quanto do corpo arfa e espera,
mas a barreira desvia o animal, exige um comportamento
digno da negação: da vida, da espécie. Sáfia solidão.

30/10/83

ELE ESPERAVA

Ele afastava-se das gentes. Escolhia a casa,
seus recantos mais íntimos, e esperava. Ouvia
certos ruídos, canções da natureza longínqua,
e sorria. Ele estava dividido. Nada lhe sabia.
Esperava que o acontecimento o guindasse, elo,
ao apogeu da existência. Entretanto, a palavra
percorria-o lentamente, estranho trabalho, nó
tenebroso perfazendo todos os riscos. Um dia,
diante da parede branca e nítida, viu, correr,
o destino. Um suor terrivelmente frio achou-o
isento, sem saber como responder ao desafio.
Ele temia. Escondido do mundo, deixava a água
deslizar em forma de lágrima, mas a nostalgia
estava perdida. A tristeza tinha, há muito, ido.
Escrevia. Nada de sensato, antes apóstrofes,
esplenéticos apelos, caóticos ritmos de vida.
Esperava assim merecer. A visita. A aparição.
Mas os anos passavam, dolentes e feros, feridos
pelos contratempos da história, pela mediocridade
da sociedade onde jazia. Os outros odiavam. Ele
receava o pior: a loucura. A descoberta, tola,
do segredo que o fabricava por dentro, face
onde a máscara depositava todo o tempo. Viver
era-lhe tão penoso que pensava seriamente
acabar. Pôr fim. Os próprios dias destilavam
um nevoeiro insuportável, o corpo doía-lhe,
a cabeça, transportada ao clímax do disforme,

exigia-lhe remédios, confortos insubstanciais.
Matéria e espírito confundiam-se. De onde era
até onde ia, vinha um espaço em branco, halo
onde a ausência se fazia periferia e essência.
Ele esperava, de encontro aos muros da cidade,
sujo de tanta podridão, de tanto crime cometido
como prémio ou necessidade. Ignorando a morte,
rasgava o papel que lhe cabia. As pessoas fugiam,
incapazes de compreender. Inútil, passageiro,
exilado pelo rumor da ignorância e da origem,
ele esperava a sua eclosão na realidade humana.

30/10/83

A IMPOTÊNCIA

Acossado animal introduzo-me na cama quente.

Não estou para ninguém. Nem sequer para mim.
Espalho-me pelo calor, o feto renascido facto.

Viver, suspiro entre dentes, que viver animo?

Cansado de tanto trabalho dessinto o corpo.

Apetece finalmente morrer, deixar de ser.

A vida uma história longínqua, um sonho lívido,
impossível. O mundo a presença do homem nulo.

Ganhar a vida, dizem. Tão difícil obedecer, aceitar
como natural a cegueira, a estupidez do outro.

Que manda. Que possui poder, tautológico enigma
sobre a face corrupta da terra terrível.

Sinsenhorear, o que resta fazer à sobrevivência.

Tudo certo, senhor, por lá irei, farei tudo
para vos agradar, até perder a verticalidade.

De noite, sonho que me arrancam os testículos.

Para viver! Para continuar aqui, vivo, tenho que:

vergar-me às evidências, do putrefacto poder,
daquele que hoje, na hierarquia social, manda.

Manda!... Há verbos que traduzem o meu ódio.

E sobretudo, a impotência! Se pudesse dizer,
se pudesse também mandar, mas à merda, aquele
ou aquela que se pensa a personificação altiva
da necessidade, da suficiência, da verdade!

Loucura! Por mais que procure, que tente ser
a liberdade, há-de sempre haver uma sombra,
o corpo desse outro que introduz no universo
a essência humana como conflito, e vergonha.

22/11/83

A IMAGEM DO MUNDO

De tal maneira nu e cansado e doente
que não sinto quem sou, quem significo.
Que me fizeram? Exigem-me a máscara,
o uniforme, a voz pautada pelo medíocre,
para que tudo, sem dúvida, e segundo eles,
seja possível. Falam-me, coitados, tolos,
em planos de longo e médio alcance.

A realidade precisa de saber os objectivos,
com que linhas se cose, se quiser atingir
a proficiência, a eficácia, a civilização.
Nunca fiz planos, confesso. Viver o saber
tem correspondido ao acaso da aventura,
um livro que se encontra sobre a vulva,
uma fotografia de ontem, tão amarelecida
que chegamos a pensar que isso é história.

E nunca leio o livro, prefiro penetrar,
animal consciente dos meus deveres antigos,
o calor húmido da vagina. E não ligo
ao documento: o que parece ilude. Enquanto
vivo cabe-me ser o centro do universo.
Mais nada, muito menos capacho do poder
dito instituído. Nunca votei. Neste,
ou naquele. Não porque não confie, homem,
no homem. Mas porque me parece inexacto
precisar de um qualquer outro que me represente.

Eu sou quem sou. Mais ninguém me substitui.
Nem para o bem nem para o mal. Comigo, é assim.

Mas a vida encarrega-se de trazer até ti
os possuidores da verdade. Que tem que ser,
é claro, universal. Estás perdido. Fugir
é o primeiro movimento, mas depois, o medo,
o cansaço, a família, dizem-te: aguenta!

É estúpido, é ignóbil, é risível, mas aguenta!

Não tens para onde ir, que ir leva-te sempre
diante da verdade dos outros. E ser só, hoje,
é impossível. Aguenta, pois. Nada a fazer,
que é o mais terrível. Nasce-me, entretanto,
um monstro dentro de mim: a imagem do mundo.

22/11/83

EXÍLIO

Tão cansado! Um soturno silêncio invade-me,
enche-me de desespero, alonga-me até à ideia
de cair. O chão não é o mesmo. Sem terra nem pó.
Liso como um espelho onde revejo do passado
quanto não soube sofrer! Não é miragem, é apelo,
vindo do mais fundo, do sem nome, dizendo-me
para partir. Ficar dói. A realidade, humana
embora, é terrível. A guerra continua, pássaro
simbólico do medo que se sente pela vergonha
da sobrevivência. Trabalhar, dizem, é o preço.
Da dignidade ideológica, rio-me. Mas não basta.
Eles exigem, os determinados, o suor, exemplo
ridículo e terrível da contemporânea maldição.
Mais não posso. A semana deixou de desaguar
no seu fim. Há um contínuo. O cansaço, a raiva,
a tautológica febre. A casa impessoaliza-se.
Os objectos dessignificam. Não é caos, mas a dor
pervaga cada canto do obstáculo consciência.
Partir, partir!... Desaparecer no ar, atómica
imagem da intemperança e da loucura. Ficar
destrói cada fibra que compõe o sonho, nada

a fazer contra a instituição do mal dominante.
Se os outros o são, eu não sou homem. Perfilho
outros lugares, vivo de outros tempos, arrumo-me
em sentimentos pacíficos. Exílio, tua sombra
arde em revérberos de delírios, não há palavras
que te digam ou sugiram, ninguém sabe quanto és,
desfeita visão do moderno, cada olhar a fuga,
a música impossível da história que não te cumpre.
Há este cansaço. Animal. Primevo. Depois,
tudo o mais, cada vez menos e vão, estioloamento
da esperança que povos sonhadores puseram
no futuro. O fim. A fábrica levando ao mundo
a vingança. Perecer, pois. Parecer que se vive
quando o que se respira traz o cancro anímico.

27/11/83

PANO DE FUNDO

Ouçó, como pano de fundo, a rádio:
como são estranhos os noticiários,
e como nada me dizem!

Desastres, políticas desavindas, guerras!
No fim do século vinte...
Que homem nos vive para sê-lo sempre?

Não há real mudança.
Há esta insuportável dança, passar célere
pelas agulhas onde o tempo desespera.

No meio, disse-o já tantas vezes, eu.
Aqui, que é uma maneira de falar
para quem não possui um lugar possível.

E depois a natureza, indiferente...
Ora sol, ora chuva, assim, como se fosse normal,
como se o homem não existisse.

E existe?

Isto que passa, que luta, que perece,
existe? Em que sonho, e de quem, se vive?

A terra: um farto silêncio perante,
a eclipse significativa da ignorância
que nos tolhe a vista.

Se o espanto fosse, ao menos, humano!
Monstruosidade, em ti desfaleço, incapaz
de verbo. Sentir desmente a matéria, o que fica.

Que fica?

Este poema. Nem já sombra. Mas pegada
desfigurando a naturalidade da natureza.

7/12/83

AMANHÃ, TALVEZ!

Ele não sabia o que fazer. Fazer parecia-lhe, agora,
um preciosismo sem linguagem. Infeliz até à raiz,
do ser como do estar, ele deixava o pensamento ir,
vogar, colher no fora alguma substância, alguma paz.

Repetia o presente como se fosse vítima do engano.
Dizia-se: quem sou eu? E por que soffro? É natural?
Ele não sabia responder, nem porque perdia tempo
com perguntas antiquíssimas, velhas como a vida.

Ele via os outros homens no quotidiano larvar, ouvia
frases, certos discursos onde o curso da estupidez
abria caminho pela aridez da vida contemporânea,
às vezes sorria, outras vezes sentia-se tão só.

Começou mesmo a desconfiar. Se tinha tido pais.
Se era verdadeiramente deste mundo, sim, deste mundo
enclausurado, segundo ele, nos limites do preconceito,
da estultice, da crueldade. Começou aí, assim, o mal.

Buscou fotografias para comparar. Corpos. Rostos.
Não havia dúvida. A espécie era real, e ele, pobre,
pertencia aos demais. Faltava-lhe comparar as almas.
Mas do invisível ninguém fala. A ciência esbarra.

Pôs-se frente ao espelho, indeciso, súbito animal.
Reconheceu-se sem saber como nem porquê. A imagem
não lhe parecia essencial. Ver a verdade, compreendeu,
era um mito. Consolador quando o olhar se perde.

Dorido, desfeito pela maldade humana, pensou a morte.
Mas o corpo, deitado na cama deserta, estrebuchava,
querendo sair de si, incapaz de fim ou de simulacro.
Que fazer? perguntou mais uma vez. Ouviu: amanhã, talvez!

7/12/83

SOL

Sol, se pudesse ser-te, infinita fonte,
independente da natureza dita humana
que me sufoca de tanto me querer mau!

Mesmo no inverno te amo. Nada mais há
de tão essencial, a luz que projectas
lança-me para o sonho, a casa inicial.

Nela me seduzo, me despojo da maldade
adquirida na escola do viver, aprendo
novamente a soletrar a língua do ser.

Tão bom, rodar pela imensidade animal,
descobrir que a teoria existe, quadro
onde o universo se refaz do pesadelo.

Íntimo, o destino desaparece, a canção
desenvolve-se para lá do mundo, a voz
filtra-se de mistério, de amor sonoro.

Viver é então lembrar o esquecimento,
passar leve pelas faúlhas da solidão
até sentir a necessidade de renascer.

Outro. Com outras leis, outras maneiras
de estar, de permanecer como presença
na contingência ontológica do século.

Desce, sol, até mim, homem perdido halo
na secura deste tempo, e leva-me, caro,
até mim, que me perco no sal demente.

7/12/83

OUTRO MUNDO

Refugio-me em ti, poema, como um homem perdido
que, por viver, não sabe o que fazer da sua vida.
Sinto-me falido, errabundo brilho de um mundo
que se perde no sem fim, incapaz de perceber como.

Esta ansiedade não tem origem. O que me sucede
não traz língua que se compreenda ou se decifre,
nasce do fundo do medo, espelho onde se espalha
a tanta luz que cega, estiola e anula o princípio.

Entra em mim esta música vinda de ti, poema surdo.
Agasalho e conforto, boiar pacífico da nulidade
quando o fora reaparece com o estigma do silêncio.
Não há contrários, e no entanto, em ti me reconheço.

A imaginação branca como uma folha de papel!
Quisera percorrer o tumulto da cor, a hora do som,
quisera viver em minutos de quente prazer o prazo
petrificado naquilo que a realidade tem de real.

Em ti, poema, em ti repito e reitero o vagido antigo.
Tive que ser para ter chegado aqui. As leis existem,
não só como entraves do animal que somos, mas também
como garantias de uma normalidade que surge absurda.

Ver desmorona-se. Sentir descarna-se. Pensar esmorece.
Nada acontece mesmo quando acontece, porque tudo age
sem sentido, sentindo tudo como um caos anímico onde
sobreviver excita a razão pobre da fútil humanidade.

Só em ti, ambíguo, equívoco, sou. Acompanhado de vozes
que me alcançam diluídas as distâncias e as horas.
Só em ti respiro. Outro mundo, mudo o destino primeiro
e vago, anelante frémito do espírito, pelo cosmos.

9/12/83

VAGAS MISTERIOSAS DE MIM

Longas vagas de nada saltam pelo horizonte,
a luz completamente isolada, o som quase demente.
Nascem no simulacro, crescem como raízes,
sobem ao pensamento, felizes vozes da casa ausente.

Longas vagas de ternura. Aqui o calor da carne,
ali o corpo da mulher que ama, e sempre a ustão,
o fogo dolorido do que se procura tantas vezes,
a cinza que perdura depois da grávida explosão.

Vagas altissonantes, feitas de espuma e de trigo,
a mão que se passa pelo peito arfante do mito,
o pénis que se descobre raiz da terra putrescível,
o medo que desbrava o sentimento do crime anímico.

Vagas dolorosas, caindo em queda livre, aqui a fome,
ali a sede, sempre a privação de quem não merece o dia.
Onde vais, diz a canção, que vais doente pelo caminho?
Vou na vaga, vaga fonte escorrendo no tumulto divino.

Longas vagas vagarosas irrompendo como cataclismos
no seio da humanidade infeliz, quem vos fez, quem me diz?
Silêncio. Um rumorejar longínquo como a passagem da hora.
Devora-nos o tempo, longas vagas sulcando o destino.

Longas vagas alterosas varrendo a vida e a morte.
Tudo passa, tudo demora. Nascer equivale a morrer.
Nada mais nos abraça que sofrer assim a memória
do que nunca aconteceu, vagas misteriosas de mim.

9/12/83

PONTO DE ENCONTRO

Escrevo à claridade crua da tarde outonal,
e sou consciente de quanto me inebria pelo que sofre
o pensamento de estar aqui escrevendo a ignorância.
Algo me entorpece de tanto querer os olhos abertos.
Nada sei e não sou feliz. Perdi, ao longo dos anos,
o poder de dizer, com clareza, o que me acontece.
Tanto do mundo dentro de mim, mesmo quando estou vazio!
Vazio, sim. Este terrível oco, odisseia sem fim
do eco louco que vibra dentro como fora de mim,
insinuando peste, delírio, fogo e desastre.
Escrevo a lágrima efêmera de um sentir perdido
pela vida quando me perdeu querê-la sentir bem fundo!
A ousadia pago-a eu agora, aqui, sem saber como ser,
como continuar a fingir que vivo o homem moderno,
a duvidosa história dos seus crimes e dos seus castigos.
Fui longe demais. Voltar não posso, mesmo se perto estou
e respiro, bafos impossíveis de traduzir ou de língua.
Arfo. Animal colhido pelo desplante da civilização,
insurjo-me contra as prisões, que são tantas, e raivo,
e odeio e aniquilo-me. Nada mais há a fazer!
Perecer parece ser o destino de hoje.
Preparam-se os últimos retoques da catástrofe,
gemebundas guerras agarram-se ao real social
com a força da estupidez ou da cobiça, a luta
aquece noites tropicais como mediterrânicas orlas,
e o sangue desce pelas calçadas do pesadelo anímico.
Estou aí. Há um paralelo nítido entre o destino pessoal
e aquele que se filtra na história do mundo.
O sofrimento é muito. Viver debaixo da tensão
esvazia-nos a alma, limita-nos ao sopro animal,

escarros da própria ideia que se faz do homem.
Escrevo. Não já a palavra ou o testemunho.
Mas a loucura, o desejo de perda, de queda, de nada.
Ao que chegamos! Ao ponto de encontro entre o todo
e o único. Pena não se ter tempo para gozar o feito!

9/12/83

A INCÓGNITA

Com a manhã nasce a incógnita.
Indeterminado apelo sem origem.
Que fazer devolve a pergunta.
Espasmo telúrico no coração sábio.

De onde vim desmerece-me. Cresci
tão grande que desconheço o preço,
a praça onde evoluem os homens
que fazem do hoje uma nódoa treda.

Para onde vou não é mais mistério.
Espera-me a terra, sua fereza maternal
envolta pelo halo sem amor do estrume
que a espera, meu corpo despojo eterno.

Onde estou falha e cria engulhos.
Há espaço para mim? A sociedade perde
quanto sou nas leis com que se despe,
governar o limite é o árduo labor.

Há tempo? Este segundo secundado
pelo esquecimento aquece o olhar,
viver decorre como metáfora rural,
um sorriso sem esfinge no degelo.

Existir colhe do ser a sáfara medida.
Medito disperso pelo pensamento aflito,
uma lógica impessoal alçada a tragédia,
dia glorioso para quem se não cumpre.

Sem esta manhã nada seria possível.
Vivê-la, cada poro chupando a luz
que paira, o flébil frio de dezembro
trazendo ao corpo o espírito final.

11/12/83

UNIVERSAL

Ele desconhecia a regra e o lugar.
Ignorava, como quem se perde no sentido,
o sentido perdido da história. Ele
vivía, homem ave, animal fulcro da memória.

Ele que não desceu nem subiu a montanha.
Que, parece, nasceu junto ao mar, em vila
esquecida no mapa das sensações primevas,
nesse lugar por isso mítico da perdição.

Ele que não podia negar nem o começo
nem o fim. Sentia-os? Impossível dizer.
Há muito a língua tinha desertado,
deserdado seu espírito feito de carne.

Ele lia estranhos livros da presença.
Era-lhe salutar saber o que outros seres
tinham escrito no pensamento do ocidente,
assim a ausência poderia ser mobilada.

Ele decifrava certas frases onde o ser
colhera do tempo a sabedoria inútil
e esfacelada. Longe a guerra grassava,
verso temível escorrendo tanto sangue.

Ele adquiria assim uma consciência
universal. Dores de fora alojavam-se
na sua alma, a descoberta do mal fora-lhe
tão necessária como ver o precipício.

Ele sofria. Envolto em quanto sol sobrava,
incapaz de fértil consolo, ele via, horror,
a vida cair no atoleiro da civilização,
a um passo, a um sonho, do arrote atômico.

11/12/83

UMA CANÇÃO

Apetece-me repetir, papalvo do poético,
aqueles versos que inventei no passado.
Apetece-me esquecer que há realidade
e deveres, que a sobrevivência é megera,
apetece-me, idiota, balbuciar certas frases,
como se fosse possível a mágica da época.
Apetece-me assim começar por dizer merda,
uma merda feliz espalhada pelo mundo.

Engraçado, ouço dos arredores esquálidos
uma velha canção dos Beatles, e não choro
por fora. Por dentro esta estúpida frieza,
não querer sucumbir à nostalgia senil,
feitas todas as críticas às gerações
passadas. Das futuras nada me chega. Vejo
as crianças que passam pelas ruas sáfias,
quanta tristeza por não ter sabido sê-las,
nenhuma duvidosa saudade nem lamentos.

Apetece-me fugir. As barreiras alçadas,
do inconsciente sobem-me certos gemidos,
gastos gritos triturando o dia e a hora,
do que não fiz por cobardia e educação.
Apetece-me ser feliz, desflorar a vida
que me enjeitaram, aquecê-la ao fogo nu
do sexo que me levanta quando na mulher
lanço o mais puro da viagem inaugural.

Engraçado, a música extinguiu-se! Só,
debruçado sobre este esboço de poema,

apetece-me simplesmente sair daqui,
escapar à minha condição de nada. Quem
resta no que fica de mim quando passo?
Fosse ao menos uma canção e durasse
o tempo da moda! No tesouro da memória.

23/12/83

DEZEMBRO

AOS WATERBOYS

Dezembro navega entre um frio salutar e a chuva pouca.
Descobre-me perdido na ausência de mim. Certas manhãs
abre-se ao sol nítido, e meu coração cansado de tudo
readquire o brilho telúrico do animal que me abandona.
Dezembro é esta música que me dilacera e me diz tanto,
a casa vazia no esplendor da fuga que se precipita alor,
esta emoção, tão recente e tão virgem, de dentro ardendo,
como arado que acha finalmente terra para sulcar veias
onde o sangue possa correr, feliz deslize da consciência.
Dezembro encontra-me em férias passageiras, alguém
nasceu para que se festeje uma estranha sorte, pessoas vão,
pessoas vêm, descem e sobem as ruas sujas da cidade,
lembram-se de alguma coisa, de alguém? Passam, famintas,
imagens de hoje, presenças ditas humanas neste planeta
que não sabe como acabar, qual o seu profundo desejo!
Dezembro é mais um mês da máxima proferida pelo poeta
que tarda em nascer. Em mim me descubro incapaz de ser,
a palavra demasiadamente longínqua, o sofrimento ubíquo,
o cansaço diluído no corpo que se desmerece e avilta.
Dezembro atinge a noite, mas o redobrar cíclico do começo
infiltra-se nas malhas do sonho, os dias já crescem,
sinto-os como um relógio que bate em mim o diapasão
da memória antiquíssima. Para todos os efeitos, estou
aqui, e vivo, mesmo sofrido pelo social desaire, navio
fulgurante onde as luzes são da manhã, do frio raivoso
que destempera o espírito do simulacro do momento.
Dezembro é quanto me falha por não dizer que a canção

me desloca, me perturba, me encanta: sinto como sempre que há razões que pairam na materialidade das coisas, que o mundo respira e fala, cicia ao ouvido anímico quentes afagos da génese e do declínio, do bem e do mal, paragens onde se investe o que de melhor existe em nós. E sobretudo, bem fundo, o medo. De não se poder viver quanto de nós é mais e permanece escondido no tempo.

23/12/83

ARDENDO POR DENTRO

AOS BAUHAUS

Sublime desapego, ficar elo entre multitudes de apelos, carne visível e sensível aos sons de hoje. Embrenhado, o olhar interior reconhece quanto se perdeu na ignomínia do tempo lasso, quantas casas desapareceram na voragem histórica. E depois, que linguagem e que sensibilidade para se dizer este hoje, este agora, este aqui? Pessoal, passeio-me, imaginário, pela tentativa quotidiana, sem saber como tentar, como decifrar a máscara febril do que acontece. Cada passo, um verso, avesso extemporâneo da nostalgia que apetece, não fora a lucidez do espírito! Quem escrevo? A língua sofre como eu este eu que nasce, eclode, assoma ao perímetro da vida. Quanta crueldade assumida como um comezinho! E tanta vez a tanta repetição que me enlaça! Teia ou rede a aranha simbólica espreita, ágil, e espera um descuido, um percalço da consciência.

Pudesse ser outro e ignorar-me quem agora sou!
Esquecer completamente que vivo, que nasci, morro cada dia que traça na carta do desespero a viagem onde o fim estrebucha no começo! Soubesse, ao menos, fingir! Escolher palavras é tarefa escusada, trivial, juntá-las faz me erubescer de cólera e de tristeza.

De que vale quando nada vale? Valho esta certeza,
ficar estarecido com o destino que me ultrapassa,
incapaz do crime que tanto apregoo em diários
inexistentes. Quisera possuir o sol dentro de mim!
Grávido de nada procuro a substância dos dias,
descubro o fétido deslizar das aparências nítidas.
Culpa minha, que não me renovo, que não renasço.
Digo que sim em poemas falhados, mas é mentira.
A velhice apodera-se do corpo, fá-lo esconjurar
quanto desejou, quanto suspirou no desejo adusto
com que se queimou em hora de tremor telúrico.
Preciso de dizer tudo, e tudo, súbito, desaparece.
Não há palavra que me acalme, nem discurso solene!

23/12/83

SEM TÍTULO

AOS JOY DIVISION

Passam os dias tão céleres, tão diminutos,
minutos escoados na imbecilidade do corpo,
aparas do mutismo que nos oferece o tempo,
esse algodão onde o truísmo se desvanece!

Imagens, detesto-as! Perdi muito de mim
à procura do brilho, encontrei demência,
ruínas salificadas, cadáveres de poéticas
que não puderam sobreviver ao fútil tempo.

Nenhuma metafísica faz de mim um homem.
Por mais que estude a experiência, ei-la,
a ilusão que se perde, a visão desmedida
de um mundo onde se está sempre a mais.

Excessos de êxtases tive-os nas entranhas.
Levantei-me na noite e deitei-me na manhã,
naveguei esdrúxulos estremecimentos da carne,
repeti o rito como se fora uma primavera.

Passei, pereci, padeci a arrogância da morte.
Vivi a ustão do raciocínio como uma criança,
fui ao baile do desespero e desfiz-me em dança.
Acharam-me radioactivo nos estilhaços letais.

Vou acabar e não sei como acabarei! Homem
sem tempo, lanço a maldição sobre o efémero,
cuspo no eterno e canso-me de tanta perdição:
aqui vive um monstro que não se ignora!

23/12/83

ELES SONHAM

AOS THE LORDS OF THE NEW CHURCH

Vozes coléricas acordam a manhã: vociferam,
infelizes, a pobreza que lhes cabe. São gritos
armadilhados, estratégicos, daqueles tantos
que se organizam para tomar o poder másculo.

Não estou com eles, mas compreendo-os. Senti,
outrora, quando a carne era exílio, a privação,
a miséria dos baixos salários, a fome ingente
que se avolumava em forma de desespero humano.

Quis deitar fogo à cidade, aos seus símbolos,
queimar numa fogueira trágica a riqueza cega
daqueles que fazem da vida a exploração alheia,
quis vingar-me da dor que me dilacerava a alma.

Mas nunca senti a companhia dos mais fracos.
Sabia, com tristeza, que o alvo é a inversão,
virar o mundo de pernas para o ar, para que tudo
fique irremediavelmente na mesma: pobres e ricos.

Eu queria anular para sempre o poder. Nem alto
nem baixo, era o meu lema. Viver a humanidade
no espírito pleno da espécie, no corpo saldo
profético de uma sensualidade ainda animal.

Sinto ainda, e de que forma, a privação!
Sem remédio. Meu sonho não colhe votos, nem
simpatia. Meu exemplo é ignorado. Assisto, vazio,
à luta que não leva a nada. E penso: estou lixado!

Eles vão, eles passam, doentes da propaganda,
sem saber como ser, como possivelmente viver
nesta terra aniquilada. Eles sonham com a posse,
com o governo tautológico como merecido escape.

24/12/83

A ARTE DE HOJE

Possuo, penso, demasiado fôlego para cada verso.
Estou tenso, o tempo passa, perdura o universo,
essa figura em filigrana do estremecimento anónimo:
senti-lo faz-me reviver um passado alónimo.
Quero esquecer a gramática que me ajouja ao nó.
Descubro, estupefacto, que não sou mais do que pó,
que gravito em hediondas ondas pelo céu inicial:
viver retira-me o alcance, o sentido existencial.
Ouço vozes para não mentir completamente: atroz
mecanismo da subserviência, o mundo esquece a foz,
desdobra suas misérias ao sol do desconsolo nulo,
instiga no homem a mediocridade do medo, casulo
onde quem vive pretende ir longe. Mas o mar reluz,
sussurra respirações animais, desfaz e seduz
como se fosse possível instituir no homem louco
a única lei profana, o último crime: saber é pouco
quando se assiste, infeliz, ao fim da história.
Nada mais rega a insubmissa vingança da memória,
um esqualido horizonte desperta o fundo castigo,
procura-se a todo o custo a presença do inimigo:
ei-lo, aquele que se diz eu desflora a consciência,
irrompe no real como uma contradição da ciência,
anula o singelo poema que se fabrica pelo dia.
Há quem ignore o precipício, há quem se ria
das monstruosidades hodiernas, aquelas falhas

onde o ser se perde quando encontra as malhas
da asfixia, do desespero, da angústia deplorável.
Descobrir e ignorar é a arte de hoje: amável
cegueira, a terra necessita da colheita humana,
vive de cadáveres pelo seu húmus, alma insana
exigindo da palavra um grito, um arroubo, a asa
que liberta a escrita da prisão intitulada casa.
Não há bafo que seja completamente eterno: agora
basta dizer a contingência sibilina desta hora!

24/12/83

FELICIDADE

O descanso traz-me, novo, a felicidade.

Apetece vogar, irreal, pelo sentido,
desmerecer qualquer tipo de brilho, sabe

bem permanecer neste pensamento de nada.

Não há maior prazer, maior honra, maior dignidade:

não fazer nada. Estar, sereno e maiúsculo,

homem do universo, observando a irrealidade

de haver homens e coisas e o próprio mundo.

Tudo o mais está a mais. Não merece, de mim,

a palavra, o sonho, a estranheza desta tarefa.

Nada. Nada a fazer, nada como ser, nada a ser.

Sinto-me tão humano! Tão real, mais: tão vivo!

Tudo e nada balançando ao som da música,

da voz profana que repete os olvidados

ritos, rictos e máscaras do passado teatral.

Argivo encanto, descobrir-te no amplexo,

insubstancial como passar horas e dizer

que se vive, que é vida o que se sofre tanto!

Estou aqui, ó cosmos infinito! Aqui sou,

o altar e o mito, a história do conflito

que desenraizou o animal do húmus putrefacto.

Aqui, gentes de outras galáxias! Vinde

até mim, até ao mais íntimo de mim, abri-me,

esta calma alma que se abriga no corpo,

e sugai-me, e chupai-me, lentamente, lentamente,

num sensual desmaio de mim mesmo sangue,
algum espermatozóide, algum suor do irónico tédio.

Encontro-me miraculado pela inexistência,
elevado ao cimo do êxtase, tão pacífico:

lê-me! Recolhe nas entranhas do sonho
os indícios, e percorre-me, arfante destino
subindo o rio, descendo a montanha livresca.

Não estou aí e aí sou, mais do que nunca,
mais do que sempre. Nenhuma língua desagua,
nenhuma história é literária. Aprende!

Esta é a felicidade. Plena. Feliz cidade,
saber morrer com o riso nos lábios, sabiamente!

24/12/83

UNIVERSAL E PATÉTICO

Declina suavemente a tarde, puro ouro liquefeito
ardendo nos vidros ao poente virados. Amor, ser
eleito pelo tempo, a casa plena de família, a hora
deslizando como um encanto que não teve começo.
Nem história. Apetece tanto escrever a linguagem
da ausência, da única ignorância que não falha!
Amor, estar assim, sem te saber nem te suspeitar,
sereno olhar lançado para o fora, ouvindo risos,
ralhos pretéritos daquela que foi mãe na casa
que me visita de tempos a tempos no sonho casto.
Fui filho de alguém, não me bastou a humanidade.
Serei finalmente pai, mão estendida e protectora,
fingindo que tudo está bem, o universo como a dor.
Amor, amor tão grande e alto! Sinto-o bem dentro,
na parte de mim que escapou à maldade social,
ao traumatismo delirante do poder que se castra.
Sinto como se fosse possível sentir a criança,
a memória, a sensível língua da terra que ciciza
quando fala e diz: vem, pequeno, vem até mim, agora,
vem encher-me de sonho e de riso, quero-te carne,
corpo quente subindo no meu, humidade redentora!
Só pode ser amor, mesmo quando trágico! Por isso

não respondo. Calo-me. Espero, feliz, a arrumação,
o arremedo ontológico do destino que se ignora,
para, deixando de ser, poder dizer que tudo foi vão!
Amor, tanto amor desperdiçado! Tanta guerra íntima,
interina, interior, intestina, intermédio da rotina
onde se vive, onde se escorrega, onde se encalha!
Mas o amor resiste, e faz descobrir nas ruínas
a imagem sem flor da esperança que não abandona.
Tão pura tarde, tão pura vida, se fosse possível
senti-la sempre assim, como um derrame universal
e patético do estranho amor que obriga a cantar.

24/12/83

ESTE MEDO

Na limpidez da tarde debutante escrevo,
escrevo este medo, esta sombra, este assombro,
trazer dentro de mim a morte, o ponto chave
donde irradia todo o mal que me consome.

Não sei o que dizer, que dizer me parece vão,
hábito desabitado pela chama, pelo nu apelo
onde vi, tantas vezes, meu ser passar, ustão
terrível propagando-se ao redor da existência.

Agora a figura e o medo, o único sussurro
que paira, que entontece, que cobre o olhar
onde nulo horizonte se perfila, o símbolo
de pacotilha onde a civilização do homem ri.

Sinto que estou e já passei, que nada é real,
que viver se perdeu numa encruzilhada fatal,
sinto como quem desobedece ao segredo nenhum,
como se estar reduzisse meu ser a memória.

Não há serenidade neste medo, nem presença.
Do mundo a música esvai-se, o poema esbarra
diante da necessidade e da dúvida feroz:
valerá a pena, valeu a pena? Não há resposta.

Tristeza, viver-te assim, tão despossuído,
aqui nesta casa onde não conheço a essência,
aqui neste universo do qual ignoro as leis,
sempre sem lugar, a vida algures, na distância.

A terra fria do inverno, espelhada pelo sol,
como a amo! Se fosse só estaria sempre acompanhado,
filho da natureza onde o enigma impera absurdo,
livro incapaz de leitura, de sentido achado.

29/12/83

DA DESPEDIDA

Sai-me um sentido do grito que habito bem fundo
em mim. A natureza da tarde não compreende o mal,
o encanto em que me encontro, devastado pelo mundo,
pela sucessão de crimes que faz a história casual.

Hoje estou mesmo aqui, merecido lugar da ausência,
e vivo o que respiro, o que medito, nulo pensamento
passando revista ao que não fui, que a permanência
possui leis extraídas da cegueira do descontentamento.

Esboroa-se o passado, a própria memória desconhece
quanto a desfigurou, diz, balbuciando, o riso infantil
daquele que me foi em tempo que ainda amanhece
como se tudo fosse possível na terra primaveril.

Nada do que é vivido está à altura da morte:
não há preparação, nem filosofias amenas, há isto,
estar aqui súbito imprevisto, desfeito pela sorte,
incapaz de se viver o sentimento dúbio, misto.

A carne, sei-o agora, não sou eu. Matéria amiga
enquanto dura a juventude e o engano da ilusão,
logo se transforma, patética e dolorosa, em inimiga,
quando o tempo se cansa de manter a perfeição.

Tudo passa, menos eu. Nasci, vivo, morrerei. Passar significa sobreviver ao cataclismo e ao medo, conhece a metamorfose como necessidade e altar onde a mudança reveste as máscaras do degredo.

Depois de morto, nunca fui, jamais serei. A vida escolherá outras vítimas, bafos do animal quente que alimentará a cadeia da ilusão. Da despedida nenhuma história rezerá: se o fizer, é porque mente!

29/12/83

DOR

Sinceramente admito a minha dor.

Viver, súbito, perdeu o seu brilho,
resume-se ao hábito, à queda no mutismo
onde penso revigorar o perdido ardor.

Largo olhos sobre o horizonte: tão bom,
ver a plena fuga da linha que delimita,
e sentir dentro de mim o percurso aflito
onde navego, onde transpiro a odisseia.

Vai e vem este sentimento de nada.

Nulo esplendor sacode esta hora.
Lá fora tudo passa, tudo arvora a rotina
onde descubro o apaziguamento da dor.

Estranho cataclismo nas minhas entranhas!

Fugir não posso. O mal existe no íntimo,
de dentro envia o sinal da corrupção, argola
onde estremeço só de pensar que é possível.

Desfiz meu corpo pela intemperança.

A fome e o desejo foram as máscaras
que me diluíram no dia a dia, hoje habito
onde o mais profundo da tristeza ciciza.

Trago, imundo, a franja desse mundo que odeio,
dentro de mim a ironia não podia ser
mais perfeita, o destino mais cruel. Viver
onde o mal colhe a sua árdua colheita.

Sabia-me fraco, mas não tanto. Havia o sol,
a esperança no amor, no desmaio anímico,
havia sobretudo o poder de criar a humanidade
onde o homem destrói a ideia de futuro.

30/12/83

AS MODALIDADES DO MAL

Dolorosamente sinto como passam os dias,
as horas sibilinas, os minutos intestinos.
Gostaria de não estar aqui, que aqui diz
quanto sofrimento corta a carne do meu corpo.

Mas é o que de mim se resolve em espírito
que atroa, que sacoleja as razões da crueldade,
que repensa os passos sem areia onde vivi
um sonho perdido de vagabundo e de palhaço.

Não vou desistir facilmente! Ironia, ontem,
acabrunhado pelas peripécias da profissão vil,
achava-me capaz de suicídio. Hoje, doente,
agarro-me sem metáforas à anfgama vida.

Quero viver, quero viver! Mesmo infeliz,
objecto, repercutido pela imbecilidade actual
dos povos como dos países, quero viver,
longe ou perto do ser, animal ou puro escarro.

Quero infinitamente viver, ó carne fraca!
Viver, viver, viver! Não importa como nem porquê,
mas viver, mesmo assim viver, de qualquer
maneira viver, viver, viver, viver sempre.

Ouve-me bem, ó corpo! Quero viver. Ouviste?
Sei que disse mal disto tudo a que chamam vida,
sei que sou incoerente ou mesmo cobarde,
mas mete bem na cabeça, eu quero viver!

Não há mas nem mais nada. Há este desejo,
tão fundo como o teu desacordo, tão entranhado
que me parece impossível a tua traição:
lembra-te, quero viver, e não me podes deixar mal.

30/12/83

MAIS MAIS

Súbito, este desejo inexpugnável, de querer voar,
de me lançar pela janela fora porque é fora
que me sinto, e tão longe, ouvindo esta música
que apela e queima e chama, dizendo-me: vem, vem!

Estou de tal maneira transtornado que me iludo,
apago em mim a luz do quotidiano e subo, feliz,
pelos ares que me espreitam e aliviam da dor,
sentindo, sentindo, sentindo que sou outro!

Onde pertença arfa do tanto amor que me despede,
aqui vou, ignorância, em teus braços de névoa,
tão bom voar, transparecer na nuvem, eclodir ar
pelo azul terrível da nossa necessidade interior!

Sinto-me diferente, mais mais, já não o homem
amarfanhado pela carne doente e que desobedece,
serei espírito, e puro, e etéreo, para percorrer
assim a liberdade sem corpo do prazer eterno?

Um desprezo total por isto. Não pela vida,
como a sinto, mas pelo que se nos oferece hoje
nestas sociedades capitalistas, o ramerrão sujo,
a ausência de história na memória das povoações!

Viver tarda, digo-me absorto e incompleto, antes
desaparecer neste voo de mim mesmo medida futura
de quanto desgoverno faz a felicidade do homem,
esta energia pairando como testemunho divino!

Vogo vago ondeando pela imaginação do momento,
a hora estilhaça-se de tanto movimento, sinto
como nunca a disponibilidade dos meus olhos,
ver real o voo onde me desfaço da vida terrena!

3/1/84

SE

Ele escapa-se pela miséria da doença,
sem saber onde ancorar, com que ideia
permanecer durante as árduas horas do dia.

Vê a chuva cair num solo empapado de lama,
o céu tão baixo que toca os telhados rubros,
o cinzento transformando sua vida em cinzas.

Ouve noticiários que lhe dão fragmentos
parciais do mundo. Mas sobretudo, como sempre,
ele ouve a música do século, o blues da origem.

Sente? Dentro, isto é, não coincidindo em pleno
com os objectos que rodeiam, estáticos apelos,
procura descobrir quem lhe é mais caro.

Sentir perdeu a razão de ser. Uma nódoa
dilui o pensamento em que se perde, o medo
corrói e lambe o corpo visível do espírito.

Que lhe acontece? O olhar dardejante de ontem
renuncia, trágico, à luz da terra e do universo,
a alma, refundida em livro profano, deblatera.

Não quer desejar nem querer. Sentir apenas
que está sem saber se é homem ou outra coisa,
estranho elo onde a cadeia falha de enigma.

Tristeza tanta infiltrando-se na vida,
o corpo disperso pela presença dos órgãos,
a totalidade desvirtuada pela corrupção carnal.

Está, solene, no outro lado da existência,
e vê, e ouve, e sente que tudo poderia ter sido
de maneira diversa se o mundo fosse outro. Não é!

8/1/84

SE POSSÍVEL

Não saber por que estou aqui resolve-se assim,
pelo poema, tentativa milenária onde a perdição
ganha talvez um outro jeito, uma outra medida.

Faço chegar até mim parte da natureza: vejo
o bafo do sol frio sobre as fachadas ardentes,
roupas esvoaçam o pouco vento que as seca,
árvores esqueléticas despem-se da folhagem.

Não vou perguntar mais uma vez: é isto a natureza?
Não interessa. Vê-la enche-me de esperança,
não sei porquê! Como se a solidão que é minha
se desfizesse pela realidade da matéria.

Tudo está, ora cerco, ora referência, visível
apelo quando a terra encontra o mundo habitável,
não o da sociedade humana onde o mal impera.

Sinto-me extraordinariamente bem. Apaziguado,
puro, margem do erro que faz perigar as ciências,
homem entre o animal que sacode o seu pênis
e a consciência de que o real comporta algo mais.

Não é uma ideia prosaicamente religiosa. Não é, mesmo, uma ideia. Mas é, tenho a certeza. Basta-me existir na contemplação dos íntimos processos que revolucionam a natureza, minha ambiguidade plural e dicotómica, fluxo sensível da presença!

Daí, talvez, a dificuldade deste poema. Da sua origem, que da leitura tudo se rege pela sensibilidade perdida no esmero em que se coloca o destino hodierno. Cabe-te, leitor desperto, bafejar a língua! Nela encontrarás a porta, e se possível, o porto!

10/1/84

IDEIAS

Ideias terríveis perpassam silentes,
ideias de outras coisas, algumas inexistentes,
ideias compósitas onde o pensamento enlouquece,
ideias por vezes tão ideais que o mundo explode.

Em volta, ver tornou-se no registo sintomático da doença, estranha forma sublimando o corpo, esporádico brilho vituperando o roído espírito.

Disse bem? Ele desconhece porque não possui armas, da retórica esqueceu as regras, do estilo tem a certeza que cumpre o seu fado. Disse bem?

Que bem procura, ele que desmaia diante da loucura?
A rima fácil? Ou o rumo, esse, antiquíssimo, da figura que jaz esquecida em algum livro de alguma época?

Pobre na essência, ele sente que, ao ser, desobedece. Não sabe porquê, mas suspeita. Nada da realidade peculiar do mundo é ele, cabe nele, sai, solene, de suas entranhas. Na ambiguidade constrói a casa.

E isso é imperdoável! Porque, porque... Não sabe.
Destituído de dilema, acha-se entre fogos ditos
cruzados, quando na realidade, insiste-se, é dele
que nascem as chamadas impossíveis de chamamento.

Como náufrago repete-se. O mar tão maternal,
tão profundo. A jangada deslizando ora suave,
ora demente, sem direcção precisa que não seja
a viagem, o fim num escolho da escolha do começo!

Pobre sem essência! Passa, vocífera, arqueja.
Que ideias capazes de o abrigarem do delírio?
Que ideias?! Redutoras metamorfoses do pensamento,
a vida facultada à vida a tautologia da matéria.

10/1/84

TEMPOS

Aproveitou uma tarde de folga, inverno pleno,
para falar com o sol. Na marquise dourada, só,
gozou como um estrangeiro a súbita paz. Homem,
esqueceu completamente a língua do começo, ver
era-lhe mais necessário que sentir ou pensar.

Mas viu? Pouco se sabe da sua memória. Parece
que o real não lhe permitiu a sensação do dentro
como a do fora. Em pé, fixando nos olhos ávidos
o clarão, balbuciava estranhas palavras, sons
estarecidos de um mundo que ignorava apenas.

Viu talvez longe o perto da existência humana.
Sentiu, talvez perto, quanto da vida se esvai,
escadas que se sobem e luzes que descem ao mar.
Sonhou que era possivelmente ele ou um outro?
Dizem que, em pé, permaneceu horas de tempo solar.

Estava cansado da tanta insofismável dor, aberto
olhar subsumindo o testemunho do mal. Ele vivera

longos anos fingindo que era, e agora, descoberto
pela polícia dos costumes, definhava lentamente
ao som ignominioso de uma rotina dita universal.

Quem lhe pertencia ignorava. De onde viera dizia
o prosaico enigma das histórias para crianças,
para onde ia obcecava-o nesse fogo onde a paixão
estiola o que resta do ser, parábola do jogo triste
que o desmerecia, não fora o fim que o humanizava.

Que lhe disse o sol? Apenas o calor de poemas?
Que imaginação o salvaguarda? Que tempos sulcam
as olheiras que o navegam, que realidade o foi?
Ninguém conhece o seu drama. Solitário, aquecido,
fingiu que compreendeu o esquecimento encontrado!

10/1/84

QUEM É

O quarto diluía-se no apogeu da luz vespéral.
Não fazer, era o lema. Abertos os olhos, sentir
comungava da tarefa milenária que é fingir:
viver um segundo tão longo como a inolvidável
voz, aquela que aparece quando a alma tarda.

As paredes brancas nadavam no brilho essencial:
figuras antiquíssimas, da cultura desrespeitada,
irrompiam como fantasmas do futuro, soez baile
de sinais perdidos na insignificação do século.
Ler foi a revelação, sentir colheu-o em espasmos.

Todo o seu corpo propendia para o abismo. Não é
imagem ou fissura da linguagem, é a verdade. Nua,
aquela que não lhe pôde ser mulher traduzia, ágil,
o mistério dos tempos, a matéria defectível onde,
suspeitara, um dia viria a sucumbir de tanto amor.

Quem era insurgia-se, com a terrível memória
dos factos a vida parecia um solúvel sonho. Ir
ao âmagô, a proeza, mas onde encontrar, no corpo,
a consciência do tudo como do nada? Vazio era
o quinhão que lhe cabia, não fora o verbo ornato!

Ao ver na ritual parede o melómano mito explodir,
lembrava. Músicas onde corpos souberam sobreviver,
livros escritos na intemperança do sangue jovem,
mulheres que o fundiram num estertor apaixonado.
Não há história que lhe seja capaz, mas há a paz!

Solene, pela rima rara do súbito poema, ei-lo,
pela primeira vez desvelado, na nudez mórfica
da raiz que o alicerça ao chão da terra plena.
Solene, chora, comovido por não se ter esquecido
de que fora homem. Quem é, ignora. Sinal do tempo.

10/1/84

UM CASO PERDIDO

Sento-me à mesa, não sei que homem, que emoção,
e no entanto sou. Medito. Primeiro no fora, este vazio,
depois nas palavras que escrevo neste poema.
Medito e algo me confunde, não porque me ultrapasse,
mas mais porque não se deixa apreender. Viver,
então, é isto, é assim? Resposta nula. Insatisfeito
com a direcção que o poema se impõe, paro.
Súbito perplexo, pela ousadia que significa ser
sem um possível tema, utilizando ainda o possível!
Sentei-me à mesa onde a máquina de escrever
esperava, canina e trágica, o meu ardor, a minha ânsia.
Não esperava encontrar nada de novo. Pelo contrário,
sabia, subterrâneo deslize da memória desfibrada,
que acharia apenas, quente e febril, quem não sou.
Mas vim escrever, porque amo, mais que tudo, e é tanto!,
descobrir em mim uma página capaz de essência,
do fluxo eterno que me mantém vivo e sem poder.

Mesmo que me seja estranha. Ou adventícia. Quero,
mil vezes repeti ao longo da pouca existência,
o meu desejo. Sacudi a gramática porque para caber
no mundo tenho de ferir a orgânica do actual.
Não é por acaso que me tomo, irónico e louco,
por um grande poeta. É um acaso precisar de dizer,
hora a hora, através da escrita ou do corpo, que vivo,
que estou plantado na contingência das coisas,
sem saber de onde vim nem para onde vou, se sou?
Levanto, como um homem sem século, a contradição.
Rego-a com o meu sangue, faço-a ferver de raiva,
desmerecer a sorte que me trouxe ao apogeu da queda.
Nada vi, mas tudo senti, passei, passo incoativo
do tempo onde eclodi sem no ser, que meu enigma
desfigura a história, arroja o pensamento ao sublime
da ausência como da ignorância. Sou um caso perdido.
Um verbo onde a substância tem horror do espírito,
um sopro que vasculha na pele o sinal da escrita.

13/1/84

E DEPOIS?

Age sobre ele nenhum vento da desesperança.
Mas sente, reduzido, o fio da memória perder-se
sem aparente substância. Reflectir acolhe-o,
ver passar o tempo destrói um pouco da essência.
Haverá? Sem centro, como o mundo, mas tão longe,
não sabe se realmente sente, se inventa o homem
que cresce nele, que com ele convive na solidão.
Continuamente lê o percalço, o acidente, e busca,
na experiência do fogo, que é disfarçada paixão,
desmerecer o castigo antigo de outras épocas.
Não se trata de ser ou não ser novo. Tudo eclode
como um pensamento que não percorre a língua,
uma sombra sem traço de semântica, e no entanto,
dizendo, mais até do que insinuando, que há vida.
E morte! Oh! ele sabe-o, mesmo quando o texto falha.
Ele compreendeu o mecanismo da última metafísica,

deliu do seu espaço a ideia de homem, sucumbiu,
apanágio do sem coisa, ao fascínio do outro além.
Não há mistério, disse-o muitas vezes. Mas há algo.
De essência duvidosa, fora de qualquer filosofia,
pelo menos conhecida, de qualquer ciência amadora.
Ele sabe-se eterno, e não deplora, em choro brando,
o engano que corrobora. Porque a desrazão impera,
animal de sangue e esperma, pelo lugar que é seu.
E giza, em arabescos seculares, a história moderna,
mesmo se o tempo, aí, se perde como simulacro fatal.
Não basta compreender. Basta sentir para que se saiba
que a ausência significa mais que um vazio perene.
E ele descobriu que na língua, posse milenária
do disparate, o crime assegura, pelo contrário cicio,
o testemunho impossível de uma origem reveladora.
E depois? Bem, há limites para tudo, disse-o alguém.
Na fronteira, mão surrada pelo ódio contemporâneo,
escreve em febris peripécias a viagem como sonho.
Apresenta o enigma ao leitor impossível, e chora-o!

13/1/84

UMA TEORIA

Depois nada é o mesmo, a mesma dança
sobe e desce esquemas insubstituíveis,
corre pelas paragens da hora, sensível
olhar quando num gesto humano aflora
o brilho, a luz, o sedimento da espera.

Tudo, parece, permanece em figuras ocas
pelo espaço da demência, máscula máscara
da vibração que percorre o corpo árido
onde o pensamento pede refúgio e ânimo
para poder sobreviver ao cataclismo.

O que sucede não acontece por acaso.
Acaso a vida se compadece com os erros,
as formas, os sistemas com que se deseja

arvorar uma teoria capaz de domínio?
Vencer a ignorância é a viagem louca.

Entre chamamentos dos mais diversos,
ei-lo que se recolhe e se expande, o verbo
moderno, tacteando ao longo da imagem,
na procura obscena de um mito. Mas a multa
marca-o, eterno ferrete da conspiração!

Essência, apregoa o mutismo da dádiva.
Mas é a dor que soletra o caminho azedo,
que penetra no escaninho da memória mártir,
abrindo brechas imponderáveis na certeza
com que se brinda o dia de hoje no eterno.

Fica o ritmo, a música, a sonoridade esporádica.
A presença de um além como de um aquém, nunca
deste lugar, e que é aqui. Aqui evola-se, sai
das coordenadas mentais como civilizacionais,
ignora-se o ponto onde viver é perder a hora!

13/1/84

VIVE

Afastado pelo sono da órbita sensual,
ei-lo, o inominado, aflito por possuir corpo
onde outrora se alojava o mecanismo servil
da memória. Nada o redime, tudo o alerta.

Cansado na verdadeira natureza da voz,
desmaia fingidos colapsos verbais, apetece,
diz-se, sucumbir neste estádio temerário,
borrão fatídico entre objectos sóbrios.

Nunca está aqui, e no entanto, está aqui,
quando a palavra o atraiçoa e voa, solene, até
ao apogeu da leitura, onde outro se insere, nu
despertar para a origem de todas as coisas.

Não é difícil ganhar o tempo, que é saber
percorrer o homem que se despede. Mas vale a pena?
Para quê, se inútil é a glória, e se passar, tolo,
pela glória, significa apenas que se falhou?

A nédia medida, a bitola, perdeu-se algures
no remoinho sem história. Claro que se continua
a comprar a permissão dolorosa do julgamento,
mas mais ninguém ousa desmerecer o arbitrário.

Quem se perfila pelo poema não existe:
não cabe nas tipologias do ardor moderno,
não prefigura nenhum rito sabido de antemão:
quem se apresenta finge para sobreviver.

Como pois colocá-lo no frontão do autor?
Actor da tragédia que nega o teatro, mascara
de ausência a permanência, e, insólito, vive,
como se fosse possível a inexistência!

13/1/84

COMOVIDO

Não sabe como expressar no longo poema a parte
que lhe cabe da confusão universal. Sabe sentir,
homem frágil, a fragilidade da visão, a natureza
mediocre do pensamento que se alça à descoberta.

Cansado da realidade que o enfrenta dia após dia,
sente naturalmente prazer neste discurso manso,
as palavras deslizando e surdindo como música,
linhas da força que o abandona pela alta idade.

Sente-se, estúpido, história! Não que não lhe baste
ser provisoriamente homem. Mas, louco da origem,
acha-se no sem centro da época, debitando faúlhas
de um fogo que o transcende quando se imola.

Confia nas palavras, depois de ter sentido, atônito,
a traição como uma quase necessidade da matéria.
Essa outra coisa que o obsidiou ao longo dos anos
age como memória de um absoluto que se não trama.

Ei-lo, invicto e sereno, no lugar desadjectivado.
Esse ponto mereceu-o, conquistou-o paulatinamente,
vendo-se perder no remoinho do mundo contemporâneo,
incapaz de um gesto que desfigurasse o destino.

Sabe a ambiguidade, e, comovido, espelha-se no vazio.
Que só existe nesse amargo de si em horas sáfias,
quando, mais que ser e longe da animalidade que ama,
arde, literalmente liberto do peso da permanência.

Descobriu que essência e existência escondem a luz.
A luz afaga-o, esse inolvidável sol de sempre lambendo,
sedutor, a superfície do corpo quando é a alma prófuga
que surge, envolta e devoluta, até ao sangue da carne.

29/1/84

IMPROVÁVEL INOMINÁVEL

Procura, profético, perpetuar a palavra.
Diz-se, baixinho, inusitados cânticos, ecos
substanciais da memória que deserta o caos.

Vive nesse limite ainda hoje desconhecido
para a poesia que se faz hoje, consciente
de que vivê-lo é fundamental para a história.

Acredita que o improvável inominável age,
subterrâneo, em cada verso de sangue, crê
no poema como uma metamorfose do tempo.

Vê quanto faz a felicidade do mundo moderno,
assiste aos debates da época intelectual,
um sorriso longínquo como ausência irónica.

Passam as modas como passa a existência.
Não tem lugar na cumplicidade dos outros,
quem se faz desfaz as regras do jogo humano.

Desconhecido, mesmo quando sai de casa,
descobre que algo se perfila entre si
e os demais: não é máscara, mas transparência.

É demasiado puro para poder ser lido
como trivial ficção. As palavras, nele,
não sobem, ficam-se pela materialidade.

Novo conteúdo para o espírito? Destruição
daquilo a que chamam forma? Enigma, paira,
ser onde a crítica não possui catálogos fáceis.

Está como uma nódoa na mecânica hodierna.
Suspira, arfa e grita, mas demora reconhecê-lo
como se a inexistência negasse a palavra.

29/1/84

COMO UM UNIVERSO

Falta-lhe escrever este último poema
para que o livro seja, ele sabe-o e deseja-o,
desconhecendo contudo onde irá parar.

É que a brancura do papel deixou de significar.
Não há palavras, como deserto ou pureza,
para concitar o verbo, nem há possivelmente
quem se identifique com qualquer coisa!

Tudo é mais simples, parece-lhe, mas indizível.
Apetece-lhe, como tem feito nos últimos meses,
socorrer-se da natureza disponível, mas repetir
o mesmo esquema não lhe servirá de nada.

É que a mudança operou-se, insidiosa, ctónica,
imiscuindo-se em cada sopro do ser,
e uma nódoa, ou neblina, ou nebulosa,
paira agora dentro de si como um universo.

Ele que tão carnalmente amou quando amou,
não sabe o que fazer do seu corpo dorido,
não sabe até que ponto o é, porque a suspeita
ilustra-lhe agora o espírito independente.

Aquele que fora, apesar de tudo, uno,
desdobra-se em matéria e eternidade,
não sabendo o que sentir quando sente
que algo nasce, explode, irrompe, fala.

Espera, comovido, que não seja a morte.
Mas tenta proferi-la para esconjurá-la.
É novo, e a novidade não lhe agrada!

5/2/84

LIVRO II

EU NÃO EXISTIA, ESTAVA ALI

Bem-aventurado o que pode graduar, como Goethe, a dose de anfião que quer tomar, que poupa as sensações e a vida e economiza as potências de sua alma! Nesses, porém, é a imaginação que domina, não o sentimento. Byron, Schiller, Camões, o Tasso morreram moços; matou-os o coração. Homero e Goethe, Sófocles e Voltaire acabaram de velhos: sustinha-os a imaginação, que não despende vida porque não gasta sensibilidade.

CAPÍTULO XXIX - Viagens na minha terra

ALMEIDA GARRETT

I and I
In creation where one's nature neither
honors nor forgives

I and I
One says to the other, no man sees
my face and lives

BOB DYLAN

MANHÃ DAS MANHÃS

Manhã das manhãs, inaugural e plena,
sentir-te transfere-me para esse ponto de mim
onde sentir se transforma em outra coisa!
Manhã solar envolta de quanto frio é inverno,
ter-te nos olhos faz-me adejar, levantar voo,
pleno pássaro universalizando a experiência etérea.
Manhã terrena, profundamente enraizada nos ciclos,
amar-te acontece como se fosse possível viver,
viver a luz cristalina, a convenção da época.

Sou homem, não te esqueças!
Homem ferido por quanto rebotalho se diz ordem,
por quanta mediocridade infere um destino humano.
Não te esqueças, manhã vibrante, que o apego é grande.
Não duvides da esperança infantil que me cega.
Não desiludas meu íntimo, ctónico desejo: viver!

E embora não saiba por que digo que sou homem,
lembra-te, manhã, que vives de pura graça e nu enlevo,
como eu vivo a dor no apogeu do mártir sofrimento.
Há razões tão viscerais que eclodem à superfície,
fazem-se corpo de uma paixão, carne de um amor.
Há sentimentos que nascem sem lugar para viver,
desaguam na alma contemporânea como exílios,
sussurros e cílios aplainando a ferocidade prévia.
E embora não compreenda a necessidade de o dizer,
digo: Manhã, manhã, aceita-me mistério da natureza,
justifica-me como maravilha do universo incógnito,
pressente-me ser, saída e entrada, materialidade toda!

Sinto uma afabilidade tão grande, aqui dentro,
aí fora, de ti para mim, de mim para ti, manhã!
Nenhum verso vive do que nos consome, e vive,
assim, a poesia que transmites aos meus sentidos.
Há algo, manhã, algures, manhã, aquém e além, manhã.
Não sou eu, que sou homem, mas é-me tão dolorosamente
que quanto sinto traduz apenas a parte que me cabe.

Luz perpétua, manhã, a vida que te dou.
Recebe-me! Recebe-me! Ser-te tanta claridade
faz-me perder o eco de mundos onde outrora viajei.
Sabes, melhor que eu, o porto que procuro: abre-te!

10/2/84

DO SER AO NADA

Não sei que mundo me habita, não sei que homem me vive,
sei que é fundamental escrever a emoção da permanência,
com palavras viscerais, inventadas no momento perplexo.
Sei a dificuldade, o atalho do engano, a ousadia terrível
que é supor um trágico ritmo no desmembramento cósmico.
Sei porque sinto, e quando sinto sei-me alma do universo,
ardente pulsar vibrando em unísono com o vazio eterno.
Sei que a vaga cresce e rebenta e recompõe-se do susto,
tempo e espaço, espaço e tempo no tumulto do mistério
que gravita na medida do humano como peripécia patética.

A importância do saber anula-se quando a terra desmerece
o brilho possível da palavra que não busca ser poética,
mas que instaura, símbolo e estadia, uma dimensão atômica.
Não é por acaso que o acaso insiste nesse logro, escrever,
quantas vezes a inexistência, a catástrofe do árduo verbo.
Só que ninguém percebe, só que ninguém está preparado
para sentir a casualidade da vida como uma aposta.
Todos se baseiam no concreto, na ideia que se faz da morte,
sem ousar merecê-la como um consolo único, ou um prémio.
Todos temem a negação de tudo como inautenticidade cega.

Eu calcorreio a ignorância como uma fértil criança, o caos
como começo, como frémio, como finalidade da sabedoria.
Eu que me perco, e caio, e corrompo de humanidade o cerco,
descubro em mim a chave, a imagem, a voz, a chama desse medo.
Estar é tão significativo como ser, diz mais talvez a vida
que supostas melodias da paixão infinita pelo discurso.
Eu sinto dentro de mim esse lugar sem paradigma nem arte,
vivo-o como ausência da matéria, mas também como presença

de quanto nos escapa por invisível, por insentido inefável.
Cabe-me a mim povoar a distância que vai do ser ao nada.

CHEGADO A CASA, A ATRACÇÃO

Esta tarde tarda toldada pelo clarão solar,
viver espalhado pela superfície das coisas,
 espelhado na ausência como corpo,
 o enigma da fereza que é existir.
Viver! Um suspiro estrénuo, esquecer quem se é,
apenas sentir o amarelo cair no apogeu plano.
 Nódoa imensa e cósmica, carícia mansa
 apaziguando o cansaço do homem breve.
Sim, estou dizimado pela inclemência secular,
apetece somente fingir que viver é respirar.
 Respiro docemente o desencanto, horror
 de quem descobre dia a dia a dor inútil.
Nela naufrago, nela perduto, nela transpareço,
sem corpo nem alma nem espírito nem coração,
 estranho ser semelhante ao começo,
 desconhecendo que fim me abandona!
Mas sinto. Sem ser nem suporte, suporte viver
quanto me alcança de inaudito e de inefável,
 um sorriso nos lábios, um olhar tal
 que o universo ganha da morte rara
o brilho sem par do testemunho e do cântico.
É por acaso que duro, que vivo, que sobrevivo
 ao mais agudo e sanável do sofrimento,
 não é por acaso que escrevo. Sei-o, sei
tão bem como quando olho e vejo o redor tredo,
as peripécias do engano no folhetim do alento.
 Em páginas céleres repercuta o gesto,
 mil vezes o sentimento de perda, arco
onde a imaginação explora o vazio do discurso,
onde a necessidade escolhe a presa e a demora.
 Permanecer sibilino em cada palavra,
 cada som denunciando o ser seduzido
pelo esplendor que tarda, ou só vem tarde demais,
quando a luz deserta o lugar onde arfa a língua.

Nela me encontro, nela me ouço, outro
que não eu decidindo as formas ocas
onde enclausurar o sopro, o desejo, a substância.
Viver? Tudo me afasta desse ponto e dessa arte,
viver resume-se ao esquecimento ágil
com que se festeja a ignorância leda.

13/2/84

A MEMÓRIA DESTE MOMENTO

Tão grande é o desejo de te ser, poema,
de te sentir, de te balbuciar, que venho,
pressuroso, ridículo, canino, escrever-te,
esta alegria inflando ao alto mar, riso
pleno da carne que desconhece a razão.

Tão grande é o prazer de te respirar
que lentamente me imiscuo nas palavras
com que lavro a fertilidade deste canto.
Viver, cicio, assim viver longamente a hora,
cada verso a demora onde o oráculo falha.

Tão grande é a distância que se instaura;
entre mim e o demais, deixa de haver tempo,
a coisa denuncia apenas a presença, e ser
desflora o pouco da pele que subsiste
entre um passado irremeável e o presente.

Tão grande é a memória deste momento,
senti-la no olhar, apalpá-la no corpo,
felicidade para quem sofre quanto diz,
carinho semântico, meiguice linguística
ardendo no plexo da nova monstruosidade.

Tão grande é a faculdade de estar isento,
sem saber porquê nem como, como um homem
que aprende a ignorar quanto aprendeu
em vidas que não desejou, em sujas escolas

que transmitem ao olhar o modelo único.

Tão grande é o silêncio da companhia,
eterna mentira desmentida pelo destino,
coisas que nos acontecem e não são,
factos que nos envelhecem de amargura,
que grande é a vontade de renascer!

15/2/84

DESCULPAS...

Soturnas revoltas perpassam por mim,
gritos de angústia quando arde a raiva,
destruir, o fito, e o medo imediato, fugir,
perder-me no infinito da loucura, a baba
deslizando como detrito da consciência.

Tanta injustiça que não há palavra
nem nome para a vergonha que é viver,
assistir ao crime recompensado, a alma
ponto tenebricoso da influência alada,
voo onde quem sobe mergulha no lodo.

Chego sempre a casa dorido comigo
próprio. Suportar o incêndio coevo,
vociferando no íntimo da esmola actual
hinos que ninguém ouve, cânticos azedos
incapazes de mudança no social desgaste.

E sofrem. Milhares de homens e mulheres,
sábias crianças desperdiçadas pelo medo,
a fome, a sede, a miséria contemporâneas,
como se fosse possível, como se fosse assim,
tão certo como existir uma causa e um efeito.

Condição humana, tão desumana realidade,
viver-te desvirtua-me, depõe-me, ferido,
como animal vítima dos sortilégios cegos

onde a ignomínia campeia e fere e força
o destino sem princípio do olhar eterno.

Que fazer? Deblaterar não chega. Sofrer
por solidariedade não impede a máquina
de trazer à morte, à privação, ao logro,
a humanidade aviltada pelo sofrimento.
Desmerecer a sorte não redime nem cura.

Então, pobre diabo, sem século nem casa,
escolho a alienação como o lar efémero
onde esqueço quem sou, onde me faço,
onde me perco. Não está bem?... Mas o mal
imperá, sombra de um absoluto na matéria.

16/2/84

MISÉRIAS DA FRUSTRAÇÃO

Dez e pouco desta noite cansada,
a música baixinho, do café concerto
onde nos perdemos com tanta asneira.
Noite nacionalmente intelectual, este riso
destituído, esta plausível vergonha.
Mas a locutora fala, o crítico prediz,
ouvinte, nada mais me resta que gramar!
Isto, esta pretensa visão dita cultural
do país que nunca fui nem sou. Resta-me,
como sempre, a música, e basta-me ouvi-la,
até a portuguesa! Que consolo, as palavras
resumirem-se a canções, breves pérolas
iludindo o juízo de valor que nos é tão caro!
Vai-se falar mais uma vez de poesia, da nova
que se faz nesta terra. Que vergonha!
Não resisto, e apago o rádio. Este silêncio...

Depois, no silêncio da casa, mesmo se invento,
procuro reconhecer a razão profunda do meu nojo.
Inveja? Eu que escrevo há anos, que envelheço

como um mau vinho, eis-me aqui, ignorado, mais,
inexistente, ouvindo todos aqueles que nascem
no sem número dos dias da sempre nova poesia.
Todos os possíveis sentimentos desagradáveis
engravidam-me da maldade que tanto desejei
como a única humana e razoável salvação.
Sim, inveja, e dor de cotovelo, e tudo o mais,
para não mencionar o proverbial ódio.
Sem remissão, sem desculpa, terrivelmente
isento, mesmo se este vocábulo não diz tudo.

Não sou poeta, nisso têm razão todos aqueles
que me ignoram. Apenas um homem que escreve.
Palavras que o transportam da mediocridade
do mundo ao sítio da possibilidade, paraíso
infundo nesta terra onde o exílio pensa-se lar.
Estou aqui e não tive começo, e não terei fim.
Quem não é não existe nem está: quem sou destrói
tudo quanto se impõe como realidade de hoje.
Porque não sou poeta, nem talvez homem:
vivo, espanto vivo de quem se desconhece!

E ligo novamente o rádio. Música, novamente!
Nunca a redundância foi tão boa, tão meiga,
para um espírito que não descobre o original,
mas apenas as faúlhas de uma fogueira milenar.
A perdição conhece-me! A queda frequentou-me!
Em cidades da terra padeci todos os sonhos
que desvirtuam os jovens, sonhei acordado
o acordo eterno, a paz, a social harmonia.
Passava fome, dormia em palácios desmoronados,
ouvira quanta língua povoa o mistério humano.
E resisti, graças a isto, ao papel e às palavras,
aos poemas que sofri como a natural manifestação
da carne ferida, molestada, chagada pela existência.

Obriguei-me a desaprender tudo, esquecer
não bastava. Então, dei novos significados
aos sons, enchi de esperma o discurso hodierno,

reflecti o meu ser como uma transparência.
Deixei, para todos os efeitos, até os do truísmo,
de existir. De ser, de estar. Renascer não achou
terra, nem casa, nem companhia. Admira pois
tanta solidão? Tanto desgaste, tanta loucura?

Sou talvez a única aventura que persiste
no século da desventura. Mas ninguém o sabe,
ninguém suspeita, e tudo quanto se pode dizer
de tudo quanto me aconteceu é apenas miragem.
Inexistência, chamo-a, ambígua e filosófica.
Só que custa compreender, porque cada palavra
foi vivida, e poucos, hoje, agora, vivem a vida
das palavras. Das verdadeiras, isto é, daquelas
que saem da matéria como vozes da permanência.
Das outras está o mundo cheio. E fazem sucesso.
Aparecem nos meios de comunicação, inteligentes
mecanismos para tornarem a pobreza mais pobre.
Tanto poeta nesta terra do sem mais nada!
Até apetece desconfiar! Deixá-los ser poetas,
todos os dias e a todas as horas: que mais
poderiam ser, se ser homem e mulher não basta?...
Ouçamos pois os poetas: não poderão fazer grande mal!

20/2/84

PALEIO DE CHACHA

Dias há, misteriosos e sem face, devolutos,
que nos acontecem como se a vida, ou a morte,
respirasse lentamente no silêncio que ao lado
nos rodeia, eco insubstituível da matéria
que somos, sombra fatídica do nosso corpo.

Habitar esse lugar cabe-nos, sem se saber porquê,
quais as razões obscuras que nos pedem presença,
não a de todos os dias, engano mefítico da rotina,
mas daquela que mais nos custa por exigir de nós
a suprema violência, a crueldade mais estreme.

Mentalmente, cicio para quem não vejo nem sou:
estou aqui, estou aqui! Aqui estou, ó possível,
sussurrando fictício e nervoso a emoção lenta,
a passagem por mim de quem me oblitera por bem,
de quem me perde na abertura do cósmico mal.
Ninguém responde, e a lida insana e diária
repete-se, a casa vazia, o vazio pleno, sopros
diluindo a ausência, deificando a permanência.

Um coração longínquo bate no meu peito.
A natureza deixa a abstracção e concentra-se
nos ouvidos, um temível silêncio pontuado de cor,
rarefeito no seu esplendor pelas vozes íntimas
que desaguam nesse terrível rio da consciência.
Estou vivo! mussito, ádvena na própria língua,
estranho espanto onde a luz do dia desfalece
como se fosse natural não haver essência!

Vivo! repito, emocionado comigo próprio, vivo!
Há aqui e ali, há cidade e campo, há tudo o mais,
perto como longe, zumbidos da terra, do mundo,
cósmicos ais transplantados para o recesso.
E vivo! Quem sou como quem não sou, a voz azul
e o silêncio amarelo, a presença e a ausência!
Já tive medo, criança atlântica virada de avesso!
Agora aceito o dia, o mistério, a minha pessoa.
Não é vingança de ninguém, nem conquista à toa.
Mas existe em mim como perpétua ressonância.

21/2/84

DEMASIADO TARDE PARA SER SÓ NOITE

Tanto ódio que é impossível estar a senti-lo assim,
assim absorto e fora de mim, longo bafo inamissível,
longo silêncio vadiando pela casa do mistério!
Mexo-me algo sem razão, sinto um novelo, uma voz
deslizando sons pelos interstícios sem consciência,
tamanho acaso confunde a própria necessidade de pó!

Estou aí, talvez, talvez perdido aí onde tudo se urde
como teia do quotidiano que asfixia o amor.
Terrível ódio, viver-te e sentir-te em mim onda
subindo e descendo e caindo pelo vácuo, estrela
destituída de história ou de matéria, movimento
arcando o mundo, as suas aparências, suas leis sesgas!
Poeira do abismo, vogo, vagueio, veloz barco,
o fogo lambendo a carne nesse incêndio de mim
um outro, desconhecido esse, habitando-me,
ciciando ao ouvido do tempo a criança impossível!
Longínquo, o choro claro de um derrame, a vida
explodindo como bomba atômica sem imagem,
apenas cinzas, calcinadas memórias do ocidente!
Porquê tanto ódio desfigurando a minha presença,
sol chamando meu espírito, meu ser, minha casa?
Onde estou, ó perecível, para que nada se resolva?
Estou algures numa esfera onde o medo medra,
o susto sustém a agonia da escrita que me dilacera?
Quanto sei, vi, vivi, descobri ao longo dos anos,
dorme no amálgama da experiência, nem um poente
capaz de me lançar na dimensão do real, mas o brilho
horrível do sonho, sempre em frente, futuro onde
o espelho desafia o espaço, a estética, a medida!
Deixa-me!, afasta-te de mim que me perdes, grito
raivosamente, de dentro, como loucura que se fende!
Trágico sono neste cansaço anímico onde a guerra,
ar que se respira, alastra, figura mítica do poder.
Não há saída, não há porta! Há este desvão, esta letra
sugerindo a palavra que se teme proferir, perda,
arte! Escapar não alcança nem desmascara o sal
sem terra nem esperança: é ódio, e eu sei, homem,
fio, febre, paisagem da passagem nesse espaço outro,
é som seduzindo o olhar, a palavra tão doente
que abandona o corpo para voar no azul da sorte.

23/2/84

PARA UMA METAFÍSICA DA EMOÇÃO

Diluído pela noite sinto que percorri, ontem,
aqueles caminhos cujo esplendor é esquecimento,
para que seja possível viver, persistir neste canto.

Estava transtornadamente perplexo pelo nada,
essa força que age, ctónica, através dos veios
onde a alma desiste do seu frontão histórico.

Vivi cada minuto como uma cena de horror,
as imagens reais deslizando fictícios sons
onde as palavras não se conheciam de tanto ódio.

Agora sinto-me patético, fútil, homem.
Tudo passou, tornado existencial e feérico,
fiquei comigo como se a sombra fosse verdade.

Estou bem? Simplesmente estou, possivelmente
empobrecido, talvez com mais alguns mistérios,
carcaças de um tempo que não admite ilusões.

Mas estou, e é isso que me interessa!
Percorrido pelas ficções da contemporaneidade,
incapaz de me saber ou de me encontrar em quem sou!

Vivo?...Oh, sim, vivo pacificamente devoluto,
absorto na minha ausência como quem se cumpre
sabendo que tudo é mentira, ou não é suficiente.

E ouço, uma vez mais, a canção, em forânea música
onde renasço, já não o homem do corpo nem da alma,
mas a emoção onde o sentimento dita as leis.

Chamo-lhe, não é novidade para o ocidente,
coração. Dorido choro, brando estremecimento,
sentir-me em uníssonos com o nada do universo.

Castigo? Dádiva do eterno. Um sopro benfazejo,
saber-me sem centro no âmago da minha existência,
ser revoltado na telúrica opacidade do vígil sonho!

24/2/84

FM STEREO

Fantástica noite, essencialmente perfeita,
noite do possível ouvindo estas canções já históricas,
ouvindo como se fosse a primeira vez,
maravilhado, elevado ao cimo de mim homem perdido
em quanto se diz e faz civilização ocidental.
Homem me quero agora que escuto o tempo,
agora que finalmente compreendo quem tenho sido,
um homem longe da metáfora como do brilho imagístico.
Tempo, segura peça do jogo onde evoluo,
ficar aqui desloca o sentido de hoje,
cada música acrescenta ao ser o percalço da hora,
cada minuto desflora em mim uma máscara despercebida.
Ouço, terrivelmente desperto e sonhador,
não recordo por fatal o passado nem a origem,
vivo, como o primeiro aceno, a voz, o poema,
a língua estrangeira onde me debruço,
tão longe o clarão, a luz, a fonte.
Nada da noite me incita a ser feliz,
excepto a rádio que debita quanto fui,
por terras alheias, dentro de outros sóis,
longe de mim, tão perto da sombra, da subtil morte.
E sou feliz, oh, como sou agora feliz!
Aqui, nesta sala deserta da família deitada já,
ouvindo-me, sentindo-me respirar, tão lentamente,
tão silenciosamente para que surda a música,
essa parte do mundo que me arvora ao máximo de mim!
Vivi todas estas canções, senti-as no meu degrado,
inventei-as na mansarda fria quando o inverno zurzia,
esqueci-as para melhor as percorrer num futuro
que é agora, que é aqui, que é hoje.
Tanto de mim ainda em mim! Tanto do passado presente!

Música, viver-te foi meu destino destemperado,
minha dor, meu delírio, minha salvação!
Tudo se passou como se fosse necessário passar algo,
cada passo fez-se acompanhar de uma melodia,
cada choro descobriu a melhor voz para o sentimento.
Estou aqui e não ardo, não agora que ouço,
e vejo: a vida respirando o seu natural curso,
independente das ideologias da contemporaneidade,
isenta como um brilho que não tem começo nem fim,
mas que dura, persiste, bruxuleia no sem fundo de mim!

4/3/84

VERSOS LONGOS, UNIVERSOS VAGOS

Não sei bem o que sinto e sinto, dentro de quem sou,
um fogo, um clarão, uma fala terrível dizendo-me vivo,
como se fosse necessário ser estúpido e inessencial
para finalmente se compreender que tudo é absurdo.

Mas não é sofrimento o que me alaga e alarga o voo,
é um estranho prazer conquistado ao tempo e à carne,
um sentimento de eternidade que não esconde a morte,
antes a prevê como a fulgurante saída para o nada.

Um prazer que cresce em mim, que nasce de quem vivo,
sensação ao mesmo tempo trágica e leve, espaço breve
onde recapitulo quem nunca fui por impossibilidade,
onde ensaio quem desejo ser para que tudo se resolva!

Sinto longamente o corpo, o espírito, o voo sibilino
que me leva pelos ares do símbolo antigo, sinto tudo
como se fosse eu a história que me conta o vil mundo,
e acredito na criação como um selvagem do pensamento.

Passei por muitas terras, tantas angústias e mordanças,
vi diante de mim o fim, cortei-me da realidade humana,
abri veias, veios apocalípticos do tanto amor sonhado,
escolhi descer aos infernos para saber a luz do mal.

Agora invento o que sinto para que seja viável viver,
viver dentro quanto se faz inóspito fora, o cansaço
do moderno desamor, a confusão das políticas azadas,
a ambição da pobreza diante do altar e da mediocridade.

Estranho desconhecer o que me vive perto, esta terra
onde homens guerreiam a sexualidade que vão perdendo,
esta paisagem tão directamente humana e tão cruel
que parece impossível aceitar a paternidade do homem!

Sei que sinto e sou feliz por sentir quanto me invade,
essa ideia infeliz, esse rodopio da imaginação falhada,
este presente votado ao miserável deslize da cegueira
onde a pátria que se ganha perde-se em vãs batalhas.

4/3/84

MAIS UM DESABAFO

Dias tão magnânimos desperdiçados assim,
pelos afazeres acéfalos que prendem à casa,
pelos receios de um futuro tenebricoso.
Apetece, no íntimo, acariciar o sol,
espraiar os sentidos sobre a terra,
sentir humano o destino que nos deram!
Apetece até deixar de ser quem se é
e viver a musicalidade dos arredores,
a luz da manhã que tece nas fachadas pobres
alguns clarões de sonho e de mistério.
Mas dentro, bem fundo, jaz, terrível e imundo,
o medo, corroendo cada fibra já sem alma.
O medo, anátema social caindo sobre os ombros
da estupidez colectiva, que a outra esconde-se,
subterrânea e mesquinha, na frustração diária.
Terrível postura, ser avaliado por quem não me é,
esses guardiões e polícias dos costumes, cães
de guarda da ordem que prevalece no capital!
Elogiam, coitados, o trabalho como fito e fulcro,
ai daquele que ama a preguiça, o sol, o calor

de países interiores, fictícios como o coração!
Eu sou um deles. Detesto trabalhar, detesto fingir
que valho um tostão, odeio a própria ideia
de sacrifício, de martírio, de obstáculo.
E sofro quanto carrasco aprecia o meu ser,
quanto pequeno ou grande chefe observa o jeito
como evoluo na terra da intangível perdição.
Não amo este pequeno produto da história:
imbecil país votado ao limite da ignorância,
feliz quando se alheia do espaço contemporâneo,
patético quando pretende imitar a europa.
Encontro em alguns cidadãos a chama da ironia,
o melhor que lhes resta, o riso fescenino
de quem possui um segredo inviolável, a velhice.
A maioria padece a política da incompetência,
dando-lhe outros nomes, supérstites desafios
da imaginação que viajou ao longo dos séculos.
Outros, os que odeio, pensam-se a verdade,
a razão, a meticulosa panóplia da inteligência.
Ninguém se importa que eu perca dias inglórios
ajoujado a deveres irrisórios que não levam a nada!

6/3/84

PROFUNDIDADES DE PACOTILHA

Real e ausente sublime o desacordo com olhares
onde ponho todo o ódio que me percorre e sufoca.
Tão bom viver, se não houvesse homens nem trabalhos!
Tão bom poder estar aqui, na terra anímica e animal,
sentindo que se é corpo e espírito e mais,
como um gozo infinito, um prazer inamissível!
Tão bom ver quanto existe em redor, essa luz,
esse brilho, o azul de um céu mítico confundindo
o desejo inesperado que nos alça ao voo!
Eis-me em terra, entre a sensibilidade de hoje,
que não me é própria, mas pertence à história,
e aquilo que almejo, inexistente rastro do meu ser!
Eu, o mais natural de mim, o mais profundo de mim,

não obedece às leis físicas nem ideológicas,
jaz, como rodopio, sempre em frente, a um passo
de quem me faço dia após dia, desesperadamente!
E não me faço! Antes envelheço a possibilidade
deste corpo, a degenerescência das faculdades
que recebi aquando da eclosão no mundo.
Nenhuma suspeita me vale! Nenhuma dúvida
sobre a real natureza do meu ser me liberta!
Sou um homem! Terrível dizê-lo assim, sério
e abstracto, iluminado por dentro: sou um homem!
Nada mais sou, nem pretendo mais alimentar
ilusões, enganar, mesmo se míticos, mesmo se natos!
Um homem, para o que der e vier! E nada vem,
nada me dá o que visceralmente anseio: a vida!
A verdadeira, não esta, a que me acorrenta
à contingência como se tudo fosse verdade,
não a que me desfeia e desvirtua e me aniquila.
Esta vida é apenas o ínfimo passo da humanidade.
Da minha humanidade. A pré-história ontológica,
a necessidade como embrião da possível luz.
A verdadeira paira algures entre mim e eu,
nesse espaço onde o sonho impera como gozo,
algum delírio, puro e casto, para que o lugar comum
tenha o seu papel caucionado, a sua razão de ser.
Da vida verdadeira vem-me este ódio, este desprezo
por tudo quanto me dizem essencial e solene.
Custa fingir quanta vida está aquém do mistério!

6/3/84

DEMASIADO PESSOAL PARA SER POESIA

Onze horas da manhã. Belo dia, apesar do vento.
Esta luz onde o sol se esconde, se espraia
como teia de aranha. As fachadas de amarelo,
quente sensação deslizando pelo meu corpo.
Se não estivesse tão cansado!!! Doente
de tudo o que tenho ultimamente feito, sido,
vítima apetecida da instituição desgovernada.

É domingo, e estou tão cansado, de ontem
como de hoje, do que me espera amanhã,
nos próximos meses! Dois anos de um estágio
espúrio na escola do medo envelheceram-me
mais do que anos de uma vida para sempre perdida,
empobreceram-me até à medula da inteligência.
Ensinar, doravante, nada mais será que segredo
e fingimento, um ganha pão como qualquer outro.
Há esta música, o último disco de Paul Simon,
a canção dedicada a John Lennon, bem fundo e longe,
sussurro plangente de quanto se sofre!
Tão longe, e tão fundo em mim, homem destroço,
jangada do pessimismo que a ordem social engendra,
um dos milhões de escravos da vida contemporânea.
Vejo o sol e tento perceber a alegria, a paz.
Não encontro semelhanças, nem analogias.
Só o sol, alguma roupa que balança ao vento,
esta música ferindo como alergias do moderno!
Escrevo à máquina o estado impossível
de quem não se sente, de quem foi dizimado
pela imbecilidade colectiva, pela ordem infeliz
de quem, apesar de tudo, manifesta incompreensão
diante da natureza humana. Dizem-se inteligentes,
pensam-se cultos e competentes, os pobres diabos,
e acabam no papel de algozes, de civilizados títeres
de tarefas que os ultrapassam e onde não sabem ser!
Apetece mesmo morrer, de tão cansado, de tão triste!
Cansado de conspurcar resmas de florestas de papel
com ninharias ridículas onde se fingem pedagogias,
estratégias de remediação e quejandos disparates.
Quantos de nós, desgraçados, sabemos estar
numa aula? Estar, já não digo ser, ou mesmo viver!
Estar com os alunos, fraternalmente, sem ilusões
nem desesperos, mas estar, e sentir a geração
que desabrocha, e ajudar, se possível, esses olhares
que nos fitam de além como se tudo pudesse ser!
Pobre de mim que em tudo pus de mim o essencial!

11/3/84

LAMENTAÇÕES SEM MURO

Cansado!
Demasiado cansado!
Tão cansado que perco a natureza.
Tão cansado que de mim só resta o cansaço.
O cansaço, a náusea que advém do cansaço.
Cansado e impossível!
Aqui, olhando para fora, a rua de hoje,
a janela de hoje, e tão cansado que ignoro
se é hoje, se há rua, se estou à janela!

Filhos da puta, o que me fazem sofrer!
Ter que passar dois anos inúteis para merecer
um emprego ridículo: ser professor efectivo!
Efectivo, eu ?!!! Só por ironia,
ou castigo do destino, ou má fortuna.
Dois anos da minha vida perdidos em esgares,
em torpezas, em imbecilidades: tarefas do horror,
fingir que se é, que se pode ser, um bom professor!
Filhos da puta, como os odeio!
Ódio, ódio é quanto sinto nesta impossibilidade
de sentir. Tanto ódio que penso desfalecer!
Só apetece cometer crimes, destruir, aniquilar
quanto se diz e arvora em progresso e democracia!
Democracia, filhos da puta!!!
Sabem lá o que é a democracia,
educados no ventre do afável fascismo,
incapazes de renovo ou de renascimento!
Democracia, dizem os filhos da puta
que nos torturam, nos espezinham e castram,
como se fosse necessário passar pela humilhação
para se atingir o reino da miserável terra!
E se ao menos fossem os nossos inimigos!
Mas não, são os nossos colegas que se prestam
à ignomínia, à prepotência, à infâmia.
Filhos da puta! Filhos da puta!...

Cansado estou, cansado e sem vontade de nada!
Desfeito pelos deveres que nos impõem,
inúteis, hipócritas, tábuas de salvação
onde o sistema naufraga sem saber o motivo!
Tão pouca inteligência nestas plagas!
Nenhuma sensibilidade!

11/3/84

PERPLEXIDADES DO VISÍVEL

Dispersa-se pela manhã quanto me falha,
quanta presença me ilude na forma cruel
da realidade. Disperso-me ser à deriva,
a folha vela, o vento sopra, a palavra acha.
Disperso-me no conluio de mim mesmo,
uma terrível mancha depositada nos objectos,
um suspenso olhar dirigido ao cosmos.
E nada disto é verdade! Tudo é poesia,
querer fazer do desejo o ponto ilimitado
onde possivelmente existe tanto, o prazer!
Disperso-me magma, matéria fecunda e grávida,
os sentimentos nenhuns eclodindo coisas,
memórias de vidas inexistentes e vívidas,
páginas encalhadas no livro da perdição.
Dispersa-se em mim a manhã enevoadada,
algures a primavera prepara-se para ser,
e não compreendo, nem a manhã nem o contrário.
Repito, abortido e estupidificado, não compreendo!
Mais uma vez: não compreendo! Que se passa?
Tudo, em frente, passa, como tudo que vai e vem,
chamamos o real, a realidade, a vida, a história.
Em mim cresce este vazio, olhar e não ver,
não sentir, humano ou mesmo fictício, passar nada
de nada! Eu devo estar muito longe!...
Ou tão perto que rebento a distância,
e perde-se o olhar sem direcção nem futuro,
um furo negro na brancura da parede mítica.
Mas hoje, se estou a escrever, não vou escrever!

Não apetece pactuar com os sinais do homem,
não merece a pena dizer o que quer que seja.
Porque agora, aqui, quem me é não sou eu,
nem ninguém que conheça, nem ninguém que seja.
Agora há um agora e um aqui, e nada mais.
Aqui jaz, nem sequer olhar, e menos espírito,
aquele que irrompe quando tudo parece normal,
aquele que se desconhece, e não existe.
Sou-o assim, profundamente absorto e carnal,
imagem interior desfocada pelo exterior caos,
ou pela imagem em espelho de uma imaginação.
Outra. Sem sujeito, sem objecto. Mas que está.

18/3/84

A METAFÍSICA COMO COMPARAÇÃO IMAGINÁRIA

Um blues acompanha-me pela tarde dentro,
dolente manifestação da minha presença.
Ouço-o como se fosse possível e vivo-o nulo centro,
rodopio de mim no silêncio em que se pensa.

Perdi o longe, perdi a distância.
Recolho-me ao limite e desperto a hora.
Abre-se o mundo na fogueira da ânsia,
onde estou não existe, quem sou não vigora.

E que vejo? Não há coisas nem objectos.
Nada em frente, um amálgama de sombras diluídas.
Espaço da terrível permanência, caminhos rectos
onde se perde a humanidade em partidas.

Ouço depois a melopeia antiquíssima, a história
daqueles que ignorando souberam como viver.
Estranho lodo, cada passo significa uma memória,
toda a areia desliga do mar o berço e o ser.

Que ganhei? Este olhar. Este horizonte.
A cumplicidade da contingência nunca aceite.

Viver passou a ser o ritual da sábia fonte,
morrer traduz quanto se sofre sem deleite.

E vou. Não sei por onde, nem como. Ouço o som,
essa canção tão irreal como perecer ainda vivo,
e julgo assim devolver ao caos o fúlvido dom,
ser em plena posse a privação do putativo.

Enigmas navegam sem barcos pela aurora fatal.
Cai o pano, começa o outro lado da existência.
Ninguém lhe nomeia o brilho, a chama inaugural.
Todos temem a sorte, o vazio da ausência.

Um tresloucado blues insinua-se pelo fora:
aqui há medida e previsão e harmonia.
Canta o sofrimento, mas fá-lo seguro da hora.
Chegar ou não chegar resolve-se pela melodia.

18/3/84

TAUTOLOGIAS DO ABSURDO

Lá fora são as traseiras prosaicas de prédios
que dão para o outro lado. A realidade é assim:
haver sempre um outro lado. E haver sempre alguém
que saiba, ou que diga, que esse lado existe.
Lá fora são roupas ao vento varridas,
um sol tímido insinuado pela nuvem feroz,
mas sem figuras nem atrevimentos linguísticos.
Lá fora existe enquanto palavra, e o silêncio,
quando desce, anula. Nada há do nada. A presença
vive de quem a situa nessa virulenta ausência
que é o olhar. E o olhar engana-se. E a realidade
desiste. Então, para que tudo seja, até mesmo real,
quem diz inventa, e cria, pela palavra, a palavra.
Que é realidade, humana e vivida. Lá fora existe.
Quem diz lá fora, como quem se sente dentro,
existe. Só não existe a necessidade de fora,
nem a importância de se ser dentro ou outra coisa.

O que existe fala pelo silêncio. Quem ousa ouvir,
quem sonha perceber a voz, que não o é, da matéria?
Lá fora deixa muito a desejar. Nenhuma poesia,
por mais filosófica, por menos diletante, poderá
compreender a muda natureza do fora, a pletórica
brevidade do dentro. Entre há, existe, o movimento.
Que é tudo, que é nada. Lá fora exige um dentro,
e eu sou-o. Mas existir e ser será a mesma coisa?
Quando o tempo evolui e o espaço se redime
através das estações, que fora subsiste,
e que dentro, por mais feérico que seja, sou?
Há perguntas que se fazem para se não responder.
Sei-o, desde sempre, mesmo quando sempre nada
significava, e só a ironia pairava, ou o alto riso.
Que estúpido poema, entre o fora e o dentro!
Mais uma nódoa na natural displicência da tarde,
que da tarde se trata, e do tempo, mas do outro.
Lá fora, dizia, são as traseiras envelhecidas
de casas populares. Vultos cirandam. Gente!
E talvez não haja dentro, a não ser quem o sinta,
ou o escreva. Eu? A realidade não me cabe.
A realidade é eu estar aqui a escrever o poema.

18/3/84

MARÇO

Março não sabe ser mês.
Noites frias, tardes quentes,
chuvas salpicadas de sol.
Março convida-me a viver,
aponta-me a parte da casa
que arfa ao pouco calor.

Não haver nada para dizer,
nem sentir em tudo o nada,
que bom, que consolação maior!
Vidas, dizem, algures, e não sei.
Ignorância, teu esplendor

incita a arte da memória!

Há o sol e eu não sou eu!
Há a casa onde o hábito
habita, desdita contemporânea.
Há esta natural escrita,
medida da voz no silêncio
quando a ausência canta!

Março, aqui não vive ninguém.
Quem fala ouve, e quem sussurra
cliva o espaço da esperança.
É uma porta, é uma dança,
quem entra descobre-se só,
por fora da árdua solidão.

Enigma sem mistério. A luz
desfaz a consciência dorida,
vai e vem o clarão da perda,
ser e depois saber, e depois
esquecer que se viu, esse nada
onde o próprio halo desespera.

Março coincide com este passo.
Momento fatídico, sentir dentro
o bafo de quanto se diz fora,
aurora inumana onde se imola
o pouco que resta da humanidade.
Poema esdrúxulo saber-te outro!

24/3/84

A INCOMPLETUDE COMO ESTADIA

Uma irrisão tão grande que esqueço completamente
quem me liberta do ódio, da melancólica raiz
do tempo, uma irrisão tão áspera que solta
ao vento quem possivelmente fui outrora.

E sou liberto, e sou pensamento à deriva,
um caos linguístico onde estremecem discursos
que fazem de hoje uma depauperada poética,
discursos onde os outros se acolhem de medo.

Dão-me imagens, quando o que quero é saber.
Não o da ciência, que desce ao prosaico realismo,
mas o da imaginação onde se arvora a música
capaz de incendiar os horizontes da memória.

Dão-me frases banalizadas pela metáfora,
juntam palavras como se fosse necessário fazê-lo,
fazê-las ignoram por que escrever é mais
que juntar, do acaso, o actual mericismo do tempo.

Pobre e espantado, leio. Não receio perder-me,
porque a atracção da mediocridade é essencial.
Procuró até subir esses barcos da disponibilidade,
e, se possível, sê-los, entre a fúria e o desprezo.

Que bom sussurrar ao ouvido nenhum do eterno
espasmos sem apocalipse, crateras sem derrame,
catástrofes sem vítimas, crueldades sem coração!
Difícil é desejar retirar à contingência o sonho.

Então, lidos os preceitos que hoje fazem fortuna,
regresso a quem de mim me abandona por amor,
e em versos suados fustigo o fantasma,
a fome que me alça ao redemoinho do pavor.

24/3/84

CONCREÇÕES DE UM ABSOLUTO IMAGINÁRIO

Imperioso desvelo, transmudar a manhã
num sublime tempo, para que ser seja e aja,
roldão apocalíptico, cicio no estremecimento.

A cabeça vazia, o coração inesperado, sentir
deduz a primeva emoção dum mitológico começo,
arfar animal coisificado pela memória nula.

Mas é a música inocente que perpassa,
sem sinais nem sons, solene pelo modo,
trivial pelo ritmo que imprime à mensagem.

Decifrá-la cabe-me, e não sei nem quero.
Medo tenho, terei sempre algo em mim do fora,
como se a membrana fosse tão real e necessária.

De que falo? Ignoro, e no entanto, sinto-o,
bem dentro, esse mal onde o exílio domestica
as razoáveis manifestações da minha humanidade.

Não se trata de identidades perdidas ou achadas.
Trata-se de merecer quanto se sente com amor,
alguma dúvida, alguma imprevisível dádiva.

Início pela sintaxe a única possível semântica:
viver, querer a todo o custo possuir na vida
quanto lhe falta e falha, a chama, a fogueira.

Digam o que disserem, serei sempre assim,
incapaz de limite, ou de profunda aprovação.
Quem vivo arde, e quem me perde acha o fim.

Homem do tempo, descubro que tudo merece
do verbo intransitivo o esplendor da acção,
o movimento redentor que une o sexo ao êxtase.

Luz de mim, clarão do dia, magia da noite:
viver-me eflúvio e corpo, a escrita devolvendo
ao ser o que o desgasta, essa outra transparência.

Sei pelos passos e pelo sofrimento a ustão,
a contingência como acessório do efémero rasto.
Não sei como ganhar a aprendizagem do momento.

Tudo recai sobre quem se ignora, o poema
arvora vozes insubstituíveis, grita blasfêmias,
destrói a ordem onde o espelho realiza presença.

Nada da cena permanece ou dura. Só eclode,
como modelo, ou testemunho, a necessidade veloz,
o medo, fulgurante mecanismo da transcendência.

No meio, este eu, este agora, este aqui.
Nenhum espaço liberta tanto como distrair
do caos a palavra que suscita a margem do mito.

Aprendi que viver assim, entre quem não sou,
e quem me quero, traz destruição, e apagamento.
Aprendi que era impossível mudar o rumo ao destino.

Sei que vou, mas desconheço os caminhos.
Nenhum futuro existe, e quando existe é presente,
sem nome, sem configuração, sem real história.

Acontecer, se acaso é, nasce para quem vivo
como uma ignorância que brilhou em paragens outras,
mas esse lugar sofre de estranha imaginação.

Apetece sentir, já que dizer é possível,
embora infantil: não há princípio nem término,
há o saber da inconsciência quando actua o tédio.

Manhã fictícia, existes e eu sei-o,
mas valerá a pena teimar em evidências?
Melhor talvez dizer que a poesia vive de brilho.

Melhor talvez não tentar sugerir a ausência.
Fiquemo-nos pelo aparente, pela coisa, pela emoção.
Longe, há um fundo, sem poço nem metáfora: ei-lo!

25/3/84

VOLTANDO À VACA FRIA

Regressa, fatídico e social, o cansaço,
e só apetece desfalecer, dormir!
Dormir a vida, recolher à sensação primeva
do seio longínquo que nos pariu!
A vontade nula!... O desejo inexistente!...
Calor, busco o calor de pobres cobertores,
e esquecer que são miseráveis os dias,
e esquecer que sou tão infeliz!
Não há como a sociedade para me pôr assim!
Desgastado da tanta luta para sobreviver,
caio desmaiado nesse que não sou e vivo,
para, ó ironia, melhor sentir a dor
da natureza humana. Da minha natureza!
Um borrão apocalíptico todo o redor.
Uma azáfama de sentidos que se digladiam,
eu no meio, insentido e petrificado,
vítima de tudo quanto me abre até ao nojo.
Se fosse possível nunca mais sair de casa!
Nunca mais conhecer mais pessoas!
Ficar, aqui ficar, preso aos lençóis amigos,
e depois flutuar, irresponsável bandeira!
Não, não estou para mais ninguém.
Já dei o que tinha a dar, perdi o coração,
abandonei a alma, renunciei, por amor,
à inteligência e à sensibilidade. Por amor,
aos homens, à história, ao limite, às regras!
Estou vazio, nulo edifício, casa nua.
Deixem-me respirar, ser homem, viver a vida
sem cansaço nem tautologias, deixem-me!
Não me importa o isolamento. Há tanto que fazer
quando não se faz nada! Sentir, por exemplo.
A terra, o mundo, a animalidade, o corpo.
Quisera que o alimento não fosse tão caro,
como perder uma vida com inautenticidade!
Deixem-me, e os vossos deveres cavos,
e as vossas obrigações mesquinhas!
Um pouco de paz, é tudo o que quero.

Paz!, cobertores, paz! Calor da cama exemplar.
É tão difícil viver, é tão difícil aturar
a estupidez alheia, do outro como do país!

27/3/84

AS DOLOROSAS ETAPAS DA REVELAÇÃO

Dia encoberto e o cheiro da febre.
Da febre que dança algures pelo universo,
movimento tenaz e sem esperança,
movimento...

Manto terrível eclipsando a consciência,
ver não mais significa, que o olhar
devolve à paisagem o íntimo espanto...

Esta cor cinza pervagando os sentidos,
inferno, abstracção da hora, vagido
onde a civilização perde o seu brilho.
Ganha o homem a despedida insinuada...

Dia perplexo na infalível circulação do mesmo,
um sinal sem signo, abertura do horror,
sentir que algo encalha ou se desmembra,
sentir sem sentimento...

Carcaça humana, escreves outros poemas, dizes
e sussurras, com medo, palavras que não são,
sons derivados da memória antiquíssima
que nos perde...

Música da vida, o coração arde, o fora explode,
cada minuto baila, e padece, e devora
quanto em nós nos humilha pela carne.
Música maldita...

Dia nevrálgico, a rua, as pessoas, o século
em que se vive, os trabalhos que desfazem
a alegria, o poder do desejo e do amor.
Dia enganado...

Viver: passar pelos empregos, pela rotina,
a mulher tão longe, a obrigação perto,
fazer, fazer, sem pensar como ou porquê.
Fazer a queda...

Lembrança impossível, eu estou na infância,
algures no campo ou na vila, e vejo-me,
e já não sou, porque tive de crescer,
de deixar de ser para regressar agora
em plena emoção?...

Êxtase: teu sopro destrói o dia, traz medo,
saber que se é mais que isto, este corpo
hoje despedido de toda a alegria humana,
tão longe de qualquer começo!...

27/3/84

APARIÇÃO

A noite e o quarto iluminado.
A mesa juncada de livros e papéis.
E eu.
E eu.
A voz que antecipa a canção, no rádio.
Alguém, desconhecido rosto, humano destino,
sou eu.
Dizem: o homem isolado é uma prisão.
Digo: só em mim acho grandeza e paz.
Gozo quanto sou, quanto posso, quanto ardo.
Em mim o oco do cosmos experimentado.
Não é mito, não é pensado.
Sentido sentido de quanto é coisa, ser,
ou sombra de universo perdido no achado.

A noite, ó nada, a noite reiterada e usual,
transplantada, patética metamorfose do ser!
A noite espessa pelo silêncio devorante.
Alguém busca alguma coisa sobre a mesa
juncada de livros, de papéis, de sangue.
Alguma vida passa, é, ultrapassa a história.
Ninguém quer saber, ninguém exige a verdade.
Que busca? Uma acha? Um retrato?
Quem procura ignora a transparência
do tempo. Alguns papéis, alguns poemas.

Na casa escura, silenciosa, a luz.
Gravita, grávida, uma lenta emoção: viver!
Estar ainda aqui, estar ainda agora aqui!
Acompanha o olhar a música que sacode
o inicial silêncio. Eu. Nenhum grito sai,
todo o conflito explode, ctónico, sem peito.
A noite, o quarto, o som, a luz.
Há mais alguma coisa?
Haverá alguém?
Eu sei.
Sou eu.
Na casa iluminada, na noite escura,
a janela real como uma necessidade humana.
Tanto gozo!... Tanto derrame!...
Alguém que me ama sem saber que é amor!

27/3/84

PAISAGEM SEM HOMEM DENTRO

No oco da noite sublimada, e tão longe,
tão dorido, como se viver fosse fatal!
Noite terrível, nem quero lembrar, noite
onde a dor reaparece, no sem alma de mim!
Tudo quanto sofri e pensei enterrado
na memória surde, fantástico redemoinho
onde me perco, onde me descubro salvo.
Mas a dor não tem lugar nem cultura,
a dor de mim, ser vivo e sem culpa,
ustão da febre que alastra a consciência!
Estou aqui, ó noite, sentindo o pleno caos,
o horror de existir animal indefeso,
a náusea por não evitar esta vigília.
Chamo o sono, os olhos abertos no aquém.
Em vão. A dor corrói-me este nulo dentro
onde não sei se navego se minto ser,
tudo me esmaga, me predispõe ao suicídio.
Viver entre os homens mostra-me a fraqueza,
a impossibilidade de aguentar por mais tempo

este diário, conturbado suplício. A dor
não me larga, a noite abandona-me filho
nenhum do universo, e eu soffro, soffro!
Há sempre uma alma caridosa para nos matar!
Há sempre, ao redor do homem, uma sociedade
asquerosa, e os seus algozes sitibundos!
Há sempre uma pressuposta ordem que esmaga
a natural presença do mundo no homem livre!
Só a noite que existe, já mítica e histórica
em quanto faço ou digo, em quanto escrevo,
não há! Ei-la, ciciando febre e pesadelo,
incapaz de aliviar a dor que sinto algures,
sem saber onde, que os lugares de mim acabam.
Uma estranha dor, que não estrangeira fuga!
Dor, neste patético aqui, neste sulfuroso agora!
A milenária pergunta: quem sou?, despossuída,
substituída pela não menos arbitraria:
o que fiz? Haverá castigo sem crime?
Eco da noite, transmito a virulência da dor!

29/3/84

DA INEXISTÊNCIA COMO TEORIA CONTEMPORÂNEA

A casa divide-se pelos quartos silenciosos.
Num só há luz, e alguém, sentado à mesa,
escreve. A mesa, estranho holocausto de papéis.
O homem, estranho altar do sofrimento.
Tudo o mais são móveis baratos do consumo,
estratos ridículos do país onde a casa está.
Seis cadeiras cercam a mesa, cinco inabitadas.
Ao fundo, a televisão, a esta hora, apagada.
Ao lado, o rádio. Mas o silêncio impõe-se,
só sacudido pelo bater da máquina nacional.
Alguém, um homem, escreve. Não há olhar que veja
as palavras alinharem-se em versos brancos.
Mas eu sei. Não estou em nenhuma parte,
e por isso mesmo, sei que todas as partes
são minhas, me pertencem por direito próprio.

Quem não existe vive de todos os lugares.
A casa balança-se no sossego da noite dorida.
Sinto que algo de muito grave corrói o homem,
se dilui pelos dedos que carregam o teclado.
Estranha música, e o adjectivo é apropriado!
Sinto que uma grande dor, tão universal
como a ignorância da sua origem ou do seu fim,
desfaz o corpo desse homem destituído.
Que escreverá? Este poema? Não é provável.
Nem vou dizer. Basta-me mencionar os móveis,
a escuridão de um lá fora mítico, a cinza
de um interior onde se baniu, por civilização,
a alma, o coração, o peito, a humanidade.
Esse homem não existe, é pura ficção,
chama translúcida do poder do desespero
quando a imaginação substitui o sentimento.
Nem eu, que digo, insinuo, relato e prefiguro,
existo. Há um quarto iluminado e frio,
uma mesa pejada de papéis, uma máquina.
Ninguém escreve. O silêncio arfa, dorido.
Nem sequer desolação ou futuro desastre.
Apenas objectos, coisas, matéria da ilusão.
Nenhum deserto cabe nesse olvidado quarto!

29/3784

ABAIXO O PODER!

Nunca os dias foram tão insignificantes,
tão desprovidos de memória, tão mesquinhos.
Vivê-los não acha êxtase nem qualquer resumo:
um borrão branco como a explosão do futuro.
É nesse branco que paio, mais um desgraçado
à deriva, sem saber como respirar, como ser.
Cego, palpito quanto apelo me desce à voz,
incapaz de proferir um hino ou suave cântico!
Paralisado pelo horror que é subsistir
nesta sociedade onde a estupidez impera e ri,
que me resta, senão desaparecer ou sucumbir?

Nunca odiei tanto os mecanismos secretos da sociedade moderna, aqueles que a cumprem com uma alegria sádica, indiferentes à dor. E não há justiça! Apetece até crer em alguém, isento e alto, para que possa assistir ao mal, castigando e premiando a natureza humana de acordo com os seus feitos e defeitos! Apetece até chamar esse alguém inexistente, numa invocação ferida e drástica, dizendo: que fiz eu para merecer esta sorte crua? Que crime cometi para agora padecer o algoz na pele do colega, ou a arbitrariedade feliz da instituição? Querer ser feliz é crime? Dá-me a estúpida aquiescência, o nuto canino, dá-me o riso larvar de incompetência aceite! Mas só o silêncio responde e nada diz. Caio neste sulfuroso pessimismo, a lembrança de tudo quanto passei e sofri esventrando a necessidade de calma e de paz. A natureza não me ajuda, porque não sabe, indiferente calcorrear das estações que nos enterram vivos! Solitário olho o sol, um sorriso flébil nos lábios. E nem sequer há sol, eclipsado pelo nevoeiro. A esperança limitada à imaginação, ao fictício? Não há real que resista ao poder da sobrevivência!

30/3/84

PARA UMA POLÍTICA DA LIBERTAÇÃO

Um medo transparente, sentir tudo de novo, a possibilidade mais um dado da consciência, a contingência um elemento discutível do real. Paro por segundos. Quem escreveu este dislate? Eu? Perco pouco a pouco as fatais amarras, deslizo pelas palavras como se tudo fosse possível, até o contrário do mesmo, filosófico ou não!... Dor de cabeça?... Um medo terrível, digo, e ninguém me ouve, ninguém está aqui.

Vazia a casa, alguma música, a companheira,
mais nada. Para lá da janela dizem que é tudo,
o mundo, a sociedade, os deveres, as instituições.
Não pertença a esse lugar. Nem a este, aqui.
Nasci, sinto, para viver a alegria, e só recebo
tristezas, chatices, desvairados mimetismos
da opressão. País democrático, dizem alguns.
Vivi-o sempre assim, bem feudal e prepotente,
vítima de abusos e da endémica estupidez.
Ninguém parece querer mudá-lo, nem os famintos,
nem os detentores da consciência universal!
Deixa-me rir, isto deve ser um pesadelo!...
Tanta terra para eu aparecer, e foi logo aqui!
Aqui, rodeado de fome e de doença, da privação
que corta em mil farrapos a unidade do meu ser.
Tanto homem e tanta mulher engendrando miséria!
Quando trabalham não produzem, e quando produzem
deixam-se roubar pelos espertos da nação!
Há sempre um político, um dirigente, ó rebanho,
para vos conduzir aos fornos do aniquilamento!
E aceitais. Não tendes futuro porque as soluções
vos escapam, até para pensar é necessário
algum resquício de massa cinzenta! Cinzenta?...
Serviria de qualquer cor, e não a tendes...
Depois, quem se lixa, são gajos como eu,
impotentes, pelo reduzido número, para mudar
o que quer que seja. A inércia tem peso.
Daí este medo, viver toda a vida assim, aqui,
entre quem não a merece por preguiça
ou cobardia. Daí o começo deste poema.

30/3/84

O MAR TÃO LONGE, A TARDE TÃO PERTO

A simplória tarde enevoadada concita-me,
patético, a vir ver onde me encontro,
não vá ter dado algum passo em falso,
longe da minha fonte e do meu desespero!

Quem encontro? A mim mesmo, levemente
perdido, interrogo. Nenhuma voz responde,
salvo a violência da música no quarto
ao lado. E da janela o mundo é cinzento!

Gostaria que este poema fosse um barco
dentro de uma paisagem marinha, o vento
enfunando as velas de nada no horizonte,
a espuma saltando de encontro à quilha!

Uma viagem far-me-ia bem! A esperança
de buscar o que me resta e define homem
noutras paragens da terra, da consciência.
A esperança de ser verdade a estadia!

Alguma ilha dar-me-ia a imagem exacta
de quem, por afinidade com a natureza,
sou! Algures no meio do oceano o espelho,
e o brilho do sol desfazendo a realidade!

Aqui nada me diz ou repercute! Os objectos
silenciam a própria presença, apagados
instrumentos da sociedade de consumo.
Todos reflectem a inautenticidade da hora!

Nenhum gesto os criou, nenhuma mão feliz
os acariciou com meiguice e paternal
desvelo! A fábrica pariu-os em série,
autómata antevisão do que nos espera!

Impossível deixar a casa ou o país!
Sem imaginação para viajar o perímetro
deste vazio que nos desfigura, afago
quem encontro, um homem entre objectos!

2/4/83

A MEMÓRIA DE UM TEMPO INFELIZ

A sensibilidade do momento um momento ameaçado
pela fome de realidade que o olhar revela,
ponto onde o limite como símbolo moderno
ganha todo o esplendor de uma tragédia!

E ninguém dá por nada, ninguém vê nem sente
passar uma luz de loucura pela atmosfera,
eclodir um som tamanho que a própria terra
desconhece as leis com que se governa!

Todos labutam a cegueira, ganhar o árduo pão,
indiferentes às vozes que crepitam e chamam,
às vozes saídas das coisas que nos cercam,
revelando o desperdício da era contemporânea!

Queremos esquecer o que nos vive por dentro,
abrimos ao fora a surdez do mundo material,
cada vez mais longe de quem nos viu nascer,
cada vez mais perto de quem se vai morrer!

Nenhuma canção nos aguarda, nenhum farol ilumina,
a televisão dispara realidades tão fictícias
que pensamos sobreviver à guerra e à peste,
abrigados nas quatro paredes da nossa solidão!

Imbecis! Da essência só nos interessa o engano,
fingir que para a frente é o único caminho,
os pés atolados de lodo e de monturo,
os olhos postos na mediocridade do horizonte!

Sobreviver a todo o custo! Desfeitos em comédia,
títeres desossados, invertebrados mecanismos
da insolvência como grau superior da esperteza
que gralha os hinos nenhuns da fatal pobreza!

Ninguém nos vive, porque ninguém nos é! Carapaças
de homem dissolvendo de insubstância a hora,
um esgar tão longo e fictício que a fealdade
adquire foros de permanência no vazio interior!

Caminhamos e não vamos para lado nenhum! A fábrica
pensa-nos, o computador sente-nos, o objecto
reluzente substitui a alma que nos desamparou
quando escolhemos a quantidade como âmagô!

Alegres conquistadores sem futuro! A bomba espreira,

consciente de que o amor desperta o olhar.
Onde ir buscá-lo, que o fogo já não é carne?
Neste poema deixo a memória de um tempo infeliz!

2/4/84

PRIVILÉGIO DA INEXISTÊNCIA

Cai uma morna morrinha pela tarde fora,
a janela bafejada pelo bafo do rocío,
eu tão longe! Não há muito para ver, ver
o limitado horizonte que se acaba frio
nas traseiras dos suburbanos prédios.

Não busco aí meu destino nem meu ser.
Estrangeiro assisto ao tempo da viagem,
sentindo o dia a dia refulgir de tédio.
Não há romance que me diga ou invente,
nem autor capaz de ordenar este caos!

Não fui trabalhar trabalhado pela paixão!
Fiquei em casa, mas o gozo não compareceu.
O dia nasceu enevoadado, e abril reprime
ainda a primavera da sua cíclica promessa!
Sinto-me longamente infeliz, e sem razão!

Saí de casa tolhido pela chuva medíocre.
Passear alguns passos pelas ruas velhas
não é tarefa onde se imole a poesia,
e no entanto, diante da azáfama indiferente
senti uma certa esperança, um olvido.

Ninguém saberá verdadeiramente se vivi!
Só eu sei que estou aqui, escrevendo
a dor de não ser mais nada. A natureza
esquece-me, não liga ao sofrimento vil
que desfaz a possibilidade do meu corpo.

A chuva apagar-me-á da memória terrestre.

Que bom! penso desesperado, um vulto aceso
junto à janela. Não houve mistério, não
haverá confirmação. O nada soletrará, nulo,
este cântico onde me recolho, o olhar puro!

2/4/84

O QUOTIDIANO COMO PROFECIA SEM FUTURO

Escavo, longânime e feroz, a atroz imaginação
onde nenhum reflexo dilui a paisagem mórfica.
Dói-me o peito por saber que outrora o coração
palpitou, chama redentora esvaída pela história.

Ficou, sensual e sereno, um vazio do tamanho
do mundo. As estrelas fulgem nele, o silêncio
soa, suave e solene, ecoando as peripécias nulas
onde o destino errou, onde a consciência sofre!

Não há operação que me restitua a chama viva!
Nenhum dia é dia, mesmo quando o sol aparece
mascarado em brilho, em clarão da palingenesia!
Não saber viver está a um passo da loucura!

Isento, vou pelo caminho onde o mundo transpira,
assistindo, timorato, ao crime do século infeliz.
Grassa ainda, como sempre, a fome e a doença,
morrem aos milhares as crianças da realidade.

Ninguém se lembra. Nem do pessoal destino,
nem da guerra de interesses que governam a terra.
Todos se pensam unos, justificados hinos, páginas
em branco onde a inteligência não ousa abortar!

Todos se sentem inocentes, vítimas primeiras
da desordem que queima, da fogueira que arde,
isolados no humano sofrimento onde a redenção
arvora o prémio para um castigo descontrolado!

Todos dizem amar a verdade e a justiça!
Ao crime alegam a justificada anormalidade,
escondem-no, máximo percalço, na prisão adormecida.
De nenhuma família apareceu a primeira pedra!

Mas tudo passa, até a morte, a sevícia, a tortura!
Neste chão da inclemência nascem prédios vazios,
soturnos olhares perdidos na insignificação
absoluta. É um absurdo povoar o corpo dorido!

2/4/84

O ESPIÃO QUE VEIO DO NADA

Alastra-se pela semana um clima de febre,
a casa desarrumada, os objectos poeirentos,
a garganta preparando com fervor a tosse
que há anos não me visita nem me consome!

Não me apetece fazer nada, nem sequer ir,
de pasta obediente, dar as aulas isentas.
Apetece-me apenas ser homem, e caminhar,
como ontem, sob a chuva que desgoverna!

Estranha sensação, sentir-se um homem!
Os carros passando, as pessoas passando,
a rua uma serpente onde os passos graves
imprimem um som, talvez o da presença!

Pensava para comigo, estou farto disto
tudo, e dentro, sorria, por estar vivo,
em pé, indo cumprir a missão nenhuma
que caracteriza a minha essência nua!

Tão bom, caminhar, indiferente ao tempo
que faz, superior animal da terra trágica,
sentindo os pés estalar o chão terrível
onde nenhuma inocência nos é permitida!

Senti-me, pela primeira vez, um espião,
alguém que veio de longe, de tão longe
que esqueceu a provável origem, a fonte
onde ser seria tão natural como viver!

Aqui, no meio dos homens, perscrutando
os planos nulos das sociedades loucas,
averbando dia após dia a catástrofe,
ignorando porquê e com que intenção!

Ninguém me exige nada. Avolumam-se, altos,
os cadernos onde deixo os testemunhos.
Quem os virá buscar, e para onde os levarão?
Só sei que a tarefa se cumpre, iniludível!

4/4/84

PARA QUÊ UM TÍTULO?

É noite, é em casa, é comigo.
Ignoro porque comecei assim,
e deploro este começo abrupto.
É noite, e do universo lá fora
nada sinto, nada rememoro...

A mulher trabalha papéis.
Apeteceu-me vir até aqui,
escrever o que não sei,
sabendo que é ridículo
merecer qualquer razão...

A rádio liberta vozes longas
como desconhecer quem fala.
Fala-se de acontecimentos
cruciais, a cultura, a arte
que desagua nestas paragens...

Ainda hoje disse, ao colega
desprevenido: detesto este país,

esta gente, este miserabilismo.
Sorriu. Estava a ser sincero?
Nunca o saberei ao certo...

Homem sem futuro nesta terra
estreita sou, longe dos sonhos
que gritaram na minha mocidade,
longe de quem envelheço, traço
anímico à procura de corpo...

Não há horizonte, mas a morte.
Apodrecer todos os dias no dia,
até ao dia fatal e sem história.
E nenhuma morte é resposta.
E nenhuma vida se basta...

5/4/84

PALAVRA CHAVE À PROCURA DA POESIA

Dói-me respirar este ar invisível,
mas a dor não é física nem espiritual,
nem sequer, possivelmente, é dor...
Mas confesso que dói, algures em mim,
algo, uma presença, uma voz silenciosa.
Quem sou confunde-se com quem nunca fui,
dói este passado em pleno presente,
dádiva inaugural e sem destino.
Porque, sendo-o, não consigo existir
nesse plano do ideal onde o sonho,
ou a metafísica de avesso, age, corpo
secular da substância que me enforma!
Estou sempre aquém de quem me penso.
Estou sempre além de quem me sinto.
E dói, confesso, não ser a música
ao ouvi-la, não ser a luz que banha
a grávida face do meu torvo espanto.
Sou um pouco disso, vivo até envolto,
posseço, nisso, e no entanto raramente

o sou. A luz e o som, tão perto o êxtase
que me visita, tão longe o abandono!
Essa canção que me anavalha de carícias
falha-me, absoluto impossível, teoria
onde navegam tantos anos de vida.
Dói sentir que se ultrapassou
a humanidade, há muito, pela carne
e pelo acaso, permanecendo ainda aqui,
na fictícia casa, soletrando línguas
que ao proferirem mentem o nosso ser!
Prisioneiro nesta liberdade amarga
finjo que quem nasceu vai morrer,
e deixo, dorido, os anos passarem,
marcas terríveis da contingência.
Dói não se saber mais que o diante.
O corpo ilude-nos com perímetros,
o olhar engana-nos com distâncias!
E sentir que significa? E pensar
denuncia alguma humana inteligência?
O alcance é quanto me dói, inominado
e insubstituível, palavra ainda pura,
incapaz de história e de sofrimento!

5/4/84

A PLENITUDE DO SEM LUGAR NO TEMPO

Como um silêncio a palavra noite povoa
este inefável poema, dizer-te!
Algum álcool percorre as veias ensanguentadas,
que prazer sentir o vivo da sensação!
E depois a música, baixa mão deslizando
carícia, o universo tão subitamente longe!
Algures está quem sou e não se reconhece,
um corpo deitado pelo sofá do esquecimento!
É a noite como transparência que surge,
este dúbio calor onde outrora fora desgaste!
Tanta paz, tanta miséria, tanta cobardia,
a corda inútil, a pistola inexistente!

Um tecto, um branco onde nenhuma frase
cresce nem nasce, a aridez do deserto!
O quarto iluminado como uma morgue modesta,
alguns móveis perdendo a consistência do real!
Sonho? Impossível. Isto existe, estes níveis
onde a consciência governa o seu domínio!
E sobretudo, a palavra noite, nos lábios,
estranho pendor para a inusitada melancolia!
Noite!... Em ti, se soubesse, se pudesse,
afogar-me-ia, cada vez mais puro de mundo!
Resta-me a bebedeira, pensar que existo
e estou vivo, noutra dimensão do humano!
Nenhum sorriso de mim, nenhuma voz soe
a página em branco da experiência passada!
Só a música, tão antiga que julgo sentir-me uno,
em prodigioso diapasão como o reverberado nada!
Ouvi-a noutros tempos, quando era a cidade a casa,
quando era o estrangeiro a única pátria!
Se estivesse à altura! Amo-a, mais do que nunca,
esta deplorável essência sem plausível peito!
Não sou a guitarra eléctrica, mas sou o som,
a excitação que percorre as cordas retesadas!
E amo, sem saber o quê, ou como. Amo,
tudo e todas as coisas, de todas as maneiras!
Com este terrível ódio que me faz levantar
para receber a ausência, o esplendor do sol!
Estou aí, tenho a certeza. Aí, nesse mesmo lugar
onde só é possível o que escolhe sê-lo!

9/4/84

OU COMO O APORISMO DEIXA DE SER INEFÁVEL

Engulho terrível, enfrentar em cada papel
essa possibilidade sem possível concretização!
Ardem as palavras, teimam os sentidos, dizer
é tão essencial como respirar, e no entanto!...
Não é natural vir escrever o que nunca se viveu!
Mas é enfadonho apontar a rotineira experiência!

Importa o que fiz num hoje diluído no tempo,
importa narrar cada passo, dizer o que se sentiu,
importa elaborar, ressequido, o que se pensou?
O melhor da vida nunca me acontece,
e quando acontece nem é bom nem é vida!
Nenhum poeta me sabe viver! Todos são outros,
contendo, nebulosas perdidas, pequenas vozes
onde quem se diz desdiz a própria existência!
Nenhuma experiência me abarcou totalmente,
nenhuma memória foi minha, ou me pertenceu!
Estive sempre afastado do âmago, periférico
deslize onde se perdia a totalidade do todo!
Assisti, presenciei, vivi: o quê? Este dentro?
Mas era no fora que a realidade era,
e mesmo se não fosse, é como se o fosse!
Porque... (Acaba aqui o silêncio, começa o canto!)
Porque nunca estou onde sou, nem nunca sou
quem está, quem destrói a ávida gramática
da pessoa! Há sempre uma distância, esse eco,
essa paragem do tempo no universo da presença!
Sei do que falo, confusamente redimido.
De tal maneira que enfrentar o papel dói,
por saber de antemão que tudo será na mesma,
senão o mesmo, pelo menos a permanência!
Li a ficção em antiquíssimos parágrafos,
estudei as leis, esventrei as entranhas secas
da civilização. Nunca me encontrei!
Tantas histórias folheadas com paixão,
tantos testemunhos, e em nenhuma carta eu!
Nem sequer aqui, neste papel branco! Há a voz,
sou-a como um mistério apodrecido, ganho-a feliz,
perco-me nesta aluvião onde a língua toca
o caos sem saber como se reconhecer texto!
Terrível inexistência, seres verdadeira e única,
e, por isso mesmo, sem nunca poderes ser!

9/4/84

DO SILÊNCIO

Pena, todas as vezes que escrevo,
derrubar o silêncio que propicia
uma profundidade inumana ao olhar!
O silêncio sinuoso do fim da tarde,
da casa deserta, do sossego exterior
onde nenhum carro perturba o encanto!

O silêncio sideral, sorumbático, sereno,
substituindo a azáfama do dia podre,
seduzindo o corpo como extensão plena
da possibilidade de perpétua paz!

O pleno silêncio, a fuga, o estremecimento
onde o milenar medo madefica-se, água
simbólica no bojo do eco que atroa
os segredos difíceis da única aurora!

Este vaguear pelas dependências vazias,
este olhar fixo em quanto móvel depara,
este ouvido deduzindo o percurso claro
onde o sangue evolui no círculo perene!

Silêncio da solidão, a amada, usufruindo
minuto a minuto meu corpo perdido e são,
numa carícia onde nenhuma humanidade
se revê, onde nenhum obstáculo arrefece!

Paro por segundos este teclado moderno:
ouço este nada que assola a consciência,
descubro, imaculado, a voz do silêncio,
a história patética do brilho do fogo!

Não sou nada e sou tanto! Como tu,
ó silêncio, paio no interior da vida,
ouvido de alguns, sáfara testemunha
de quanto mundo inunda a intemperança
do orgulho, o vagido da morte! Ouve-me,

alguém diz, e ninguém ignora a sorte!

10/4/84

MEDITAÇÃO NOCTURNA

A noite vai curta e já apetece dormir.
Apetece deitar todo este cansaço de terra
sobre a terra ferida, e adormecer.
Adormecer sem sonhos, na completa ignorância.
Apetece mais, nunca mais sair do nada,
nunca mais acordar para o fogo da demência.
Apetece estar, sopro cósmico sem identidade,
fluindo e refluindo nas ondas tenebrosas
do sentimento, do pulsar cardíaco.
Sem morrer! Estar aqui e em toda a parte,
simplesmente universal, anódina membrana
respirando, lentamente respirando a vida.
Apetece sentir o sol, a nuvem protectora,
o chão negro, o rego que leva ao húmus
a água fertilizadora. Apetece perder-se
o homem que existe em nós para finalmente
sermos todas as coisas em todos os momentos.

Apetece, apetece!... Lá fora a escuridão,
desta janela a realidade é quanto se vê,
um quadro lambido pelo negro promissor!
Eu sou um homem em pleno século vinte,
trinta e seis anos de vida corrompida
pelos trabalhos com que a sociedade nula
tritura a chama que nos viu nascer...
E a natureza tão longe, ou já perdida!...
Quem nos salva? Viver é cega crueldade
entre homens que ignoram o homem, sacos
rotos da loucura que antecede o desastre.
Não há amor! Tristeza terrível, reconhecer
a inutilidade disto tudo, até da poesia!
Apetece, apetece!... Que vergonha! A noite
cedida como um percalço que não se evita,

a noite incapaz de sugerir ou de exigir
um cântico que fosse a smula da essência!
Universo adormecido, quanto odeio! Sinto
que se pudesse seria o criminoso, a vingança
do tanto sofrimento que varreu as plagas
onde pus ps de inocência e de ingenuidade!

10/4/84

A VERDADE DA LINGUAGEM

A noite incita-o ao derrame da alma.
Não está só, pois a mulher e a filha
cirandam, suaves, pela casa adormecida.
Mas sente que o momento é este e agora,
por isso vem, alegre, ao precipício:
este poema é o seu mundo, e o êxtase
que busca navega, simbólico, por aqui.
Nunca soube o que escrever e escreve;
nunca soube ser e , algumas vezes
um homem, outras, quando o tempo age,
um mistério no seio das palavras.
Ele vive num estado permanente, nulo,
de ausência. Os dias atravessam-no
isento, as estações vem-no passar,
cada vez mais velho, cada vez mais novo.
Não da juventude que lhe escapa, fera,
pelos dedos, mas da sensação insólita
que o ganha quando, em momentos nítidos,
sente a relação natural que o une
ao universo, ao signo da natureza.
Ele vive como mais ninguém a hora,
o silêncio, a língua, a experiência
do absoluto, do absurdo, da assunção.
Sabe distinguir, no dia, o horror edaz
da alegria atrevida, sabe sentir
a emoção avassaladora diante do nada
quando a noite se desfaz, mítica,
de encontro  vidraça da janela.

Ele ouve insuspeitas músicas subir
pelo espaço do sentimento, e vê,
imaculado, o tempo desfibrar a teia
onde pensa merecer a ousadia e a paz.
Teve possivelmente um começo, esquece
contudo quanto se assemelha ao grito
que governará a essência da morte.
Ele, mais do que nunca e como nunca mais,
está. Silhueta subtil, estranho corpo,
no meio de tanta coisa, de tanto objecto,
diferente e único, sentindo a vida
como uma inexistência de alguém, algures,
que não pode sê-lo, por fidelidade!

14/4/84

SER OU NÃO SER NÃO É A QUESTÃO

É essa hora em que o silêncio cicia
apelos inconfessáveis e abstractos,
hora perdida no roldão dos sentidos,
estranha fuga onde se perde a razão
para se receber do ser a linguagem!

Apetece ser-se outro e dizer, ingénuo,
a realidade vista por outro olhar.
Apetece soletrar o poema lido, outro
passo na busca de um paraíso humano
capaz de albergar o pressentimento.

Abro um livro e espalho-me, pacífico,
sobre as palavras que decifro, água
que me leva até um mim longínquo
onde sou possível e outro, dualidade
alcançada à custa da infidelidade!

Esqueço os farrapos da suja memória
que tolda meus momentos de êxtase,
muda-se-me a pele, milhares de gotas

diluindo o corpo que me viu nascer
dirigem-se para o inolvidável mar!

Lavo-me na miséria dos outros, junto
terra ao meu insofismável espírito,
revigoro a própria ideia de homem.
Estou longe, percorro as peripécias
onde a vida traçou a nua incógnita.

Nunca mais voltar! Mas volto sempre,
para ser quem sou, este agudo grito
no sideral silêncio de todas as coisas.
Nunca verdadeiramente o mesmo, mas
cada vez mais eu, o que quer que seja!

14/4/84

NO ANIVERSÁRIO

Não haver mestres para poder invocá-los!
Nem guias, espirituais ou materialistas,
nem ideias mestras capazes de nos redimirem!
Não haver, ó tristeza deste tempo inamissível!

Há apenas esta estafada vida de todos os dias,
de todos os sentimentos previstos e educados,
de todas as emoções saídas do mais raro
que em nós habita, o vazio anímico, explorado!
Há somente este desejo de querer que haja
tudo quanto nos falta, o amor como o prazer,
a vida airada entre flores do campo sonhado!

Há sobretudo esta insondável solidão, sofrer
quanto nos perpassa como sensação severa
do mundo que nos viu nascer entre espantos,
lágrimas, sorrisos de esperança amaldiçoada!
Há sempre um poema que nos abre ao cosmos,
uma janela da antiquíssima alma deserdada,
um grito tão profundo que eleva ao humano

quanto ruído faz parte da natureza ignota!

Em redor este sublimado redor, mais nada!
Longe, o planeta dividido pela insensatez
em países cercados de fronteiras nefastas,
as cores de funestos homens vividos no ódio,
longe, a geografia onde o sentimento esbarra!
Existe a família, para que saibas, ó ninguém!
Existe a casa onde se abriga quem não sabe!
Existe o cansaço num fim de semana seráfico!
Só não existe quem está a escrever o poema!
Como não há mestres também não há seguidores!
E como é bom dizê-lo, vivê-lo, senti-lo assim!
Assim, salvo quando a nostalgia ressurge,
exigindo de quem se desconhece a serenidade
de um passado onde a possibilidade de tudo
foi possível, até a de haver mestres e guias!
Nunca, em parte nenhuma, ninguém me abriu os olhos!
Nunca soube se ver significou alguma coisa!
Nunca a realidade foi mais que o redor!

15/4/84

A VERDADEIRA HISTÓRIA

Embora me sinta bem neste bocado de papel
que é meu, para não dizer, que sou eu,
uma angústia terrível mostra-me a solidão
como se a tragédia ainda fosse possível!
Meus pais partiram depois de uma visita
de dois dias, a mulher está doente,
cheia de presságios que envolvem a morte,
mas teimosa, tendo ido para o emprego
para que a rotina dê a impressão de saúde.
A filha foi para casa da avó, virá mais logo.
Está um tempo esplêndido, abril de férias,
o calor enreda-se pelas frinchas de janelas
que não tive o tempo de escancarar!
E no entanto, sofro! Sinto a falta súbita

da minha mulher, espero as duas horas
para lhe telefonar. Sinto que não posso
perdê-la, que um profundo vazio encher-me-ia
de suicídio ou de morte lenta, para sempre!
Sinto que nunca a amei tanto como agora!
Sinto um despropositado remorso invadir-me,
como se o mal estivesse em mim, à minha volta.
A vida miserável que lhe tenho dado!...
A pobreza quotidiana, a privação tautológica!
Há uma canção que vem do fundo da casa,
alguns gatos miam algures na vizinhança,
barulhos de carros na estrada que passa ao lado.
Acabei de lavar a louça, comi alguma coisa,
duas fatias de pão seco e torrado barradas
de pasta de fígado. Bebi meio copo de vinho.
Tinto e verde, quando o hábito é branco.
Nunca mais são duas horas! Passeio pelo poema,
vou da cozinha ao quarto de banho, olho-me,
o espelho devolve-me quem nunca fui, esse rosto
onde a barba diz já alguns pêlos brancos.
Trinta e seis anos, tanta miséria! Meus pais
levaram-me ontem a Mafra, a mim e à filha.
Vi mármore gigantesco e corredores toscos,
alguns turistas de todas as nacionalidades,
o guia debitando um português incompreensível!
Mas esta angústia não sara. Deixo ao tempo,
como sempre deixei, o apaziguamento de tudo!

17/4/84

PRIMAVERA

Nesta pequena marquise banhada de sol
meu corpo cansado de tanto trabalho inútil
sente a lambidela da vida, o calor ingente
diluindo o sofrimento do inverno volvido.
Sente uma chama pelo corpo dentro, a carne
devolvida à sensualidade da natureza.
Estou em mim de tanto me sentir remoçado,

as torpezas do mundo abandonadas esmolando
onde o futuro tentará mais uma vingança.
Nenhuma alegria que me perpassou viveu
da só presença, logo a contrapartida soez
busca lançar-me o mal como sujos escarros
daquilo que não tendo nome lhe chamo dor.
Sofri tanto que nem me reconheço homem!
Passei por tantos estados sem alma
que perdi o começo da minha existência,
a razão plausível do ser que me entrega
ao vazio onde espreita o horror do nada.
Pensei tantas vezes sucumbir e delirar
outras presenças quando a ausência de mim
me abeirava do precipício onde o possível
dardejava seu encanto de fim prematuro!
Colhi o choro vindo do mundo e da hora,
tanta miséria lançava-me de encontro ao nó,
essa figura filosófica onde a modernidade
ignora quanto perdura ainda de fealdade
na memória maculada das ideias humanas.
Quis vingar-me, mas o corpo doía, o espírito,
esse, parecia envolto na materialidade
de todas as coisas, sinal inviolável do ódio
que agia como ambiguidade da perdição.
Os tempos diluíram-se na confusão babélica,
jamais o presente se distinguiu do passado,
do futuro resta-me apenas o sonho vivido.
Mas agora, aqui, nesta marquise, o lugar ideal
onde ao cosmos se une a minha inquietação,
sinto que a morte foi o prémio mais sublime,
capaz de me fazer descobrir quanta vida
dorme nas pequenas coisas onde o olhar
lança seus lumes de espanto e de amor!

17/4/84

MÚSICA DO TEMPO

Impedido, súbito, de memória, busco, em mim,
quem nunca fui, e só acho asco e risos...
Quem gostaria de ser foi, esse sonho
onde a criança ainda era possível, e tudo
faz lembrar que mundo se vive na mudança!
E mesmo se me perco, encontro aqui e ali
certos ecos, espúrios espaços delimitando
a ausência como essência da contingência!
Que verso! Que vaso! Nenhuma flor me espera,
mas, adversativa, a hora onde escorrego ágil
até ao preâmbulo icástico do choro brando.
Quem fui perdeu-se pelo tempo soberano,
deixou-me exangue e isento, incapaz de mim,
longe de qualquer origem, perto de quanto
é símbolo onde desagua o esplendor do fim!
Ninguém sabe quanto desmereço viver!
Eu próprio ignoro quem sou e quem arvoroo
quando digo, humilde e sincero, eu amo.
Vivem-me vozes, não do deus que aprendi
na escola do calão ou da versúcia parva,
mas de quem se insurge por haver um além
quando é aqui que tudo se devia passar!
Só no sol sossego, só no calor da tarde
reconheço que houve outras tardes outrora,
outros sinais, ora amarelos de crua ustão,
ora azuis de permanência no êxtase severo.
Quanto tenho vivido, recordo agora, afogueado!
Lembro, súbito, que fui jovem como ninguém,
que senti todas as tentações da palavra
quando o olhar me induzia em sábio erro.
Essa casa onde nasci existe, quero que saibas!
A história que me fiz recolhe-se em livros,
alguma biblioteca do universo arde, sinto
que querem apagar as pegadas, os indícios,
as falas lançadas ao desagrado do horror.
Estou aqui e vivo, quero que saibas! Tudo
mais ou menos passa, até quem se ilude assim

com poemas falhos de magia e de remissão.
Mas importa? A alegria é outra, inventada,
e tu nunca a conheceste, assim, desta maneira!

17/4/84

DESÂNIMOS DESALMADOS

Melodias do século vinte português
torturam este começo de tarde, que tristeza
me faz pensar toda a mediocridade caseira!
Já empestavam antes de eu nascer
estes amores desdentados e chulos,
são agora rejuvenescidos pelos artistas
da hora para gáudio da imbecilidade pátria!

Que fazer? Todos têm direito à vida,
até a pustulenta ilusão da tradição lusa!...
E depois, ninguém me obriga a escutar
estes e outros fados que deambulam felizes
pelos ouvidos dos contemporâneos desastres!
Basta apagar o rádio, e esquecer que vivo aqui.
Aqui, quero dizer, neste malfadado país
onde a estupidez colabora com a pobreza
para que o exemplo do impossível seja!
Há quem se orgulhe da miséria que nos abafa,
há mesmo quem se ache no paraíso terrestre.
Aqui, neste infecto monturo da indigência!
Há homens para tudo, até para serem portugueses!
E há mulheres que cantam assim do fundo,
não da alma, que se foi, mas da cloaca.
Não, parece não haver nada a fazer, senão
fugir, deixar este fétido odor de pasmo.
Pena os países terem as portas fechadas,
e pena, nesses países, nunca sermos cidadãos!
Condenados! Presos! Perdidos nesta ratoeira!

E entre as velhas canções, conselhos,
hoje para as donas de casa, como se as houvesse!

Nem a páscoa é feliz! Há este sol redentor
que não pede licença ao estado português,
que não paga impostos nem ouve discursos
sobre a bancarrota que é o quotidiano viver.
Ei-lo, bem longe e bem alto, consumindo-se
pela eternidade como uma desrazão bendita!
Nenhuma canção, por mais portuguesa e medíocre,
te atingirá, felizmente! Ai se dependesses
deste povo! A escuridão seria perpétua!

18/4/84

DA BEBEDEIRA COMO PERCURSO ONTOLÓGICO

Com o fim da tarde vem esta profunda paz,
este clima onde o sol deixou o calor vibrar
como carícia em corpo que conheceu a morte.
Uma brisa lânguida entra pelo quarto loiro,
apetece perpetuar a hora, estender a luz.
Apetece descer pelo vinho ao âmago do ser
e aí pairar num voo sibilino de fogo feliz.
Apetece tanto renascer, descobrir nas cinzas
a máscara capaz de futuro ou de humanidade,
e aí experimentar o brilho de um mistério!
Infelizmente nada disto é realidade exacta,
mas sonho, imaginação, fantasia de bêbado...
O dia perde-se na nomenclatura das emoções,
a repetição é a figura da retórica acesa,
o tempo dispersa-se como dissipação de alma.
De alma? Jaz no redemoinho a pergunta crua,
o espanto cliva o espaço da sensibilidade,
nenhum horror me redime, nenhum incêndio
me apaga!... A roda roda, o sorriso do medo
apega-se à esfinge monstruosa, quem vive?
Dia mais que ritual ou menos que rotina,
pensar que se vem de tão longe esmaga-nos,
pensar que se vai até ao limite atordoa-nos!
Quem fala, quem sussurra, quem ri do desterro?
Exílio, deixaste de significar o quer que seja,

nenhuma predisposição da natureza te faz novo,
subsiste apenas a memória do inessencial!
Fim de tarde sublime, se te pudesse ser!...
Se te soubesse ao menos merecer dentro,
nem que fosse como um castigo ou dádiva!
Tempo, tempo! Lembro outros momentos de água,
vibrei diante do corpo aberto e palpitante,
gritei todo o fel que me nasceu nas veias,
e sofri a derradeira metamorfose do deus!
Ninguém mais, a não ser eu, e que disparete!
O verso distende-se como uma serpente fria,
o símbolo arde, a civilização passa, matéria
para a única metáfora que merece o meu eco.
Ser, ser! Mas o quê, e quando? Desce a tarde
como um homem que arrefece depois do dia
dedicado à apoteose de um sinal inamissível!

18/4/84

CÂNTICO À MANHÃ POSSÍVEL

Manhã estival, luminosa, serena,
baloçando numa natureza estática,
propiciando ao homem esta nódoa de sombra,
o sentido seguro de que tudo está a mais!

Manhã fluvial. Entre o meu olhar
e a correnteza de casas expostas ao sol
corre a água palpitante do desejo,
para sempre ficar assim, entre o céu e a terra!

Manhã rumorosa e facunda, ter-te
na pele com os primeiros calores,
esta primavera rodeando-se de luz inaugural,
espaço apetecido onde o ser se sacraliza!

Manhã intensa onde a cor amarela
destrói o azul de um céu puro, se tudo
fosse assim possível, assim calmo, assim nítido,

tudo seria um cântico de alegria e de prazer!

Manhã intestinal, um grande vazio
apodera-se da minha consciência ferida,
lava-me a podridão da gente estarecida
que cospe invariavelmente para o chão do destino!

Manhã extática e sensual, símbolo gasto
desta modernidade expelida do sonho grávido,
reviver-te atenua-me as dores do castigo
que é viver tauxiado na estupidez da época!

Manhã feliz, quisera estar à tua altura,
e saber sugerir quanto é importante estar,
homem perdido num hoje invertebrado
onde o sopro cósmico se perde no silêncio!

Manhã matriz, máxima última da identidade,
em ti recolho, em ti estremeço, em ti sou,
aberto como uma inolvidável esperança,
absorto como um inestimável fito!

19/4/84

A CONTRADIÇÃO COMO CAMPO DE BATALHA

Não é por acaso, nem por esterilidade súbita,
que quando começo a escrever lanço um olhar
pela janela adjacente. Imbecil, penso ainda,
intimamente, que a realidade é o fora, a coisa.
Não sei o que é a realidade, nem sequer, julgo,
me interesso em alcança-la ou demovê-la.
Mas é um facto que todas as vezes que procuro
o papel e a máquina, absorto, ou destituído,
busco na imagem conseguida a matéria genial
capaz de me trazer um poema, um verso próprio.
A verdade é que o que vejo não me inspira,
nem me alivia da dor quotidiana. Mas ver,
a paisagem diminuta das traseiras de casas,

algun verde ainda útil, duas ou três árvores,
sensibiliza-me ao ponto de juntar as palavras
que formarão o primeiro verso do poema.
Mas será isto a tão falada, outrora, inspiração?
Se é, sou obrigado a pensar que o olhar humano
é essencial em qualquer passada ou futura
estética. Ver consiste em quê? Quando olho,
vejo tudo o que rodeia como um mundo aceso
onde o lugar comum é o prazer do reconhecimento.
Nesse preciso momento, que são todos os momentos,
o fora suga a consciência que nos enquadra,
esvazia-nos dos percalços psicológicos, acção
tão precursora como sentir que não se é gente.
É-se reflexo, espelho movendo ao longo do ser,
daquele que se desprende das coisas e jaz,
solene, nos interstícios da soberana comunhão.
Terrível monstruosidade, sentir que nada arfa
porque tudo existe, uma folha de árvore trémula,
um automóvel que passa, pessoas que testemunham.
Nesses momentos, é a pura irrealidade que se diz,
que entra como evidência na minha sensibilidade,
que atordo a razão intelectual onde a fala cai.
Surge a distância, e mais do que isso, o alcance,
a presença quase sensual de uma ausência sonhada
onde a vida não seria este nascer e depois morrer.
Em mim há qualquer coisa que foge ao paradigma,
ao padrão. Não é possivelmente realidade, embora
sinta que dela depende, para o bem como para o mal.

19/4/84

QUANDO A CHAMA SE DESCOBRE ALMA

Estou cada vez mais longe dos poemas que amo,
porque o que amo depende cada vez menos da língua
ou das palavras com que arquitecto uma chama!

Deveria ter a coragem para deixar de escrever.
E não tenho. Cada dia que passa pede-me testemunho,

este ritual em ritmos que a música desconhece!

Esmero-me no anonimato do sentido, arvorei nada
para que o ser sobressaia em plena harmonia, jazo
em vocábulos que se não acham na história!

A premeditação em mim é um crime e fujo-a
cada vez mais convencido que perder me é essencial
para que o carisma seja realmente eterno!

Passo pela brincadeira, dobro a ironia,
exploro as assonâncias com o mesmo desprazer
com que relembro estéticas do passado!

E nunca atinjo a fronteira, essa linha rude
entre o que pretendo e o que me alaga, a luz
impossível de descrever, o calor da carne!

Humano, exponho ao século a gaveta mítica,
meu corpo dorido pelo sofrimento, pelo desgaste vil
auferido em sociedades que nos arrancam ao ser!

Mas não alcanço nem a extensão do mistério,
nem o desvelo do desastre, antes revigoro a hora
em que perecer será como escrever um poema!

Daí que alguns digam em secretos ensaios
quanto da morte paira na alegria da desproporção,
daí que não possa amar a vida que me cabe!

Quero apenas sugerir o que não posso dizer.
Nenhuma palavra é suficiente para dirigir ao âmago
a precariedade de tudo que assola a alma!

19/4/84

PARA UMA SINTAXE CONTEMPORÂNEA

Sabe tão bem estar aqui,
neste pedaço cósmico do espaço,
articulando bafos com sopros e traços
que surgem na desflorada consciência!

Nenhum mundo atroa, nenhum espinho me fere,
antes dói viver assim em plena pujança,
um corpo visível entregue ao prazer,
sentir que o tempo também é substância!

Em tudo há matéria para a ambiguidade.
Viver é um compasso lento de espera,
morrer há-de ser sempre uma surpresa,
convém fazê-la simples e se possível agradável!

Amo a queda, o voo siado, o cio terebrante
onde se ganha do corpo a carne e o sangue
onde um pulsar signifique não só a explosão
como o pleno desgaste da metafísica explorada!

Amo o percurso cheio de sinuosas verdades,
esses apelos que engravidam a consciência da hora,
essa tristeza que desfigura a realidade
para fazer sentir ao homem que algo mais há!

Não interessa agora prevê-lo ou mesmo predizê-lo,
interessa sobretudo gozá-lo, assim, como adulto
que esqueceu a criança, ou como velho
onde a idade é uma pausa na descoberta!

Aquela mulher que passa! Deixá-lo! Amo-a,
desde sempre, sem conhecer seu horror ou mal,
como se fosse uma divina metamorfose da fome
que viu meu corpo sofrer os engulhos da carne!

Tão bom estar aqui a brincar com palavras.
Poema?... Nada disso. Não há aqui pretensão,

nem medo ou censura que obrigue a genialidade.
Há mesmo um desejo de saber o disparate!

19/4/84

VAGUEANDO AO SOM DA INTEMPORALIDADE

Ir mais longe como finalidade estética
esmoreceu-me!

Viver pela escrita o perto ontológico
desmerece-me!

Não fazer parece-me o único caminho,
a saída viável!

Há contudo um papel e esse papel chama!
Branco como está anseia, sinto, o vinco terrível
da inscrição de figuras parecidas com palavras!

Não tenho liberdade para abandoná-lo,
não sinto vontade para abandonar-me!

Assim, espúrio e talvez grotesco, venho,
cada dia mais incerto, cada dia mais cheio,
até ao ponto onde a perdição se encontra!

Jogo de palavras?... Duvido.
Ouvi tantos queixumes, tantas falas,
que me é difícil esquecer a língua humana.
Há um mundo que precisa de ser dito,
aqui estou, o impossível arauto.

Fala-me ao sentido nenhum a carne.
O que me diz iguala-se ao sangue vertido
em insonoras batalhas do absoluto,
quando o relativo arfa.

Aqui estou, grito, insubmisso e patético.
Estarei? Quem fui não sou, quem sou serei?..
Engraçado, até parece um poema, este poema!

Que estará errado? Algo se ganha quando se perde!

A filosofia barata! Ir mais longe, disse...
Outrora ainda consegui fingir que queria,
hoje não pretendo mais que este nada!
O berço e a cova. Entretanto, este entretanto!...
Entre tantos suspiros quantos foram meus?
Quantos foram bons, quantos foram maus?

19/4/84

A REALIDADE DA SONOLÊNCIA

Precipício ou vácuo a tarde decorre,
eleita luz batendo o compasso do sol,
sinuoso vento enrodilhando roupas secas.
Expande-se o calor sobre superfícies
expostas, algumas moscas aparecem no quarto,
apetece dormir, cair no esquecimento!
Músicas longínquas deflagram apoteoses,
vizinhos sisudos vêm à pobre janela,
jovens raparigas ajudam tarefas caseiras.
Todos se movem, todos vivem, todos existem.
Alguém escreve este poema, alguém sou eu.
Ninguém se insurge contra o tempo lato!
Tarde tão bela que apetece fazer do sono
uma viagem imaginária, e sair de casa,
e ir até ao perímetro da realidade.
Mas a cama chama, deserto terramoto
onde penso perder o vinho ensurdecidor
que ganhou meu espírito e minha alma!
Um gato brinca sobre o telhado podre.
Uma criança debruça-se para ver o chão.
Mãe vigilante estende uma mão amável.
Não há metafísica nenhuma nesta hora,
há apenas a presença do meu turvo corpo
dizendo-me que apetece dormir a sesta!
Céu azul onde nuvens medrosas diluem
um branco espermático, a árvore enorme

que lança doçura na sombra derramada.
Natureza de abril onde o verde da erva
nasce na terra empapada de água núbil,
estranho conúbio protegendo a mudança!
Fluxível poema, deslizando na ignorância
do seu mais destituído ser, sulcando
a poeira onde brilha a destemida palavra.
Não sabe para onde vai, entre o sono
e a aventura, mas ganha a distância nua
que o separa da moderna genialidade!

20/4/84

DOIS ANOS DE ESCRAVIDÃO

Viver assim tão longe do mundo,
o mesmo é dizer, do local do trabalho,
dá-me o respeito pela vida, isolado
nesta casa onde só convive a família.

Não ter que perder tempo nem alma
com os modernos algozes, que se ignoram,
que felicidade! Longe da multidão,
perto de quem me quer e ama!

A própria vida surge nas minhas veias
com uma sensualidade que se concentra
no pénis espezinhado. Todo o dia
a voz do tesão cicia-me cânticos alados!

Sinto-me novamente homem e forte.
Não o farrapo que durante dois anos
conheceu o outro nome da escravidão,
o estágio como preâmbulo da morte séria!

Sociedade filha da puta, quanto nos faz
sofrer inutilmente, seguindo, cegamente,
as pisadas do deve ser porque sim,
incapaz de um brilho de inteligência!

Tanta canseira para absolutamente nada!

E tanto vexame, tanta humilhação, ouvir
da boca de quem, quando muito, nos é igual,
juízos de valor sobre a nossa presença!

Isto está bem e isto está mal! Estupores,
enfrentados perante a mesma situação
balbuciam a incompetência que os define,
mas esquecem-na quando avaliam vidas!

Mas o ódio dilui-se neste calor primevo.

Que importa a classificação e o número,
aqui todo o campo de concentração se derrete,
permanece apenas o corpo nu e natural!

20/4/84

SE EU ME SENTIR SONO...

Naquele abandono que é o não sentir
sinto que não sou e que tudo é eterno.
Estranho sono desposuindo quem sou,
uma roda de cicios sussurra o lamento,
uma paisagem de água despoeira o céu
como se todo o sangue fugisse da terra.

Nesse abandono deixa-me ficar sempre,
incapaz de distinguir o que é realidade,
o que foi sonho, o que será futuro...
Ave que cobres o mundo no teu voo,
uma sombra de êxtase na asa que passa,
uma queda tão livre como atingir o fundo.

Nesse abandono espreito a aurora, véu
terrível o da contingência, a distância
cada vez mais breve entre o ser e o nada.
Durmo? Ausência. Presencio a história
de quem vive o que dorme, estado limite
onde o carinho envolve a consciência.

Não há mais nada. A sombra da paz jaz
feérica como passado de quem esqueceu,
viver não é sentir que tudo esmaga?
Num chão qualquer repousa alguém,
dizem que é homem, dizem que foi molde,
ninguém sabe ao certo de que essência.

Naquele abandono seguro da morte
quem é explode, quem foi perde-se.
Tão longe o alcance, tão perto a voz,
parece ser quem sente fugir a dor.
Aconteça o que acontecer, é sempre
abandono, para que a paz seja certa.

20/4/84

DEPOIS DE UM DIA MAL VIVIDO

Crepúsculo sereno saldando-se pelo silêncio,
como se a paz tivesse descido a este lugar,
uma paz feita de lassidão e de apelos.
Céu enevoadado de finíssima camada de poalha
dando à terra uma luz onde o sol desapareceu.
Na casa deserta o telefone assinala a presença
do longe onde alguém procura a comunicação.
Não tenho coragem para me levantar. Não estou.
Nada de importante seria tão importante assim
que me fizesse saber o recado que me alcança.
Não tenho compromissos com ninguém, o mundo
traduz-se pela dor que é sair de casa ou de mim.
Faz calor e um suor quente lambe-me o corpo
entregue ao abandono de um dia quase infeliz.
Nada fiz, é fim de semana, deitei-me na cama
onde a imaginação adormece e o sono domina.
Não sei onde estou nem quem sou ou por que vim
poisar sobre esta terra onde a humanidade vive.
Sinto-me terrivelmente de fora, a mais, isento,
como se fosse possível ainda a indiferença.
Nada me toca, nada me diz ou me sensibiliza,

a memória do passado recente faz-me encolher
até atingir a postura do feto que nunca fui.
Perco a inteligência nesta sonolência cava,
vejo de olhos fechados o que não pode existir,
ouço sons que desgovernam a essência cósmica,
sinto no centro de mim o sangue encurralar-se
nesse esdrúxulo membro onde a vida vocifera.
E não é sonho nem vingança dos sentidos lerdos.
A realidade está aqui, de fora, bem presente,
esta nódoa onde a distância adquire predicados
que cabem ao tempo, não ao espaço da desesperança.
Se pudesse ao menos fingir que tudo está bem,
que a natureza continua natural e cíclica,
que meu destino se cumpre na máscara do homem.
Estranha dor que nem inquietação pode ser,
nem remorso ou facto onde a grandiosidade arde.
Sou um céu conspurcado de níveas nuvens toscas,
infinito onde nenhum símbolo se inscreve ou age,
estou como um horizonte que se desconhece,
viver será talvez reconhecer o que nunca soube!

21/4/84

MENTIRAS

Sinto-me prisioneiro do quotidiano.
Sair, sair, é quanto grita minha alma.
Não haver algures um sólido plano
capaz de me fazer viver com calma!

Os dias são sempre o mesmo vil dia.
As horas trazem sempre a tempestade.
Os minutos fingem sempre que se adia
o momento mais precioso da liberdade!

Sair de mim e percorrer na outra luz
a distância que me separa de mim.
Viver na pele do homem, se me seduz,
dá-me todo o cansaço do perto fim!

A própria terra não me reconhece.
Ei-la, tão verde e sensual, diferente
de quem sou quando meu ser arrefece
como se fosse uma chama ausente!

Vejo e isso não me basta. Preciso
de sentir que o mundo está próximo,
que tudo navega no ponto conciso
onde poderei atingir o calor máximo!

Dispersão, catástrofe, confusão, morte.
Ninguém me alivia do peso milenar,
ninguém me diz os desígnios da sorte,
solitário recebo-me como um avatar!

E quando vou pelo caminho tudo jaz
como sombra desse nada obsidiante.
Procuro a acalmia, a sóbria paz,
encontro apenas a dor excruciante!

Que fazer? Não há fazer nem agonia.
Há este permanente desejo de ser,
sem saber o que significa a alegria
desta presença que não me sabe viver!

21/4/84

TERRÍVEL PACACIDADE

Sentado no coração do universo,
sente-se deserto, falho de ritmos
e da acção que governa o pensamento.

Uma paz terrível pulsa no seu peito,
ignora de onde vem, para onde vai,
explora apenas o simulacro de explosão.

Deixa-se ir, deixa-se vir, deixa ser
quanto movimento arvora ao clímax,

espera que a vida lhe dê razão.

Entre o frio e o calor persiste,
súbito homem, súbito deslize, o olhar
tão longínquo que abarca outro além.

Indiferente ao mundo que roda,
incapaz de compreender os outros,
fez-se outro para que tudo seja.

Desconta a monstruosidade breve
de quem o persegue como uma máscara,
reconhece o falhanço da epopeia.

Nada sabe porque a ignorância
enleia, insinua, seduz uma força
onde se vê como reflexo do alcance.

Da distância não sussurra o arco,
da ausência prefigura o futuro,
mente poemas para sobreviver.

Escreve no corpo o tempo zeloso,
inscreve na alma o espaço rival,
discorre no silêncio da paixão.

Ele que está tão perto do longe,
ele que recobre os sentidos perdidos,
ei-lo, tão só na imensidade do sonho!

22/4/84

DIÁLOGO DE SURDOS

Olá, ninguém, como estás?
Não estás?!... E isso importa?
Olá, alguém, como vais?
Não vais?!... Faz-me esse favor!
Existe! Peço-te de todo o vazio,

de toda a calamidade que irrompe,
soturna e ávida, sê por um instante!
Sê alguém ou alguma coisa e acompanha-me.
Respira enquanto lentamente respiro,
seguro do brilho cósmico que me desfigura,
segue-me pausadamente, sê-me um momento.
Vive-me neste corpo e neste espírito,
quero num segundo que seja vogar sem mim,
longe de qualquer memória ou peso,
puro nada articulando a voz do universo!
Aceita-me homem e veste-me, não só a pele,
mas a carne que me transpõe ao segredo,
e se puderes sofre a humana dor!
Que bom, não ser nada, não ser ninguém,
estar aqui insubstancial e imponderável,
do outro lado ontológico como relógio
batendo as horas de um outro tempo.
Sem tempo. Sem espaço. Sem começo. Sem fim.
Não é êxtase nem imaginação: é a vontade
de desaparecer vivendo, de ser inexistindo,
faúlha da chama possível que clama povoamento!
Estás aí, ó tu! Tu que deslizas pela sombra
que meu corpo projecta no chão da demência,
tu que beijas os momentos de suor horrível
quando o silêncio ciciza o fim de tudo,
tu que berras as injustiças do mundo cego,
tenta compreender-me! Mas ninguém responde.
Terei que te ser?! Terei que fazer tudo,
e mais alguma coisa, para conseguir sentir
o fundo, o eco, o cerne, a disponibilidade?!
Repito: como estás? Cabe-me retorquir.
Só eu sou mundo e realidade e cosmos.
Mais ninguém me pode substituir.
Como vais? ouço. Vou bem, digo.
Vou sempre, sempre iludido,
até ao ponto limite de mim!

22/4/84

A NOSTALGIA DOS ESPAÇOS PERDIDOS

Que melhor prazer que olhar para o céu
num dia de calor, quando a primavera estala?
Esse azul infinito onde nuvens esfarrapadas
deslizam maciamente, limpando a podridão
que sobe da terra conspurcada.
No lugar do sol encoberto apenas
um enorme clarão onde o branco explode.
Mancha terrível, centro de luz revolta,
tamisada pelo obstáculo penetrável.

Não quero revelar nada de essencial.
Não quero dizer como me sinto.
Não quero falar da indisposição
feita de surda raiva e de turvo ódio.
Basta-me levantar os olhos e ver,
e sobretudo, basta-me não sentir nada!

Quantos homens ainda ousarão levantar
a cabeça, esticar o corpo, alçar o olhar?
Ninguém, parece-me, dá por nada!
Todos labutam as suas mesquinhas vidas,
fazendo pela vida, fazendo pela morte!
Pobres desgraçados, atarefados pela ambição,
pelo desejo de sobreviver à própria fome!

Este céu é só por si um espectáculo,
tão azulado e tão próspero de imensidão,
capaz de falar a quem tiver sensibilidade.
Este céu que não me chama nem me atrai,
tecto do mundo como o desconhecemos,
tela onde o destino procura o desenlace!

Não ser possível hoje uma ode antiquíssima,
um poema, um cântico, uma casta celebração!
Que fizemos à terra, que fazemos ao homem?
Chamam progresso à nossa escravidão,
ao tempo que se perde ajoujados à canga,

vítimas do capital como de um deus cruel.
Não haver céu nas nossas almas trituradas!
Não haver nada, nem sequer o desejo novo
de se criar, à nossa medida, a nossa imagem!

22/4 /84

TRÉGUAS

Um céu enegrecido por nuvens cinzentas
ameaça cair sobre a terra estupefacta.
Tarda a chuva que paira como odor
no ar abafado desta tarde primaveril.

Falar da natureza, ou destas coisas,
dá-me um prazer infinito. Sinto-me
diferente, testemunha ciosa de verdade,
captando os indeléveis sinais do mundo.

Algumas gordas gotas esbarram no vidro,
isoladas manifestações do alto mar
que se avista num horizonte lívido.
Nódoas líquidas aliviam minha estesia.

Apetece-me dizer, mais uma vez, sou
um homem. Confesso que ignoro porquê.
Mas deve haver uma razão algures
para que a urgência seja tão grande!

Quase se evaporou a pinga precursora
e eu continuo aqui, aparentemente igual
àquele que fui há momentos. Tudo muda,
e no entanto são diversas as mudanças!

São diferentes os ritmos. Algures estou
no tempo que me cabe de vida, sem saber
em que lugar preciso, se muito perto,
se ainda longe do fim que me espera.

À minha maneira, também me evaporo,
desapareço pouco a pouco da superfície
que me agasalhou durante anos e anos,
deixando possivelmente nenhuma marca.

Também eu, dizem, sou água. Também eu,
plausivelmente, desci do céu, aterrei
neste lugar que agora se faz poema
para que reverta à origem o meu fim!

24/4/84

A FONTE DA IGNORÂNCIA

De tal maneira limitado pela realidade
que espero pela chuva para continuar a escrever!
Não sendo essencial, como se explica
esta minha fidelidade a coisas sem importância?

Suspensa alago-me pelo olhar que lanço
ao céu de hoje, uma asa negra sulcando o níveo véu,
uma luz conturbada onde o ser que em nós existe
voa, perdido pela fluência do tempo acro.

Pingas fazem estremecer com um cavo ruído
a vidraça da janela rasgada para o fora.
Nada disto queria dizer, mas isto impõe-se
como a única verdade disponível na consciência.

Sou um mau poeta pelo simples facto
de não ser sequer um poeta. Minha relação
com as palavras não se pauta pelo histórico,
mas pelo imponderável da experiência.

Não as governo nem me governam. Seria fácil
demais. Nem arauto nem demiurgo. Apenas um homem
sem fronteiras construindo a casa do futuro, o nó
onde o universo terá que se reconhecer!

Ninguém me diz o que devo fazer ou escrever.
Alguém, que inventei no paroxismo do tempo,
cicia quem me faço e quem sou, o outro eu
capaz de me libertar da censura e do mundo humano.

Tarefa quase impossível, fazer de um corpo
de homem um homem onde o corpo capta o uivo
que o cosmos lança pelos espaços siderais,
dizendo mistérios que a língua desconhece ainda.

Cabe-me a mim soletrar palavra a palavra
a melopeia que meus ouvidos ouvem, cabe-me a mim
refazer essa escrita que desce pelos céus inóspitos
até ao âmago da minha ignorância: ser tudo no todo!

24/4/84

A DISPARIDADE DO DISPARATE

Quase sete da tarde!
O dia passado em casa, em afazeres
que em nada dignificam o homem!
Aproveito ainda estes últimos raios,
o sol quase a desaparecer no telhado
do prédio em frente!

Fim do século, diz-me
a consciência da inutilidade da hora!
Não sei bem porquê, mas sinto
que há uma relação enigmática
entre o sol-pôr e o sentimento
que agora ganha meu ser despedido!

A marquise dourada, incendiada
pelo fraco clarão que banha a terra,
e eu aqui, gozando como um estrangeiro
a agonia, a paixão, o olvido.
Sem lembrança de nada.
Puro como um variado vagido!

Viver-te, velho astro voraz!
Saber-te sensual, sereno, sitibundo,
caindo sobre a casa, a coisa, colhendo
do mundo a mádida medida, o medo mudo!
Ser-te solene, saída sedutora
para o caos que contamina a queda!

Desapareces lentamente, suavemente
deixando em mim a máxima eterna: passar,
pedir ao infinito um eco, cicio sibilino
onde quem vive reconhece o horizonte.
Nada para além, a não ser o nada!
Tudo aquém, até o amálgama do todo!

26/4/84

A IMPOSSIBILIDADE DE TÍTULO

Nenhum poema suportará por muito tempo
esta inóspita serenidade de onde emirjo!
Delidos todos os males do mundo, fica-me
o universo na sua voz maviosa soletrando
os percalços cósmicos, a história secreta!
Não consigo reproduzi-los em língua humana,
esses ruídos que se imiscuem na consciência
como sussurros da matéria que governa tudo!
Denuncio uma situação falsa, pela máscara
traduzo a sedução que é viver assim a hora,
fixando no nada a grandeza do olhar veloz,
roubando em tudo o brilho de uma presença!
Serenidade total calcorreada pelo suspiro
de quem se balança na respiração desumana,
um corpo celeste no monturo da inteligência,
um atónito barro sentindo o ctónico berro!
Nenhuma possível identidade para o momento.
Que discurso seria capaz de desfazer o nó
da paz que desce pelas veias até ao pensamento?
Que linguagem atingiria a fímbria do caos,
longínquos estremecimentos meditando o começo?

Que vituperiosas línguas alcançariam o lar,
a paz perdida nesta imensidão de firmamento?
Nem a rima atina nem o branco do verso vence
o profundo desejo que eclode nestas pedras.
Serenidade sublime, sédula segurança alçando
a voz até que o ritmo universal te seja!
Nada mais há, nada mais existe entre a terra
culminada pelo descontentamento e o sonho
realizado como um hipotético crime civilizador!
Durará tanto quanto este vazio souber viver
a extensão de cataclismos indiferentes à alma,
permanecerá como sadia intrusão da liberdade
no espasmódico léxico filtrado pela demência.
Engraçado como poemas como este introduzem
em mim mais esperança que doutrinas sociais!
Sei que me perco e que no fim jaz perecível
o outro lado do teu corpo, serenidade plena!
Mas importa? Nadar pelo voo traz ao saber
a única possível medida: merda para tanto eco!

26/4/84

AO SABOR DOS LEITORES

Quando o espírito se destrói a carne dói
infligida dos mais misteriosos castigos!
 Não haver um pensamento é a solução,
 deixar o barco vogar como um sibilo!
Fora e dentro em conluio arcaico recebem
das palavras as metamorfoses da percepção!
 Ninguém se acha no meio da verdade,
 nem quem afirma ter descoberto o pó!
Pobres populações desfeitas pela miséria,
nenhum blues coincide com a dor da alma!
 Ei-los que chegam, os algozes fatais,
 trazem em bancos as notas da morte!
E todos desfalecem de inveja e de nojo,
ir sempre mais longe é um carisma eterno!
 Cerra o cerco esse olhar esplenético

onde se vislumbra um apocalipse agora!
Ironia?... Aqui não se brinca com a guerra,
nem a cal mumifica a desrazão do ocidente!
Acidente do discurso, dizem as vozes
que buscam nas gramáticas a arte velha!
De novo o sigilo, sem se saber porquê ou como,
mas advertem os vazios as consciências tolas!
Sóbria, a história assiste ao desprezo
com que se inauguram partidos perdidos!
Todos querem possuir o corpo da democracia,
escondido, o olhar da crítica descerra o nó!
Ei-los, os ferimentos, os traumas felizes,
sociedades divididas no alto e no baixo!
E tudo, dizem, está bem. Tudo corre no vil mar
do lucro onde os naufrágios são vislumbres!
Cada homem recolhe ao seu suicídio,
a memória dilacerada pelo presente!
Linha de conduta? Linha de sentido sentida
como palha ardendo pelo incêndio autarco!
E ninguém se apercebe do jogo humano,
ninguém reconhece o tropo da ausência!
Corta este futuro, digo à demência, corta
este mundo feito de chatice e de pobreza!
Alguém saberá do que se trata quando
ler a epopeia pálida neste segmento?

26/4/84

E O TEMPO PASSA...

I

Pacífico.
Apetece-me dizer pacífico.
Não sei mais se é oceano, que o conheço
da costa de Califórnia,
de San Francisco a Los Angeles,
se simples adjectivo.
Pacífico como mais nada.

Pacífico como palavra que irrompe,
súbita consciência onde, por algum motivo,
paira a difusa dor de viver aqui.
Nada de metafísica.
Mas do que me espera ainda
até fim de junho, na escola prisão
onde serei avaliado pelos que não são!
Pacífico nunca foi o meu destino.
Há sempre provas, provações, vencer
arduamente para adquirir o que outros
tão facilmente usufruem como se nada fosse.
Pacífico, essa praia longe, essas tardes
de agosto inundadas de luz estrangeira,
e eu tão longe!
Há sempre um depois para que o êxtase
se perca como apontamento mínimo
na memória.
O mais é o mar do desespero,
lutar todos os dias contra tudo e todos,
mais contra todos que contra as coisas!
Um homem como eu não deveria ter profissão.
Um homem como eu não deveria de precisar
de ganhar o pão.
Sair lá fora é a queda,
obter do trabalho infecto
dinheiro para alimentar o corpo.
Pobres sociedades seduzidas pelo ouro,
pobres homens que não sabem ser sociedade!
Um formigueiro de gente onde a inteligência
escasseia, onde a sensibilidade se perde,
onde a alma de cada homem descobre o abismo.
Pacífico! Pacífico!
O horror de ninguém poder sentir
o que me vai pela cabeça!

II

Talvez seja melhor assim.
Domingo findo fingindo que é domingo.

E esta permeável inquietação.
Sentir-me tão inútil, tão nefasto...
Nada do que faço, nem ensinar a quem não quer
aprender, tem a urgência da única poesia: fazer!
Nada de essencial me passa pelas mãos.
Que coisa, até hoje, construí?
Onde está a cadeira, o móvel, a casa?
Sim, em tempo devido, plantei a árvore.
Sim, em tempo aprazado, fiz um filho.
Sim, em tempo dilatado, escrevi livros.
Serei, só por isso, um homem?...
Os gregos diziam, mas os próprios gregos
se enganavam... Ou tudo mudou desde então.
Não me sinto um homem.
Um verdadeiro homem.
Não sei exactamente o que é sê-lo,
mas não pode ser isto.
Nenhuma realização, nenhum contentamento.
Viver nestas sociedades onde os papéis
adquiriram mais força e poder
que o poder!
Todos têm medo das leis.
Todos esqueceram que a única lei
é o homem.
E escrevem, e escrevem,
na estulta esperança de mudarem as coisas,
o universo, o homem, a alma!
– Pacífico! É um berro agudo,
atroz, verrumando o cérebro.
Procuro pacientemente a paz.
Encontro-a aqui e ali, tréguas,
visões, aparições, revelações,
toldadas ou imediatamente eclipsadas
pela geral toada da loucura humana e social.
Também eu escrevo, milhares de poemas,
milhares de acenos, milhares de palavras,
sem esperança!
É tanto o desejo de finalmente viver
que faço do meu pessimismo a alegria,

a razão do sentimento capaz de paz!

29/4/84

PARA UM PAGANISMO DE FACHADA

I

Os dias são tão grandes e eu não mais sou que vê-los.
Estranha pobreza, e genuíno enleio, fixar o azul do céu
sentindo que se participa do mistério da natureza.
Nada mais tenho. Nada mais quero. A alegria é tanta
que o próprio corpo quer acompanhar o ávido olhar.
Saltos anímicos, e este derrame bruxuleando carícias
entre os dedos que apontam o infinito da presença.
Tanta luz irradiando calor pela casa luxuriante,
pensamentos mil desfazendo a imaginação do século,
sentires que se sustentam do brilho ofertado pelo sol.
Não sei se estou, nem isso interessa. Viver assim,
o rosto virado para o poente sorvendo a energia,
a força capaz de transformar a história de hoje
no presente que se respira minuto a minuto outro.

II

Tenho estado tão longe, ó horizonte, mas regresso
agora imbuído de desejo e de força. Passou o tempo
do inverno, agora a natureza desabrocha entre a chuva
e o sol numa harmonia que se deve somente ao acaso.

O corpo acolhe o calor como se fosse uma alma,
o olhar perde-se pela imensidão do céu profundo
à procura do único mundo onde a humanidade é certa.
Sentir coincide com a imagem que se recebe do fora.

Não há poesia para tanta alegria no seio do homem.
Nem palavras que saibam dizer o que se sente.
Há poemas aproximativos, mãos erigidas ao sentido.

Ficar, ficar, é a canção do silêncio que embala.
Tanta vida em frente, tanto esplendor nesta hora
que revigora pelo sentimento que enche o coração.

6/5/84

IMENSIDADE

Maio chovido, a terra hiante sorvendo
os resíduos do céu, essas gotas translúcidas
chocando contra os vidros, nódoas líquidas
do íntimo desgaste, do último aniquilamento!

Onde estou ninguém sabe, nem a linguagem
contém o ritmo de uma ausência que se anula
quando as palavras edificam poentes de poemas,
faúlhas da única necessidade de viver!

Terríveis sons sentidos como vozes vorazes
eclodem nesse mesmo lugar onde outrora era a hora
da inspiração, do estremecimento da alma, aterro
onde quem se delimitava escolhia a serenidade!

Agora gira num rodopio de chama a trama
do chamamento, esse olvido, essa alegoria,
símbolo perdido na selva dos pensamentos,
aparição tão casual como a seva demência!

Época talvez, mas não mês ou tempo humano:
chove na ratoeira do ser quanta água dissolve
o poder do mundo, a ciência da modernidade tola
onde o homem descobre o fim prematuro do caminho!

Não há que fazer nem como, mas há, luxuriante,
a apoplexia do vagabundo destino frente ao muro,
uma brancura de derrota pedindo sinais maiores
como se o sangue falasse de outras paragens!

Mistério nenhum navega pelas sendas ignotas,
antes a inversão como estigma do passado nítido
onde escrever obedecia ao século e à forma,
incêndios seduzindo a mentalidade do caos!

Mínimo mar madeficando a presença do olhar,
frases de fases que se vivem no arrebol tardio,
uma luz real tão intensa como a imensidade,
espaço desumano onde voa a palavra órfã!

8/5/84

SENILIDADE PRECOCE

Céu nublado, terra encharcada, sol níveo.
Como um menino que intimamente detesto,
sem qualquer espécie de obsessão, repito:
céu nublado, terra encharcada, sol níveo!

Poesia deve ser isto, repetir indiferente
de qualquer coisa que nos cresce e narra,
acompanhamento quotidiano de forças vis
entoando a canção desconhecida do nada!

Céu, terra e sol. Há quanto tempo, solene,
não juntava estas só palavras, estes sons?
Céu, terra e sol. Há um deslize, há um arado,
há uma queimadura imensa como a carne viva!

Dizer é a minha tarefa. Sussurrar, pleno
e ignorante, certos versos onde a língua
verte uma contradição e uma ambiguidade,
para que tudo seja estranhamente possível!

Céu nublado, terra encharcada, sol níveo!
Nenhum saber, nenhuma mensagem da história,
apenas o criterioso acaso da realidade
quando a memória deixa de conduzir o barco!

Nuvens filtram o fogo dando-lhe um clarão
onde a luz insinua o leite, a brancura fria
de uma página explodida nesse lugar súbito
capaz de sugerir um mistério de avesso!

Há quem olhe essa eterna explosão, não há
semelhança que inaugure um poema moderno,
nem metafísica que se insinue no turbilhão
onde as palavras são devidas, mas não puras!

Escrever pois o mito, a meta, a multa, a morte!
Céu nublado, terra encharcada, sol níveo:
sentir que é fundamental repetir a canção,
encantatório estremecimento da paz universal!

8/5/84

TOLICES DO ENTARDECER

Paulatinamente desdobro a existência,
tenho o corpo uma chama viva de esperança,
indiferente à velhice que me molda o fim.
Sinto como se fosse verdade que regresso
ao começo, que transformo o quotidiano
até caber no esboço real que fiz de mim.
É possivelmente loucura, esta oca ternura
soldando meus pensamentos ao futuro ser
que desce e sobe as escadas do delírio.
Sinto-me bem embalado de insegurança,
vendo como me perco na sociedade tola,
levando mais longe a abertura do caos.
Só assim posso viver, só assim mereço
a voz que me habita desflorando o cerco
da pequenez que me invade a certas horas.
Não me interessa saber de onde vim.
Sei que vou, pouco a pouco, ganhando pó,
não da destruição que acalento na vida,
mas da memória eterna que me precede.
Não tenho medo. Saberei passar o estreito,

saberei sentir o absurdo de tudo, saberei
gozar a paz meticulosa da renúncia achada.
Há um silêncio que diz e uma luz que apaga.
Percebi, percebo, e basta-me sabê-lo assim,
sem mais nada, nem sequer a ajuda febril
daquilo que não sendo é a filosofia.
Tantos anos lutando para poder regressar
sem voltar atrás, sempre em frente indo,
inventando quando posso o caminho pessoal,
tomando a estrada larga da humanidade
quando a opressão se confunde com o poder.
É naturalmente uma ilusão. Deixá-lo!
É sobretudo uma frágil conquista, sonhar
que nunca se existiu, nem aqui nem algures,
estando sujeito a todos os reveses e ódios,
num corpo que finge a verdade e o desejo,
numa alma perdida na confusão das línguas!

8/5/84

AS SUCESSIVAS METAMORFOSES

Na parede em frente a sombra da persiana:
riscas brancas de cal alternando, geométricas,
com riscas sombrias onde a cal não floresce.
E um imperceptível movimento, como se a terra
vibrasse em terramoto insensível o pêndulo.
De dentro, da cozinha, o barulho ritmado, eco
translúcido nas dependências vazias e ávidas,
da máquina de lavar roupa... Realidade?..
É fim de mais uma tarde, e o sol resplandece.
Arfa, a marquise, dentro do calor que abafa,
sujeita ao ruído tempestuoso da máquina
de escrever... Realidade, isto?... Alguém
surge no fim do verso, mas de há muito está,
presente como olhar e como inteligência,
no espírito do poema que apenas começa.
Lá fora o vento zurzindo as copas verdes
de árvores sem vocação para subúrbios azedos,

perdidas nas velhas memórias das quintas
onde, ainda não há muito, nasceram e cresceram.
O prédio, este apartamento, é recente. A cal
está branca como uma inauguração solene,
mas não é cal, apenas tinta da civilização.
Mas a sensação é a mesma, quero dizer,
a brancura concita em mim a mesma impressão
de pureza, de pobreza, de necessidade íntima.
Que realidade é esta?... Esta é a maneira
de se dizer o mundo hoje, fixando a parede
em frente como se fosse um muro ou página
pedindo caracteres, sinais, símbolos, fogo.
E a máquina continua conforme avança o poema.
Piano estranho onde o ritmo se sacode ao sabor
da inspiração, não do eterno movimento alto,
mas do momento que se respira, que se vive.
Não há mais absoluto ou possibilidade poética
de se escrever o pensado, o reflectido ontem:
é agora que se passa, o âmagô, o tempo, o espaço
onde evolui o pensamento cingido pela estética
ao fluido da sensibilidade que se desprende.
Realidade?... Na parede em frente o universo.
Nu esplendor do nada despertando a consciência.

10/5/84

DIÁRIO DA SERVIDÃO

Uma estúpida melancolia sobrevém
cada vez que me ponho a pensar nas relações
que mantenho com esta sociedade
onde estou inserido.
Um desgosto maiúsculo, quando repasso na memória
cenas onde fui o escusado protagonista,
quando revivo, ó solidão!, as frases que disse
a quem nunca as ouviu de tanto embotamento!
Um terrível desespero, querer viver
a todo o custo, e ter que aceitar a miséria
como estado natural da convivência humana.

O que não tenho sofrido!
Dois anos de total manipulação,
fingindo que aceito a imbecilidade alheia,
para sobreviver!
Ganhar o pão, este pão pobre
de todos os dias, esta mendicidade envergonhada
que é receber os salários ridículos
que nos dão!
Está o mundo em crise, está o país em crise,
está o homem em crise!
E tanta inteligência incapaz de resolver
a crise! Tantas sumidades da economia
e do prego impotentes para deslindarem a vida
do seu fardo eterno, do seu gasto castigo!
Não admira que o sol me atraia, mas está tão longe!
Não admira que a música solitária me baste!
Falta de coragem intelectual.
Cobardia depois de quarenta anos de prisão.
Incapacidade de ver a derrocada.
Insensibilidade perante o pontapé no cu.
Todos nascem para escravos,
e os poucos que resistem acabam assim,
aniquilados nesta medonha melancolia.
Apetece só dizer caralhadas!
Blasfemar, corromper a língua desta ordem
tumefacta que se julga democrática e progressista!
A instituição, a estrutura, o sistema.
Putá que os pariu!
Nunca mais chega o verão e a praia e o mar...
Natureza, não a da ficção, é quanto espero!

15/5/84

IMITAÇÃO DOS DIAS

Ei-lo de novo sacudido pelo ódio,
e cheio de medo. A raiva descobre-o,
aflito procura no real um ponto de apoio.
Destruir, ouve dentro de si a voz gritar.

Fazer mal, fazer mal, continua a canção.
Revoltado por ser vítima ainda da revolta
lança olhares sobre o redor que o asfixia,
e sente sangue na vontade que tem de ferir.
Uma mesa ou uma cadeira, um simples lápis,
a parede, tudo lhe serve de pretexto para ver
o chamamento onde a destruição se recolhe.
Mas contém-se, suspende-se no voo, na queda,
reconhecendo no silêncio um ciclo brando
onde a loucura pretende apenas ganhar tempo.
Não é culpa dos objectos, e, no entanto,
sofre-os como anormalidades da civilização,
descobre neles inimigos, ou outras forças,
do mal, do mal que gravita à sua volta.
A casa silenciosa diz-lhe a dor que sofre
por ser único, por ter nascido sem pais,
fosso terrível onde a monstruosidade desperta.
Vai à cozinha, pálida imagem da sociedade,
abre a gaveta desprovida de nuvens poéticas,
encontra uma faca, uma faca, uma faca...
Sente o desejo simples de cortar a carne,
de repensar seu corpo martirizado, sente
um estremeamento de alma quando vê o gume
deslizar como carícia sobre a palma da mão.
Van Gogh, lembra-se, e não tem aqui espelho.
Um convulso choro abisma-o até ao nada,
sobra-lhe o suor que nasce à flor da pele,
um destino insentido cataclismo da hora.
Arfa, chora, desprende-se do instrumento,
incapaz de trazer à memória a felicidade
que procura, que revigora com o sofrimento.
Balbucia certas palavras onde a língua arde,
ei-lo trespassado pelo mais profundo vazio,
viver algures nesse planeta do desejo.
Não desaba a casa nem pára o tempo.
Tudo continua, salvo este poema!

15/5/84

LIVRO III

LUGARES COMUNS

VERBO SEM COMEÇO

Danças de luz e sombras assaltam o quarto
e o verso já está demasiado longo.
Clarões de repentinos quando as nuvens
deixam do sol chegar a chuva iluminada.
Estou assim, cada vez menos eu, homem perdido
nesta grande ilusão que é sentir por dentro
os indevidos predicados do fora.
Apetece, apesar de tudo, até do sofrimento,
viver. Viver não sei se intensamente,
mas desta inolvidável maneira: sentindo
que ora se é luz explodindo num quarto,
que ora se é sombra iludindo o espaço.

Danças de mim palpitam pela contradição
como se a coerência fosse a outra máscara,
o desejo impoluto de sobreviver pela alegria,
os olhos chamejando, a boca proferindo hinos.
Cânticos aprazíveis, tomai-me! Vivei-me,
vagas de som, silhuetas do imponderável!
Alguém estou e sei que sou talvez nada.
Escrevo, possuído pela ausência, esta febre
onde a doença foi inexoravelmente escorraçada.
Lanço-me até ao infinito e cumpro a dança.

Expansões terríveis onde a subjectividade
subjaz ao remoinho da plena sensibilidade,
sentir em tudo a presença desse domínio,
a força que galvaniza o pensamento devoluto,
a arma que desgoverna o raciocínio da ordem.
Vivê-las é meu fito, já que o destino sagra.
Exalações do tumulto que vive na matéria,
ei-las, as vozes sitiadas do sibilino silêncio,
dizendo, dizendo pela primeira vez a presença,
a estadia oculta, a inexistência compassada.
Outro poema, esta memória do futuro segredo,
passo pacífico onde se alcança a eternidade.

17/5/84

PLENITUDE

Tentação terrível a ideia de visitar
pela memória a juventude que nunca se teve.
Não quero cair nessa armadilha, e no entanto...
Um sussurro impossível apodera-se do corpo,
uma carícia que nem mão de mulher aduba,
uma sensação de intemporalidade redentora.
E tenho medo. Sinto-me miraculado pelo tempo,
sinto a pura ausência tão perto de mim
que a tomo pela sombra onde meu corpo impera.
Isto só pode ser a intensa felicidade
que despoeva. Que anula. Que aniquila.
Tão perto que a palavra essência esmaga
de prontidão a consciência imerecida.
Tão visível que ao apalpar com mãos suaves
a nomenclatura do meu estarecido corpo,
este deriva, transformando-se em êxtase.
Qualquer coisa de muito longe de mim,
uma matéria, uma partícula da realidade,
inaugura a perplexidade do sentimento.
Estou vivo, poema! Sim, apesar de tudo,
estou vivo! E jovem, e forte, e humano.
Deixa-me respirar o universo neste verso
que alimento com a energia do espírito,
deixa-me gozar a minha insubstituível hora,
deixa-me sentir a minha trágica presença!
Vivo, estou! Homem no século sem história,
acorrentado aos cataclismos sociais do país,
vítima da estupidez pátria, do zelo feliz
que percorre a internacional mediocridade,
vivo. Tão certo como sentir o coração,
tão paradoxal como uma filosofia antiga.
Derrame existencial pelas veias eternas,
nenhum relógio captando do tempo o auge,
mas o instinto situando no cosmos a casa,
abrindo a janela que dá para o enigma fora.

17/5/84

TEMPO E ESPAÇO

Distrai-se o tempo com vidas agónicas,
sentir não é o mesmo que incubar ideias.
Lá fora ainda não é verão e o sol avaro
crepita entre nuvens de negro encanto.
Eu não sou eu e isso não tem importância
porque alguém escreve o que nunca serei.
Mas há um ritmo destruindo o quadro vazio
quando a sala presente a permanência.

Amarelo de flores num verde simbólico,
eis da natureza o perfil ignoscente.
Olhar fatídico, reconhecer o dia avesso
como se a realidade tivesse um verbo.
Música? Ninguém persiste na poesia árida
quando se trata de ganhar o pão coevo.
Antes um confuso mimetismo do nada
sobrepassando como necessidade treta.

Falam de paixão quando a ígnea emoção
explora o reduto último da personalidade.
Escrevem-se hinos nos recantos da terra
para que o testemunho seja mais humano.
Um pouco de coerência, grita o leitor
diante do espanto que acolhe o olhar.
Mas o colérico caos desfibra a ausência
como se a consciência ignorasse a fome.

Desdobra-se pelo espaço do sentimento
um vazio adquirido na fábrica moderna.
A cidade dilui a poeira cósmica do brilho
que inaugura o cataclismo do pensamento.
Viver é assim um verbo infeliz e grato
exposto à arbitrariedade da história.
Há-os que se julgam eternos apelos
quando o mal significa a chave podre.

18/5/84

OS OUTROS

Não há caminhos nem guias nem esperança.
Há a vida que demora pelos corredores
onde o símbolo rareia, o sinal prospera.
A palavra sai de si mesma para enfrentar
a queda, e reduz-se ao logro o encantamento.
Ninguém se assume como passagem do nada.
Todos querem de uma maneira ou de outra
sentirem a vertigem que o outro alcança.
E esforçam-se pela consciência de hoje
como se fosse possível conquistar a hora.
Ei-los, tão reais e humanos que faz medo
vê-los vestidos de ideias e de ideários.
Os homens contemporâneos! Faúlhas cegas
sulcando a loucura da história possessa!

18/5/84

EXCITAÇÃO

Nada como ler um poeta americano
para dizer Hi! à vida.
Tempo miserável iludindo maio,
este insuportável frio.
Respira-se o cinzento de um céu baixíssimo.
E a vida continua...
Sem uma ideia
compreende-se vagamente que palavras
são mundos na língua inglesa
onde falta o L.
Nada como ler um poeta americano
para sentir a velhice
desta pobre europa!
E o que dizem, hoje, os políticos?
É sábado, ó novo mundo,
e não me sinto
perdido. Sinto-me, como nunca, um homem,
mesmo se o disparate é notório.

E saúdo a sede,
o sédulo cerco onde viver explode.
Contradições, dizem, resolvem em halo
certos percalços
da vida. Hi! amigo, anos depois é depois
da hora em que escreveste
esse poema.
A circunstância alastra, a poesia dói,
saber que o tempo demora,
mesmo neste agora.
Nada como ler um poeta americano
para se descobrir que algo
de errado sacode
a portuguesa poesia! Devastada pelo verbo,
ignora o humor, o amor do diverso
quando o disparate
dispara os versos da temporalidade.
Morre-se entre nós de inteligência
e de sensibilidade.
Porque viver é mais. É desconhecer
o perímetro da palavra, visão terna
do fim!

19/5/84

NO FIM DO SÉCULO XX

Para quem não tem tarefa é tarefa sujar de palavras
a brancura desta página estarecida.

Destino terrível o da poesia
moderna, morrendo lentamente sem leitores ávidos
de esperança ou de derrota. Ardem
as convicções, ninguém mais
acredita na política como solução da humanidade,
todos, diz-se, parecem sentir o vazio
como se da alma se tratasse.

Ninguém quer ler o espelho de hoje, todos desejam
sentir que o objecto é tão importante
como a paz da consciência.

E compram-se carros e electrodomésticos inúteis,
adoram-se os brilhos metálicos do aço,
vive-se na posse do desperdício.
A história, essa verdade ninguém a reconhece ainda,
não tem mais passado nem mais memória,
é um eco oco de ilusões
perdidas. Avançar na senda do bem, dizem os loucos,
políticos da precária praça do ocidente.
Espreita o mal cada avanço.
Discutem-se ogivas como se fossem presentes pútridos.
Ouve-se em casas públicas o profético
esplendor de um nada futuro.
A crise alastra tentacular e macia pelo corpo velho
do mundo dividido em fronteiras e hinos.
Nacionalismos berram a dúvida.
Mas ninguém lê o poeta porque ninguém tem dinheiro
para o desperdiçar em livros minúsculos.
Palavras não são coisas.
E assim roda a rude necessidade da terra humana,
uma guerra ali para que o cataclismo
seja a notícia do dia,
a exploração do homem pelo homem em toda a parte
para que nos sintamos ainda homens
no meio da esterqueira
atómica. Um fedor longânime desmente todas as teorias:
morrer é o preço que se paga pelo descuido,
viver é a dor de se ser testemunha.

19/5/84

DEAMBULAÇÕES AO LONGO DO GUME

Maio deixou de ser mês para ganhar da dúvida
esta chuva com que brinda o fim da primavera.
Custou!... Nada para ser dito, e no entanto,
aflito, este desejo, esta comichão na alma...
Na alma... Que bom poder escrever fantasias,
arquitectar planos com noções ou estruturas
que deixaram de significar o que quer que seja!

Maio inóspito, este frio derrubando a ideia
que se faz das estações e das épocas do ano.
Domingo passado certamente em casa, a família
cirandando como num velho poema escrito em 75,
durante as férias do natal, se não me engano.
E depois esta atitude prosaica da minha parte,
que bom! sentir que não sou prisioneiro de mim
mesmo, esse outro que surgiu no começo do século.
Não há referências que me balizem o tédio,
mas escrever assim dá-me a dimensão perdida,
reduz-me a mais um homem, e isso é tão bom!
Maio, comecei eu, quando não sabia o que o poema
seria, nem por que razão vim, desmedido, tentar
mais uma vez as palavras. Ambíguo verso? Qual
nada! A poesia, sendo o que não é, vive de tudo,
até do contrário que anula a contradição nata.
Liberto enfim, digo-me, e um certo humor explode
entre meus lábios sazoados pela genialidade.
O verdadeiro segredo consiste no disparate,
a única verdade reside na estupidez humana.
Caminhemos pois nesta escrita do desnecessário,
juntemos os vocábulos que desfazem a época,
sussurremos uma presença, uma dispersão, um halo.
Não há centro em nada, como não há periferia,
nem no fim do poema quando este alcança a paz.
Haverá foz para tanto tormento, tanta alegria?
Responde o silêncio, e não é, claro está, resposta!
Que há então? Apenas um simulacro? Uma ausência?
A vida humana despede-se da filosofia retórica,
desespera-se na técnica que debandou a arte.
Cresce, dizem os críticos, o medo, a muda morte.
Mas um indiferente maio passa como natureza
perpétua reciclando a sinuosa diversidade.

20/5/84

HUMOR METAFÍSICO?...

Plúmbeo céu, diria outrora qualquer poeta.
Dia de merda, diz hoje qualquer poeta.
E como é bom ser-se hoje qualquer poeta!
E o dia? Mas isso interessa?...

Entre nuvens prosaicas e pesadas de negro
aparece um sol minúsculo cheio de medo.
Quem escreveria estes dois últimos versos?
Nenhum poeta, nem de hoje nem de ontem.
Estou perdido, que não ser, se é trágico
e dá dinheiro depois da morte recuperada,
dói como uma ausência do espinho esperado.
Se isto não é humor, não é nada!
É até muito capaz de não ser nada.

Plúmbeo céu, dorida terra, homem canalha.
Tríades como sinónimo de estilo moderno,
lugares pouco comuns da crítica inexistente.
Mas sobretudo, dia de merda, para quem gosta
de sair, ir até à praia, gozar a vida.
A vida?... Este poema estava preparado
para todos os enxovalhos, menos para receber
a palavra vida! Estão a ver como não é fácil
fazer-se humor?! Não é de um dia para o outro
que se perde o sentimento trágico do plágio
para se enfileirar nas hordas do contágio.
Agora perdi-me de todo! Aquela rima foi fatal!
Demasiado fácil. Mas não é a facilidade
que procuro, sobretudo agora, sobretudo hoje?
Mau gosto?... Engraçado, lembro-me que fui
jovem, outrora, e lembro-me de ter escrito
este simulacro de qualquer coisa, outrora!
Estranha coincidência! Tinha vinte anos,
sinto que os tinha como se fosse verdade,
e queria sentir que o homem era algo mais.
Laivos de humor nesse grande amor ao homem!
Plúmbeo céu, dizia esse poeta, outrora...
Que se passou?... Que mudança se operou?...
Tempo, tempo... Não há mais céus plúmbeos,

haverá dias de merda? Se o passado não é,
que será o presente num futuro qualquer?

20/5/84

APONTAMENTOS BREVES

I

Dizer tudo num poema minúsculo!
Tudo.

II

Ir ao fundo do homem!
– Onde está o fundo?, diz a voz incrédula.
– Onde está o homem?, diz a voz irónica.

III

Ser tudo de todas as maneiras!
– Mas o tudo não tem maneiras!... alguém diz.

IV

– Sou um poeta sem geração. – disse-lhe eu.
– É uma geração sem poeta. – disse-me ele.

V

Mas escrever o quê, o quê?
– O quê. – respondeu ele.

VI

– É o fim da poesia! dizia o poeta.
– É a poesia do fim! dizia o pessimista.

VII

- Plantar nabos não é mais solução!
- E depois, que comeremos?

VIII

- A salvação do homem está na poesia,
há ainda quem diga.
- Por isso a assassinamos todos os dias!
ninguém se atreve a dizer.

20/5/84

DA NECESSIDADE COMO ALÍVIO

Tanto silêncio pela manhã fora atordoado.
Feio dia, chovendo sem vergonha.
Maio perdido em perplexidades climatéricas
acha-me duvidosamente devoluto,
para não dizer imaculado ou outra coisa!
Chove e não há nenhuma emoção na natureza,
nem em mim. Vale a pena continuar este poema?
Hábitos ancestrais, disse-o, tantas vezes,
habitam-me. Escrever, escrever! Mais um dia,
mais uma inconfessável esperança.
Estou impoluto e estranhamente jovem
nesta janela, o meio-dia perdendo-se água
nesta atmosfera de inverno expulso.
E quero pensar algo de sublime, de profundo,
uma única frase que me dê a realidade,
deste momento, deste insubstituível mundo,
num verso capaz de alcançar a eternidade!
E nada. Apenas eu que olho em frente a frente
onde tautologicamente o olhar se espraia.
Falta de inspiração?... Se fosse só isso!...
Tanto do que vivi e senti e pensei, inútil!
Que experiência vivifiquei em países de hoje?
Que memória seduzindo o tempo do esquecimento?

Nada, absolutamente nada. E mesmo este absoluto é muito duvidoso. Já o disse várias vezes.
Apenas a chuva que cai num mês sem calor.
Apenas eu que existo numa vida de dor.
Detesto estas rimas esporádicas!
Valerá a pena voltar atrás e recomeçar tudo de novo?... E depois, começaria a questionar o tudo e o novo... Há muito que se lhe diga, é o lugar comum da língua.
Eu não encontro nada, talvez seja também algum lugar comum da nossa existência, hoje.
Tanto silêncio pela manhã dentro enerva.
Súbito sol no quente da minha imaginação.
Esta deplorável alegria, continuar a viver.
Maio ou outro mês, seja bem-vindo, passa-se pelo tempo como corpos constelados do brilho que sacode o nada onde se abisma a palavra.

24/5/84

FALTAR AO TRABALHO

Neste ctónico desassossego espreita, terrível, a alegria de um dever não cumprido. Sinto-me tão jovem por ser quem sou com desrespeito pelas convenções da sociedade moderna!

E mesmo se me acho isolado na corrente actual onde seduz a estupidez e a mediocridade impera, é tão bom ter olhos para ver o que se passa, tão bom não precisar das explicações alheias.

Eles insuflam-nos de ideologias, os mandões das modas inconfessáveis. Querem-nos carneiros caminhando dentro do rebanho, sem outro futuro que não seja a cegueira perante os interesses.

E vociferam, e barafustam, e prometem o medo de perderem os ilícitos ganhos do trabalho

humano. Lançam grandes palavras de ordem, iscas onde a frustração colectiva se engasga.

Apesar de tudo, do próprio compromisso que é viver, que é querer sobreviver no mundo, nesta sociedade onde o pior do homem triunfa, dificilmente vou por onde me querem levar.

Não há presidente ou ministro que me substitua. Não há inteligência de dirigente ou sensibilidade de poeta militante que me abram do universo aquilo que eu posso ou quero presenciar da vida.

Aborreço a gramática como código ancestral da lógica e da sabedoria das nações, inflijo-lhe pontapés no cu, distorções que tragam ao cimo a profundidade trágica do grito submerso.

Mas subsiste o desassossego, a inquietação. O melhor do animal, a sua intuição perdida hoje no amálgama inóspito da informação que escraviza tanto como a ignorância da história ultrapassada.

24/5/84

COMUNICAÇÃO

Uma pequeníssima emoção esboroa-se nada pelo corpo deste homem que me preenche. Não há distância, quero dizer, e se a há, levo-a comigo pelos universos da presença.

Uma emoção lenta como ceder à carícia a mão que afaga o corpo feminino da imaginação, um estremecimento onde a pálida pele arde, deslize de humores que galvanizam a hora.

Estou tão certo de ser como de desaparecer dentro de mim, mapa feérico da insignificância,

baldio onde a memória desconhece o passado,
mas onde a possibilidade é ainda filosófica.

Sigam-me, digo aos hipotéticos leitores.
Venham comigo sentir esta nodosa emoção,
esta inefável experiência dos sentidos soltos,
a página em branco de um poema que se ignora.

Possivelmente não ganharão nada com isso.
Mas é preciso ganhar?... Francamente, um pouco
de desinteresse, sintam o gozo da respiração,
viver entre esta emoção e a ignorância.

Aqui um minuto, um segundo eternizado.
Subterrânea explosão, é com tanto amor, agora,
que escrevo quem nunca fui, mas quem serei
se te atreveres a seguir meus fundos passos.

Vivo em ti, e não sou deus nem homem.
Sou a palavra humana, o espaço temporal
onde os olhares se encontram depois de visto
o mar como manifestação do símbolo vazio.

Segue-me até ao espelho do mundo estarrecido,
vê-te, essa imagem gigante e deformada do caos
onde voam siderais corpos sem procura nem luz,
extraordinários caminhos sulcados de ausência.

24/5/84

PÁGINA DE UM DIÁRIO IMPOSSÍVEL

Trinta e seis anos de vida neste século inulto,
diz o homem quando no papel do seu destino
profana a voz do possível com palavras áridas.

Alguém compreende?... Ninguém é a sua parte
do convívio humano, e não se trata de solidão.
Mas do amor que eclode como uma monstruosidade.

Ai daquele que souber ler o rosto da esfinge!
Nenhum sorriso liberta ou ressuscita, mas o riso
desprende-se da carne como um insulto à morte.

Quero ser, humilde, esse riso, essa exalação.
Exaltação do começo como ideia apaziguadora
pretendo deixar de mim o furibundo grito: sou!

Não importa temer os percalços, as vicissitudes!
Mais forte que o pensamento do que foi, jaz
metaforicamente o brilho do esplendor humano.

Experiência?... Para quê? Basta-me estar aqui,
e sentir que sou essencial como uma borboleta,
tão inútil como uma vitória da ganância insana.

Há o mal entre os homens que deixaram no animal
a inocência de uma crueldade perfeitamente lógica.
Tê-lo descoberto foi a maior das decepções.

E depois? Depois a vida continua, afável ralho
da sociedade onde se sobrevive, contínuo asco
perante as deambulações da mímica ontológica.

Ano de oitenta e quatro deste louco século.
Nenhum tempo me destempera, nenhum espaço outro
que não eu me preocupa ao ponto de sucumbir.

Estou vivo, e isso basta. Sem saber porquê,
nem por que razão não é diferentemente. Assim,
alguém que escreve o homem que por vezes falha.

24/5/84

O VIVO DA CONTRADIÇÃO

Perdido pela imensidão de possibilidades,
em abstracto, acho-me no limite do concreto,
a realidade de todos os dias, o sofrimento,

a ida e vinda sem fruto nem lógico prazer.
Nenhuma ideia, nenhuma emoção: viver agora
é como despedir do corpo o espírito aceso,
deixar no mar metafórico o destino azul
capaz de traçar no vazio o mesmo universo.
E o essencial não foi dito nem sugerido.
Que testemunho nestas palavras de medo?
Apenas o hábito, respirar o lugar e a hora.
Tudo o mais é mais, e existe no pleno zelo
da metamorfose paulatina que nos fazemos.
Mas acaba-se o poema, incompleto esboço.

26/5/84

O SINAL PROSPERA

Esquálida erosão desnivelando o ritmo
daquilo que não sendo vida lhe é próprio!
Não compreendo!... E prossegue, aflito:
dúvida terrível sentir no infinito o eco
daquele que foi a medida do universo!
Mais uma vez, sem compreender!... E depois:
sublime halo, deslize sem consciência,
a meditação como paradigma do novelo eterno!
Basta! digo a mim mesmo. Este poema não é nada.
Engraçado, a ideia atrai-me, ter escrito...
nada! E no entanto... Tento ouvir. Diz ainda:
prospera o sinal nesse cântico de outrora
quando o homem se despe da civilização!
Nada! Não percebo nada! Lembro-me, algures
no passado li, depois escrevi, e senti:
O sinal prospera, sem muito bem entender!
O sinal prospera... O sinal prospera...
Há uma certa beleza nisto, não sei porquê!
Não pelo que diz ou significa, porquê então?
O sinal prospera!... Algum poeta o escreveu,
no século passado, noutra língua, a exilada,
como uma epígrafe insensata da lucidez.
Estranho poema, este poema, não acham?

Começou com aquela esqualida erosão,
sobrevivência de um esqualido vazio,
de um outro poema escrito há muito...
E depois, universo, um título de uma parte
de livro que já não me lembra. Escrevi-o,
em frança, L'UNIVERS, como se fosse fácil
deixar de ser quem sou para tornar-me outro.
Papéis dispersos pela terra, berrai! Berrai!
Livros perdidos pelo mundo, restituí-me!
Fui quem sou, e mede-se pela perda a parte
que ficou, este eco insubstancial da morte.
Nenhuma estética me protege da necessidade.
A propósito de quê, este verso esporádico?
Tanto acaso no sem número de revelações,
dói o mínimo sinal da ausência humana!
Acaba este poema, leitor, e liberta-o!

26/5/84

MELANCOLIA

Contemplar céus transformou-se num prazer.
Há-os tão belos que meus olhos se perdem
envoltos em fantasia de outros séculos.
Há-os tão ameaçadores que a criança morta
renasce só para sentir o medo do desconhecido.

E vou, como quem nunca fui, viajando o azul,
explorando o vazio de horizontes fatalistas,
num voo ontológico onde o fim e o começo
descobrem-se a mesma face da ausente moeda.
Vou como asa dolente ao infinito do berço.

Nada reconheço de uma etérea origem.
Percorro o verso como se a comparação
trouxesse ao segredo a dúvida redentora,
o sossego deplorável de uma paz mitológica
onde o homem pudesse descobrir o final verbo.

E regresso no seio silente da melancolia,
um dolo e uma fraude, a visão teratológica
de um destino que se desfibra em raiva
pelos meandros metafísicos do tempo hodierno.
Regresso sem ter sentido a essência da vida.

Sou novo como um anjo que perdeu a memória.
Pertencço à matéria de que são desfeitos
os sonhos, gravito pela força como luz soberana,
traduzo em palavras o limite da história
quando o futuro se alarma com as vozes atômicas.

Haverá possivelmente um nexo neste deambular.
Alguém, algures, guia meus passos pelos ecos
que fulgem no esplendor do céu em arrebol.
Silêncio magnânimo, ó coração, sentir a forma
respirar como se o ser cedesse ao movimento.

26/5/84

INSONDÁVEL

Rumores de vento zurzindo o choupo.
As persianas corridas e sem vontade
de ver o que de vida vai lá fora.
Ocasionais aliteraões na noite do poema,
este acaso descido aos infernos do tempo.
Ninguém sabe o que estou a escrever,
e todos lêem, versos, frases, rumores
de ancestrais vozes que perderam o som,
a suavidade do real como permanência.
Não é um traço nítido de loucura.
É uma forma esplêndida de ganhar o génio,
de sentir que na palavra jaz o medo,
o brilho sensual de um fim que demora.
E ninguém percebe porque todos ignoram
o que decifram na nudez da página branca.
Não basta ter aprendido a ler na escola,
não chega a aprendizagem do estilo poético

com leituras onde se molda a sensibilidade,
de nada vale aprender o que foi feito outrora:
porque é agora que se passa este êxtase,
este jacto onde a própria consciência fere
a natureza do mesmo e do natural destino.
É agora que hoje se faz poesia, assim,
desta maneira, tão revolucionária que ninguém
a compreende como necessária ou possível,
é agora que o tempo reconhece a dispersão
para que a correspondência não seja um mito.
Há terríveis coincidências, leitor, uma delas
é viver esta gloriosa hora como um espelho
que irrompe na realidade das coisas.
Não se trata de saber se é importante
para a estética contemporânea este poema,
se o tema nele explícito responde à pergunta
que o homem da rua faz quando se espanta.
Rumores de vento, disse, acariciando a noite.
Passaram séculos e continuo aqui, vivo,
como sempre. Ninguém me viu, ninguém me vê,
daí esta consolação feita da ironia cega
que queima a cidade humana quando a dor dói.
Amor universal, alguém sugeriu. E tanto ódio!

27/5/84

O SONHO

A Bob Dylan

Sonhei que a noite era alta
e que estava num desses apartamentos iluminados
de New York, a cidade, e que algures
alguém escrevia este poema sobre mim
nessa língua que me tem preso como uma paixão.
Sonhei que havia um espelho vulgar
no quarto de banho onde a luz branca inundava
de frio um começo de verão abrasador.
E sonhei que entre a janela altíssima do edifício

e esse espelho havia uma estranha relação
que se media pelos passos do homem que eu era.
Havia um odor de bebida alcoólica
espalhado pelo apartamento, e longe,
para lá dos outros edifícios na noite incendiada,
um rio negro corria sem foz pelo mundo dentro.
Sonhei que me dirigi ao espelho pletórico
de nada, numa mão o vinho de cariz europeu,
na outra um dedo apontando para a personagem
que aparecia no outro lado da existência.
E disse, bêbado: quem és tu?
Ouviu-se, apenas, e como resposta:
quem és tu? Envelhecido rosto, lembro,
e nos olhos a perdição, a verdadeira, da alegria
que os viveu num outrora sem hora,
longínquo tempo da plenitude e do sossego.
Veio até à janela, e o espelho no quarto de banho,
e a voz, essa voz inaudita como um presságio,
sussurrando: sou eu, sou eu, sou eu!...
Lembro-me que era noite alta e que dormia o mundo
apagado na sua mecânica suficiência,
e que o universo, ou o seu avesso, nada dizia,
nem sequer fazia transparecer o esplendor
da vida neste impossível planeta.
À janela desse alto edifício, noite fechada,
vi pela primeira vez a solidão, e não chorei!
Senti pela primeira vez o que era ser homem,
depois o que era ser, depois o que era...
E o espelho vulgar no quarto de banho.
E o rio escuro que se perdia no sono.

29/5/84

INEXISTÊNCIA

Perco voluntariamente as amarras, ó luz,
para poder sentir que há em mim esse fundo
onde outros mundos sobrevivem à dor
e à violência.

Nunca estou contente com o que alcanço.
Nada, costuma ser a oferta do tempo,
e eu quero mais do que reflexos de homem
na minha esfera de altos pensamentos.

Não busco deus ou a sua sombra.
Mas busco, caninamente, a dimensão do ser,
o espaço em branco de um poema que contenha
não só o universo como também o grão de areia.

Tarefa incomensurável, ó luz, viver-te
chama de um insondável chamamento, fogo
queimando as vestes do passado enleio,
ustão capaz de apagar a presença do homem.

Mas teimo. Quero saber por fim sentir.
Desejo mais do que nunca merecer a existência
que me alonga como futuro, como distância,
desejo ganhar a minha própria imagem.

Milhões de homens percorreram a terra.
Milhares de homens deixaram a palavra poética.
Não quero deixar nem uma suspeita de vida,
mas quero sentir quanto da vida me falta!

Eu sou a inexistência.
A perda, terrível, da essência histórica,
o sentido desperto de um olvido
onde a memória representa o castigo.

Vou, ó luz, pelos meandros da permanência,
deixo olhares em todos os cantos da terra,
mares celulares de uma verdade que explode
quando o que se encontra não basta para sofrer!

29/5/84

CANÇÃO DO ÊXTASE

A Chrissie Hynde

Fim da tarde. Melancolia, teu nome
é esta felicidade súbita, sentir o mundo
como uma voz feminina quando a canção é estrangeira.
Um estado prolongado do êxtase, sentir, sentir,
que a vida arde, percorre seus riscos,
seus veios. E a música, passando voo,
carícia de corpo nu revelando a origem,
a insofismável presença. Tão bom estar assim,
leitor, para que o tempo nem sempre vença.
Assim deitado no interior feliz de mim,
saltando de pensamento em pensamento,
calcorreando a distância que vai do sonho
à íntima realidade de todas as coisas.
Até do homem. Até de mim.
Um barco e um mar, e a imagem ganha esplendor.
O sol lambendo a superfície calma das águas,
nítidos reflexos repartidos pela consciência
da hora que não se vive nem se sonha.
Ah! estar eternamente assim pelo corpo sensual,
no espírito do lugar, na eclosão do tempo!
Nada mais quero quando desejo.
Estar imaculado na plenitude da ausência,
a voz profanando cada delírio,
o olhar separando o fogo da matéria!
Este é o amor!
Nada mais representa a ousadia de um verbo,
nem sequer o génio da língua,
muito menos o espanto do odioso talento.
Estar assim, ó Nada, sentindo a riqueza da vida,
sentindo perdidamente a presença de alguém
que nos é e nos acompanha em horas secretas,
assim, debuxadamente perplexo pela alegria.
Estar, estar!...
Alaga a música o sentimento,
essa telúrica voz de mulher deliciando o vazio

de quem vive o momento como uma ceifa eterna.
Estou vivo! Terrivelmente vivo!
E gozo... Gozo como um louco o apaziguamento,
a despedida, a desarticulação poética do caos.

29/5/84

O LUGAR DO TEMPO

Não começo do silêncio nem do nada,
mas do patético desfibrar da ideia do dia,
todos os dias no momento em que a vontade
ganha o temor e lança-se para a escrita.

Mem Martins não é Paris nem se pode dar
longos passeios ao longo do rio que não tem,
é uma cidadela suburbana feita à pressa
para dar dormida aos trabalhadores pobres.

Parece que foi em tempos grandes quintas
espalhadas entre o bulício da capital
e os cimos pétreos da serra de Sintra,
se a história que me contaram não se engana!

Mem Martins é onde fisicamente vivo.
E não vou alargar-me em considerações
metafísicas sobre os possíveis do espírito,
nem dos lugares onde a alma se recreia.

É sobretudo este apartamento onde a música
é por condição quase diária. É esta marquise
donde lanço ao universo ecos da minha presença.
É o sítio onde o tempo se faz palavra.

Calcorreei outras terras, disse a países
quanto do engano se pode fazer a pátria
que nunca se teve nem se merece, cheguei aqui
como se o acaso fosse uma peça do mistério.

Nada me prende. Tudo, como, por exemplo, a vida,
me diz que aqui está o porto de salvação.
É um sentimento profundo como o riso infantil,
é uma sensação que não tem paralelo no mundo.

Nascido junto ao rio quando a foz é mar,
sou homem das montanhas. Trago esse enigma
no corpo, biológico brilho do passado animal.
Sintra dá-me o berço para um fim simbólico.

1/6/84

CAMINHOS DA AUSÊNCIA

Os dias alongam-se em perspectivas cíclicas,
sóis dos mais inesperados desfilam certos
como apostas eternas tidas em lugares fixos.
Há um certo encanto viver a presença real
das estações, das vicissitudes que as mudam
em pequenos pormenores que fazem de cada ano
um exemplo da permanência corroída pelo acaso.

Há um certo terror quando se pensa a vida
que nos cabe como uma viagem sem regresso.
Nenhuma velhice, por mais heterodoxa ou nova,
será a juventude que nos sacudiu no tempo
próprio. Resta a memória, essa película curta
de quanto nos foi quando a inconsciência
sorria de tudo como do nada que nos inundava.

No fim espera-nos o fim. E se o pensamento
vive da repetição que nos despreza humanos,
será melhor habituarmo-nos à ideia da morte.
Nunca pensei que este último verso, exacto,
pudesse ter saído com tanta facilidade feliz!
Como se o prosaísmo fosse a melhor maneira
de se lidar com o mistério do apagamento!

Voltemos pois aos dias e às fulgurações
que os atravessam de lés a lés. Junho chega,
noviço mês onde o ano se faz a maior luz.
Nele me banho, nela me imiscuo, um homem,
um ser sedento da alegria que o corpo diz
quando as falsas promessas abandonam o olhar.
Há possivelmente morte, mas há certamente ir.

Vou neste silêncio do destino pela fronteira,
cavo na terra que me pariu a memória breve
de um encontro e de uma fogueira. Não estarei
aqui quando as cinzas lançadas ao vento frio
disserem a última palavra do último poema.
Deixo aos outros a história que me invento.
Um braço estendido da ausência que me nutre.

1/6/84

VIDA, TERRA E TEMPO

Chove desalmadamente sobre este junho perdido
entre as similitudes das estações.
Nenhum verão se anuncia, a não ser pela grandeza
dos dias que descem pela noite dentro.
Fim de semana perdido. Não é o nome da canção
que pairou alguns meses atrás,
é a realidade do momento que se vive.
Manhã ainda, e este cinzento de onde a chuva
aparece como agulhas do invisível suturando
a brandura da olvidada terra.
Em casa a mãe e a filha perdem-se na monotonia
dos gestos usuais, ouvem-se vozes de longe
onde a vizinhança olha perplexa o tempo.
E a chuva cai, contínua e densa, deteriorando
a ideia que se faz da natureza e dos seus ciclos.
Há em mim alguma coisa que justifique o poema?
Não falarei da necessidade nem do possível.
Deixo à filosofia a essência desta hora,
quero simplesmente escrever o que não me vai

na alma. E o desejo terrível de ser outra língua,
de sentir com outros sentimentos o destino,
de ver com outros sons o lugar que não me cabe.
Eis-me, universo! e como é ridícula a invocação.
Engraçado como o infinito surge à janela
quando dentro de mim sucumbe o vazio anímico!
Terrível materialidade, o sonho desperto,
a realidade sibilina exalando sussurros inóspitos!
Não é esse o adjetivo, mas não faz mal.
Para quê corrigir o incorrigível mecanismo
da criação verbal?... Arde a poesia
como se a vida se reflectisse num espelho
onde o horizonte se limita ao instante da terra.
Um pouco obscuro, confesso, este passo.
Mas tudo se define pelas distâncias simbólicas
que separam as coisas dos homens,
os objectos dos pensamentos que os devoram.
Há sempre um sentido.
Sentida assim, a poesia redime o tempo de vida,
eleva o homem ao apogeu do sublime,
reduz a nada a disponibilidade teórica.

3/6/84

MEDITAÇÕES DO LIMITE

Às vezes apetece descer à palavra
e ficar aí, aconchegado pelo som e pelo sentido,
como criança temerosa do destino.
Apetece repetir num tímido ritmo
as ladainhas do desassossego, as palavras surdindo
invioláveis hinos da indesculpável permanência.
Às vezes sente-se que tudo se esboroa,
a vida desliga-se do nosso íntimo braseiro
e gravita, atónita, como se pertencesse a outro.
A outro eu, imagem negativa onde o espelho
explode sem determinar nem o começo nem o fim.
Apetece então contemplar pelo mádido medo
a extensão do conflito, e ver como o sentimento

explora a dimensão perdida de um outro planeta.
Às vezes o essencial da estadia perde-se
nos pequenos trejeitos com que se enfrenta
o caos, a queda, a coisa.
Há mistérios até nas palmas das mãos,
basta ter presente a atracção do mimetismo.
Mecanismos estranhos desenvolvem o raio da acção,
que é sentir por dentro a plenitude do fora,
que é viver pela morte o vagido do nascimento.
Às vezes é difícil ser-se. Há barreiras brancas
como paredes onde o corredor mítico alcança
o símbolo do túnel e exemplifica as consequências.
Apetece descer. Não é por acaso que o ocidente
se revê no impensado inferno, é uma dádiva do eterno
fazer do pensamento a ascensão ao paraíso.
Apetece tantas vezes fazer da vida o auge,
estupidamente.
Que mecanismos nos trabalham, que instintos
nos governam?... Milhares de homens e mulheres
reduzidos a carneiros do absoluto,
perpétua guerra entre a razão e o sentimento.
Às vezes vê-se finalmente o mundo.
As pestanas queimam com o fulgor que se desprende
desse vazio onde o irónico limite nos limita.
Condenados estamos, nesta liberdade redentora.
Apetece depois descansar e perceber a existência.
Mas sem palavras, atómico riso da desesperança.

3/6/84

A IDEIA DO NOVO

O silêncio vespéral, e a angústia ancha,
concitam a imaginação a percorrer, livre,
essas terras inexistentes onde a figura
do homem, a contraponto, se perde em fogo.

É um estado da mendicidade anímica, ser
algo que se nos escapa, uma lúrida ilusão

emancipando o real dos tentáculos férreos
com que a sociedade animal nos ludibria.

Ir mais longe é o facto na sua imanência.
Regressar recolhe do poético a imagem
telúrica onde o pensamento moderno claudica,
regressar significa que o começo é fim.

E entre esses dois extremos respira
diariamente o corpo que se desprende
da ausência como uma página escrita
no diário daquele que não compreende.

Mas este poema não aborda a ignorância.
Exige, antes, do leitor que o desfigura,
o passo em frente, a assunção do destino,
não como fatalidade, mas como presença.

Não que as dicotomias exemplifiquem
ou trajem o brilho da contradição nula.
É necessário, uma vez por todas, viver
no comezinho a epopeia de uma virtualidade.

Ei-la, leitor, para que saibas onde estou.
Desmerece este esboço de alma, tenta ver
o além da consciência que te vocifera
as mediocridades do teu exilado gosto.

Não és quem pensas e estou aqui, assim,
para te demonstrar que o erro sensível
falha quando as raízes do pensamento
arvoram a necessidade de uma nova ideia.

3/6/84

PONTO FINAL

Sentimentos como a tristeza ou a alegria
reaparecem depois de um exílio no tempo.

A monstruosidade liquefaz-se, a nódoa social
apaga-se como uma mão que sofreu de mais.
Há nisto um processo evolutivo, esta vontade
em resumir em algumas palavras a simplicidade
da dor, do solitário mecanismo da degradação.
Dois anos de miséria intelectual e outra,
que suspiro agora que me liberto da prisão!
Tive que dizer sim ao espúrio sistema, a vida
decorreu como um pesadelo que nos faz ver
os meandros mais obscuros da animalidade,
a vida que me faltou naquilo que assumi
como um logro, um engano ou um fingimento.
Não terei mais que ferir a sensibilidade.
Quanto ao pensamento, abalroado pela oca
estupidez, refaz-se lentamente, desperto
para a aventura da modernidade vingadora.
Esquecerei o mal que me fizeram. Símbolos
surgirão para substituírem as pessoas,
tudo será então definitivamente poético,
abstracto como uma página em branco. Vou
apagar a maldição que subsiste nos homens,
vou merecer, adulto, a glória do sossego.
E um suspiro longo: escapei! Escapei!
Quiseram tirar-me quem sou do meu corpo,
deram-me teorias e ralhos e metodologias,
obrigaram-me a reproduzir o crime do século.
Fi-lo, mas sem convicção, como se protegendo
a minha loucura da ordeira e metódica falha
que enforma a sanidade balofa da instituição.
Queriam que fosse mais um outro, um número,
uma cegueira, os ouvidos atentos aos preceitos
vindos de um alto que minimiza a inspiração.
Continuo o indivíduo que diz merda ao poder.
E enquanto eu durar durará a luta, a guerra
começada com o primeiro vagido. Assim, sendo,
entre o lugar comum e a ausência, figura
apenas humana daquilo que poderia vir a ser
a humanidade que se ilude com regras e leis.

VIAGEM À ORIGEM DA NOITE

A fronteira, digo-me mansinho, é o tempo.
E não sei o que significo ou estou a dizer.
E repito mil vezes, baixinho, embruxado,
a fronteira é o tempo, a fronteira é o tempo.

Cada poema que escrevo fala desse lugar,
de uma maneira ou de outra propendo nítido
para esse impossível além onde o verbo
não existe, e se existe toma outra forma.

Posso falar disto ou daquilo, é sempre
o tempo, esse alcance sem distância, memória
introspectiva da carne que me envelhece
como se fosse natural a origem sem começo!

Confesso que ignoro do que falo. E se digo
tempo, essa palavra sem sentido surge apenas
como um estranho consolo para quem sofreu
a safadeza do intemporal como êxtase eterno.

Fui dado a aparições. Vi em mim o universo
como pueril manifestação de forças visíveis,
assisti ao logro como se a verdade fosse
não só possível como essencial ao castigo.

Engraçado falar agora de castigo! Sou homem
onde as palavras irrompem como seres velados
expondo logicamente a necessidade de fios,
de ligações tão sensuais como as do corpo.

E não compreendo, e não compreendo! Aqui estou,
homem mais que feito, maduro até ao prosaísmo,
vivido de experiências que me elevaram ao auge,
sem compreender este mistério que me habita.

Não é profetismo, descansem! Às vezes penso
que todo este século e um pouco do outro

persistem pelo espírito na minha disponibilidade
perante a miséria do testemunho humano. Tempo.

4/6/84

O POEMA QUE TENTA SER MAIS

Pela noite trágica paira um silêncio térreo,
viver-te, ó susto!, intrusão do nada como voz
onde o absoluto reconhece o seu domínio.
Terrível voo, sentir que dentro de mim
jaz alguém mais humano do que eu, esse homem
fugido do moderno, da prisão quotidiana, foz
de um fogo que se perde no automatismo cego.

Ouçõ antiquíssimas vozes dizendo cânticos
onde o ritmo da vida é natural como o nascer
e a própria morte, sinto a humanidade do gesto,
aufiro, como um louco, da presença material
que carrega de tumultos anímicos a pacacidade.
Não sou mais eu de tanto pressentir o momento,
este minuto onde o tempo recupera a máscara.

Vou até ao espelho e olho. Horror, sentir
o fora como uma extensão esporádica do imo,
sentir que a revolta começou há muito e longe,
quando a inexistência fazia de mim o leito
para a possibilidade, para a permanência.
Vejo com meus próprios olhos, não o outro
mitológico, mas a natureza de ser quem sou!

E há um silêncio neste rodopio do pensamento.
Ferve algures uma história que nunca se contou,
alguém medita no futuro como se eu fosse nascer.
Tempo! Tempo! Nada de mim explode, e no entanto
tudo em mim vibra como se o reconhecimento
trouxesse a verdade deste inolvidável momento,
sentir que a monstruosidade é também natural.

Não há palavra nem ideia nem sentimento.
Há este fosso, este cimo onde a altura sobe,
irrazoável distância entre o fundo do mundo
e o verso que não capta a realidade da hora.
Estou perdido, digo-me, estou salvo, choro.
E no meio, agora como figura sibilina do medo,
aquele que não sendo traduz a presença eterna!

4/6/84

POEMA À POESIA

Dez horas da manhã, levantado e lavado
eis-me de novo diante da página sibilina,
os olhos tão longe do olhar que penso
viver um mistério sem alcance neste mundo.

Escrita a primeira quadra, um descanso!
Consegui! Espero agora a inspiração, o zelo
com que o destino dispõe da minha vida
em palavras tão sensuais como sentidas.

A única autenticidade é esta! Sentir
pela primeira vez as modalidades certas
da rotina, o quotidiano que nos esmaga,
o ramerrão que se infiltra na consciência.

Não é um problema do conhecimento ignorar
com que saber ou soturna displicência vou,
caminho através das ideias que se fazem
o fim do século onde o tempo se erige.

Acabei todos os versos da última quadra
com quatro verbos, e se não é meu estilo
recuar até ao berço da língua poética,
sabe bem de vez em quando descer ao fundo.

Ritmos e fugas e dissonâncias procuro.
O percalço linguístico é-me tão importante

que de cada discurso eu erro a permanência,
o desvelo com que descuido o alvo sentido.

Com que é o tique deste poema. Assumi-lo
é-me tão caro que desfaleço de raiva e ódio
por não ser capaz de reviver o auge semântico
onde poderia ser viável a ausência do enigma.

Espero sinceramente que compreendam o poema.
Não está aqui tudo, nem possivelmente o nada,
mas rodopia em hélice a sombra evanescente
onde a luz que cega cede ao olhar o repouso.

8/6/84

O RELÓGIO FUNCIONA

Sitiado pela inclemência da sociedade,
elevo-me, poema, ao simulacro da loucura,
um olhar sitibundo errando pela presença,
a voz ditando os nefastos restos do tempo.

Alguma civilização desapareceu da alma.
Tanto vazio só significa que o sol dura,
que certas poeiras, sendo radioactivas,
escondem o malogro de cidades orgulhosas.

E a vida voa, voraz mecanismo dos dias,
ora em trabalhos que reduzem o homem
à máquina, ora em lazeres onde a pobreza
sacode o espírito entregue ao absoluto.

Nenhum poema poderá saber a verdade, dizer
num preciso estado da consciência a hora,
o sigilo que governa a realidade da matéria,
nenhum poema desobedece ao limite ontológico.

Ser, aberto em mil possibilidades, é uma prisão.
Existir reduz a luz que brilha no firmamento,

pensar exsuda a sujidade que dilui o olhar,
sentir engana os sentidos desprovidos de casa.

Não peço compreensão. Não é pessimismo. O riso
alto como uma liberdade de criança enfeitada
de alegria o momento, a foz é um prematuro
beijo quando o calor desembocar no frio.

Desregrados tempos, o futuro da morte sobe
pela língua como se o passado do testemunho
fosse a interpretação indesejável do sonho.
Conviver é a tarefa que transforma o homem.

Metamorfozes, o caminho. Essa areia marítima
é, em si, os milhões de anos que o planeta
viveu sem consciência. Mar longínquo, a alma
sublime com que se perde o presente mítico.

8/6/84

SOB INVESTIGAÇÃO

Um pouco de vinho para toldar a percepção
que se goza do real. A nitidez é agora o fora,
dentro o olhar elabora processos heterogêneos
onde a distância se embrulha com o tempo
e tudo resplandece numa organização do acaso.
Há sempre uma mulher nessa paisagem obsoleta.
É uma figura recortada na memória do ocidente,
uma tentação tentando significar a essência
quando a terra se comporta de maneira infantil.
Estranho poema deslizando como necessidade
pelo começo da tarde fria, eu, que o escrevo,
ignoro onde vai parar esta obsessão, o brilho
que irrompe no sexual desleixo dos sentidos.
Importa? Tudo ganha com o tempo a história,
essa ficção implantada no corpo da humanidade
como uma sombra, um osso perdido do esqueleto
que baila ao som do vento e da luz redentora.

Basta um pouco de vinho no apogeu da palavra
para que tudo seja diferente, até a feliz
diferença, a ideia que se pondera no ocaso
da mentalidade exposta ao declínio do fogo.
Oblíquo sentimento, sinto, enquanto escrevo
a ignorância do momento, a sua fatuidade,
o mergulho extemporâneo no limite da significação.
Escrevem-se tantos textos sem raízes no pensamento,
dizem-se tantas estultices nos livros da hora,
apetece realmente viver a estupidez como um crime,
um riso apeteçido lançado pela mulher misteriosa.
Vinho amigo, dizem-te o causador de desastres,
fazem de ti o opróbrio e a vergonha da sociedade,
mas não te importes, que eu amo-te, tão suave,
tão líquido, tão desejável no cataclismo sujo
das sensações que nos transportam ao conhecimento,
esse terreno onde a modernidade se avilta e dói,
lugar sem excelência do martírio e da falta.
Estou tão jovem, ó vinho impetuoso! Tão novo,
relembrado das orgias de realidade que vivi
quando o corpo captava o melindre da consciência.
Há arte até na negação do suor que se evidencia
perante o gratuito gesto de quem se sabe homem.

8/6/84

QUANDO PENSO MAIS NO FUTURO DO QUE EM MIM

O mundo em crise, dizem os noticiários ávidos.
O espectáculo continua, aqui esta miséria endémica,
sentir que nada é possível, nem mesmo o morrer.
Por nada. Apetece vociferar as asneiras do absoluto.
Um crime resolvia tudo, pensa o poeta desiludido.
Mas não sabe o que é ser crime nesta sociedade.
Tristeza, a revolução não interessar mais o homem!
Ei-los que vão, aqueles que sempre vão, carneiros
da essência e dos sentidos perdidos na televisão.
Trabalham o desamor em fábricas de desemprego,
perdem o tempo como se a metafísica fosse livre,

escolhem o cansaço patente nos olhos bovinos.
Homens, dizem-se entre si, e vão, os escravos
do ocidente que se desmorona em guerras lívidas
como a subida do dólar ou a descida da vida.
Ei-los, os semelhantes, e que vergonha! Trabalham
a inconsciência, a ignorância, a cegueira sóbria.
Votam nos patrões para que o chicote seja leve
e compram as revistas onde os mestres do mundo
falam das suas experiências no campo sociológico.
Parece que é preciso comandar para que tudo seja!
Parece que é necessário ao desenrolar da humanidade
que os chefes sejam eleitos pelos subalternos!
Parece que nisto tudo há uma harmonia fétida
que justifica as organizações ditas internacionais!
Parece que a solução é não havê-la e que tudo jaz
como se a história fosse uma pedra sem arte!
E eu no meio de toda esta confusão lapidescente,
um homem isolado e sem brilho nem carisma,
vítima das correntes hodiernas que levam ao nada,
posseço da miséria e da privação apanágio sério
desta sociedade que se diz portuguesa e patriota.
Será possível que não baste ser homem e único?
Terei que sofrer para sempre a imbecilidade nova
de regimes que se pensam democráticos e justos?
Em crise este sublime desapego que me desagrega.
Toda a vida escravo de quem é a esperteza canalha.
Um cataclismo, peço, para que o animal volte ao corpo.

8/6/84

POR FAVOR, LÊ DE TRÁS PARA A FRENTE

Uma tristeza infinda abate-se sobre mim.
Devo estar doente. Sinto um êxtase de avesso,
um estado muito próximo da náusea, o corpo
dividido pelos órgãos que habitualmente esqueço.

Os olhos recusam-se a ver o exterior indiferente.
Dentro de mim nenhum olhar fictício ou sincero

repercute a pouca beleza desta manhã de junho.
Ouço o vento na roupa que estendi há pouco.

E tenho que dizer: isto é o meu universo.
A casa cortada pelo silêncio do vazio humano.
Só eu paio neste fim de semana suburbano.
E pior do que isso, não evitei a rima fácil.

Estou junto à janela, nesta marquise cósmica,
sentado diante da secretária, da máquina de escrever,
como um homem que sente o abandono seguindo a vida,
o brilho de um alguém substituindo o além imaginário.

Ainda me sirvo de dicotomias para expressar
a sensação, a ideia que surge como uma fogueira
nesta minha cabeça perdida entre o começo e o fim.
Tristeza terrível, senti-la como um castigo raro.

E não pergunto, uma vez mais, atônito, quem fui.
Deixo o tempo vogar, imagem delirante do crime
que cometi num passado de fantasia, quando o exílio
parecia mais a natureza que a monstruosidade.

Apetece-me abandonar todos os adjetivos.
Pairar neste magma como caldeira inóspita do logro,
subindo e descendo, sentindo que algo se passa,
sentido nenhum na amorfa eclosão da consciência.

Que estúpido poema! Haverá algum leitor capaz
de o compreender, de seguir palavra a palavra
este abismo onde a própria semântica enlouquece?
Se não é tristeza, parece, e o que parece alcança!

9/6/84

É PARA ISTO QUE VIVO?

Tenho escrito tanto e nunca mencionei
os segredos do meu corpo!

Nenhuma palavra ainda disse o meu sexo.
Posso andar muito perto, caçador de enigmas,
gravitando como astro perdido à volta do sol,
mas nunca fui capaz de queimar a minha lucidez
com o fogo que se desprende da carne.
Não é receio ou censura.
É mais profundo, e talvez mais grave.
Nunca expus ao século a sensualidade
que me anavalha. Claro que escrevi, sem dúvida,
poemas eróticos, mesmo quando não os escrevi,
mas isso não basta, ou não justifica o meu desejo.
Do que não falo, por impossibilidade verbal,
jaz mais fundo, quero dizer, na pele.
Do corpo que sou e não me compreende.
Porquê segredos?... Nem eu sei.
Aliás nem consigo, agora, após reflexão,
perceber muito bem o começo deste poema.
Que tem a ver a escrita com o corpo dos segredos?
Eu sei que hoje é um lugar comum da mediocridade
estabelecer o corpo como o centro, o âmago
de filosofias que não suportam a mínima análise.
Já vi intelectuais babarem-se de nojo
diante de assembleias condescendentes,
urdindo teias de uma sensualidade perversa.
Não me interessa. O que for será apenas parte da vida.
E não essa infantil masturbação de quem descobre
entre as pernas o brinquedo que nunca teve.
Basta de tanta pobreza!
E perdi-me... Que raio de poema!
Ia sair um texto admirável, pensei,
um poema capaz de pôr em ordem a literatura
dita portuguesa e tão dessexualizada,
acabou nisto! A imperfeição, já dizia o outro,
é o nosso reino! Mas hei-de falar do sexo.
Genialmente, claro, não confundindo erotismo
com procura poética da essência humana.
Ou me engano muito, ou desta vez exagerei!

9/6/84

INVENTANDO MITOS

O parco calor da tarde atravessa este poema
numa simbiose toda poética onde o autor soçobra,
figura inútil de um ritual onde a quimera arde
indiferente aos percalços da teoria literária.

Um sorriso pobre deduz a pontuação lassa
enquanto o olhar ferido pela imensidão do caos
repousa no seu obscuro limite, incapaz de trazer
ao leitor a verdade do momento que demora.

Há uma insofismável necessidade de comunicação
nestas linhas onde o sibilino encanto subjaz
como auréola da metamorfose humana, há uma dor
que perde pouco a pouco a sua natureza nefasta.

Mas chega de abstracções escusadas! Dizer o mal
é tarefa que agrada quando se sente a vida
fugir pelos enclavinados dedos do pensamento.
Como se no mal a negatividade fosse temporal.

Assim, direi: a tarde passa entre o vento velho
que irrompe leve pelas roupas encharcadas
e a luz do sol que desliza pelo horizonte
da terra insensível ao avanço da ciência.

E eu sou eu, isto é, um homem de meia-idade
na idade da incerteza, fim de um século vinte
que assiste, introspectivo, ao crime da natureza
nas suas manifestações de fome e de guerra.

Sem pessimismo, para que o cinismo seja!
Indiferente aos noticiários onde a bomba baila,
figura do medo futuro que nunca chega para saciar
a ambiguidade do sentimento frente ao nada.

Assim, autor e bomba reduzem-se ao mito
que percorre, nítido, as asas da imagem terrestre

com que nos vemos envolvidos, linguagem teratológica
de um fim quando atinge as fímbrias do começo.

8/6/84

O QUE NOS PASSA PELA CABEÇA

Um domingo mais ou menos soalheiro
para que os portugueses possam festejar
a vergonha pátria.

Aqui, neste poema, não há pátria nenhuma,
nem sequer a ideia de que poder havê-la
resolveria alguma coisa!

Aqui há esta simplicidade: uma manhã quente
desperta do nevoeiro que agasalha,
vizinhos em azáfama inabitual,
preocupados com as roupas que secam,
como se a vida continuasse amanhã.

E tudo indica que sim.

Assim, só eu vivo angustiado com ninharias,
como o futuro, meu e das gerações vindouras.

Cheguei mesmo a sonhar um apocalipse,
não tão radical nem simbólico como há dois anos,
quando me encontrava perto de San Francisco,
mas, e mesmo assim, bastante medonho.

Acordei e vi que a terra continua no sítio,
qualquer que seja, e que estava ainda vivo.

Um sonho destes, nas vésperas do dia de Portugal,
só pode ser profético.

Não me cabe interpretá-lo, embora...

O sentimento que ficou perdura, selvagem,
ctónico, e não é agradável.

Por isso, ao escrever este poema,
olho o sol matinal e canto essa louca canção
da sobrevivência humana.

Aqueles que hão-de morrer...etc, etc...

Para alguma coisa me servirá a erudição!

Já que não me presta para saber viver
nesta deplorável sociedade de imbecis!

Estou, talvez, a ser um pouco duro...
Afinal eles nem sequer têm culpa.
Nasce-se como se é (hoje estou particularmente
dado a truísmos!), e é-se assim,
naturalmente vítimas do horizonte fechado.
O país é demasiado pequeno, dizem.
Ai se ele fosse grande, quanta miséria neste mundo!
Pelo menos só sofrem dez milhões, aqui.
Aqui, mas não neste poema, que se quer inocente!

10/6/84

UM HOMEM AFOGA-SE NO MAR DA SUA IMAGINAÇÃO

Um sorriso humilde como a ausência da sabedoria
enfeita meus lábios supliciados pelo silêncio.
É bom estar-se aqui sozinho, sabendo que a mulher
ciranda algures pela casa, atarefada com essências.

Ia escrever nonadas, mas depois reflecti melhor
e cheguei à conclusão que a palavra certa, aliás
como sempre, era essência. Por um lado, rima
com ausência, e depois possui uma carga poética.

Para não dizer mesmo filosófica. Ora os trabalhos
de casa devem ser vividos como se a importância
não residisse em abstractas manifestações
do espírito, mas na materialidade das coisas.

Por exemplo, lavar a louça. Tem muito que se lhe diga.
Faço-o com um carinho tal que até a minha mulher
se surpreende. É simbólico, nem mais nem menos.
Não brinco! Purificar não é a única tarefa?...

Ninguém sabe o que procuro, e no entanto é fácil:
a santidade. Digo-o assim, como se nada fosse,
mas para ter chegado a este ponto da minha vida
tive que fazer das experiências vividas a luz.

E a luz disse-me: o que buscas desesperadamente,
não é um sentido para a tua vida, nem recompensa.
O que pretendes é sentir que em ti vive um homem,
e sê-lo faz-te elevar ao apogeu da natureza.

Ora, para quem não sabe, esse apogeu da natureza
é a santidade. Não confundir aqui com a religião,
nem a católica nem as outras, sejam orientais
ou ocidentais. Embora o sentimento seja ambíguo.

Há algo do passado na transcendência de hoje.
Confesso que não percebo muito bem este verso!
Mas deixo-o ficar, para os exegetas do futuro.
E já agora tenho que fazer referência ao presente.

10/6/84

O QUE PENSAR DE

Um inesperado sentimento, reconhecer na noite
o lugar salubre onde o mundo se faz tragédia,
sem saber porquê! Não se trata do cataclismo
que nos espreita na imaginação avassaladora,
mas da súbita vergonha por sermos vivos,
homens, acasos da consciência no efémero.
Noite apaziguada, estar aqui, quanta demora,
ignorando os limites que se avolumam no seio
de quem, por não existir, paira como sensação!
Ninguém mais do que eu sente a importância
deste momento escolhido entre muitos, só eu
asseguro a permanência de qualquer coisa,
um esboço desprovido de mistério, e no entanto,
estranhamente eterno, invisível, descomunal...
Penso até que as palavras ao atraíçoarem
encaminham-nos para a verdade, para a origem,
para o afluxo de humanidade que se esconde
nesta desprotegida carne da nossa sobrevivência.
E não há verdades, nem portões do paraíso,
nem imagens capazes de sugerir a imensidade

da presença que nos oblitera o poder do olhar.
Dizem que ver é essencial no conluio histórico
onde o ocidente se despe das etimologias áridas,
faz-se da vista o sentido intemporal, a porta
que abre ao mundo a desproporção do sofrimento,
mas não concordo. Nenhum sentido é ímpar, a casa
vive do corpo na sua totalidade redentora,
quem escolhe reduz-se à perdição e ao malogro.
Não é por acaso que chegamos a isto, à bomba!
Terrível ideia, tê-la ainda tão quente e ávida
depois de torrenciais minutos de pressentimento!
A noite larga insuspeitas tempestades, destroços
à deriva nesse ctónico mar da intemperança,
e ninguém acerta com as previsões do absoluto.
Tamanha solidão para o homem que aceita a hora!
E quanta ignorância no instinto quando agasalha
do frio a coragem diante de um futuro desumano!
Em que lugar vivemos, ó noite, para não te merecermos?
Disse: um inesperado sentimento, sem saber começar.
Acabo-te, poema, em falta para comigo, ponto final.

11/6/84

QUATROCENTOS E TAL ANOS DEPOIS

Olá poema, aqui estou! Como estás?
Mal sabes como me sinto! Destruído por dentro,
na pior, depois de uma noite de insónia nervosa,
depois de mais uma discussão entre finalmente inimigos.
Quem pode manda, diz o povo,
e parece que não há nada a fazer!
Mesmo numa democracia. O poder continua, devastador,
encarnado pelos tiranetes da ocasião,
e são tantos e tão estúpidos!
Estou em período de avaliação, o julgamento
prosegue os seus trâmites burocráticos,
e as arbitrariedades continuam, impunemente.
É de se ficar doido com tanta prepotência,
descarada, cínica, imperturbável,

reflexo das frustrações que anavalham o homem
de hoje, cada vez mais pequenino.
Ontem ouvi frases e vi atitudes
que pensei deveras apagadas da memória,
individual ou colectiva: o autêntico fascismo.
Ouve esta, para compreenderes melhor como me sinto.
Diante desta pergunta frontal,
se era pior professor do que beltrano ou sicrano,
responde-me o avaliador, ex-padre e ex-muita coisa:
não, pelo contrário, até possuo potencialidades
que poderão fazer de mim um melhor profissional,
só que, desde o início, contestei o sistema,
e quem assim procede tem que pagar. De qualquer maneira.
Assim, poema, menos palavra mais palavra,
com esta desfaçatez que me deixou estarrecido.
E pensava eu que as máscaras existiam
para encobrir a verdade de hoje, de aqui.
Foi mesmo assim! Numa instituição como a escola!
Por um educador da juventude portuguesa!
Dez anos depois do famigerado 25 de Abril!
Num país dito e querido democrático!
Assim: tens que pagar pela atitude crítica assumida.
E eu que pensei que era digno de louvor!
Que era importante, sobretudo nesta profissão,
não se ser carneiro e dar mostras de independência!
Como vês, o desconcerto continua. Cabe-me,
sem dúvida, sofrê-lo! Mas é triste
que nada tenha mudado depois de tanto tempo!

14/6/84

PESADELO NÃO CLIMATIZADO

Imbecilizado pelo sofrimento moral tento
esquecer que há injustiça neste mundo, e olho
como a súbita criança que acaba de nascer
a natureza que se enfeita de um verão abrasador.

Mas mil frases de raiva e de ódio persistem
pelo mais recôndito do ser, sussurrando:
é preciso fazer qualquer coisa, destruir o mal.

Tenho sofrido tanto nesta vida tão curta
que penso verdadeiramente não merecer a sorte
que me cabe, assim desfeita em poções trágicas
de privação, de desconsolo e de pobreza.

Nada do que tenho foi fácil de obter.
Aquilo que para os outros vem de mão beijada,
comigo, exige-me nefanda luta, como se a vida
estivesse ameaçada pelo zelo da sobrevivência.

Miséria é quanto me toca. E um sorriso
de ironia diante deste poema choramingão.
Mas custa ver o preço estampado em tudo
que me atrai, desde o objecto mais usual
ao sonho que me cerca de ilusões monstruosas.

A matéria parece aborrecer-me. Eu que sou,
infelizmente, tão sensual, nesta terra da fome,
vejo-me reduzido ao frugal da mendicidade
que se absolve em salários da mesquinhez.

Não há para onde fugir. As fronteiras reais
escasseiam, o mundo não aceita mais a viagem
daquele que se escolhe o vagabundo do século.

Ter pois que suportar a sina. Sinal dos tempos,
aquário, dizem os horóscopos, coincide hoje
com esta metamorfose, subterrânea paixão.
Viver como margem de tudo quanto se desfaz,
a poeira mítica tingindo de eternidade
o passo perdido na presente mediocridade!

14/6/84

THE MEANING OF MEANING

Chegou finalmente o verão.

Há um verso de um poema americano

flutuando nesta tarde onde o começo

coincide com o desejo de dormir um sonho.

Tanto calor abre-me como a um fruto apetecido,

e devolve-me ao caos de onde saí.

Quero esquecer tudo, até que existo,

para que seja possível o homem nesta terra.

Assim, como é, só a morte campeia e vence e colhe.

Falar do dia dá-me o crime na sua essência,

e a vontade é grande de descer ao inferno

para reconhecer aí que o mistério está vivo.

De que me vale o meu sentido de humor,

diz esse poema onde releio o passado da voz.

E não sei responder. Aflito, alço os olhos

para o azul do horizonte efémero,

e respiro lentamente quem me sei e sou.

A vida jaz na tradução de línguas mortas.

É por acaso que o grego me consome as horas

em visões medonhas, descomunais estradas

da sensibilidade e da sensação?

Esta é a maneira como evolui o meu pensamento.

Gostaria de regressar ao sítio do concreto,

de dizer a plenitude de um nome, dessa coisa

que desafia a imensidão intelectual da filosofia,

mas a rima interior torna-se demasiado evidente.

E como sempre, ou desde há muito, a pergunta:

que fazer? Fazer será uma resposta?...

Contemplo esse entre que percorre os limites

do dia, o mesmo é dizer, da vida, da luz, do acaso.

Contemplo metaforicamente, cada vez mais de fora,

sem nunca atingir a estranheza de quem é estrangeiro.

E dedico este poema a todos os falhados.

É que chegou finalmente o verão,

e na associação de ideias está o futuro
da humanidade. Releiam com atenção este olhar.
Descubram, se forem capazes, a comunicação!

14/6/84

CAMINHANDO AO LONGO DA INCERTEZA

Canções da realidade, como vos amo
quando odeio as limitações do momento!

Quisera partir e ser barco num mar de luz,
mas a imagem está gasta de tanto encanto!

Sofrer não será suficiente para se ser
o único poeta que não merece este mundo?

E depois, novamente, o ódio, esta necessidade
de deitar fogo ao mecanismo do sentimento.

Ser criminoso, ser criminoso! Coragem,
meu velho, as mãos atraem o sangue inóspito.

Repor a justiça como quem descobre na maldade
o segredo dos descendentes dos deuses menores!

Tanto amor desperdiçado pela estupidez!
Só o prazer torna a terra inteligível!

Tudo o mais é cada vez mais menos: jogo
de palavras onde a palavra se deteriora.

Assiste-se ao empobrecimento como um homem
que em todas as épocas vive sem tempo.

Na verdade me ignoro, ó pensamento actual,
para que a vida seja uma possibilidade real!

Dualidade em tudo, até em ti, poema falho,
catalisador da dor que não se sente!

Um apartamento vazio, o silêncio vívido,
o calor incestuoso arvorando o incêndio.

E a transcendência do lugar e da hora?
Neste simulacro asseguro a ágil permanência.

Viver, viver, diz com espanto o espantalho.
Não há grito mais pungente em todo o universo.

14/6/84

ENCONTRANDO-SE PERDIDO

Uma laranja em pleno mês de junho,
a experiência da realidade que me rodeia.
O odor do fruto sabiamente descascado,
e o sentido obscuro de um grotesco sentimento
relacionado com o destempero do tempo.
Depois o gosto, o auge líquido sabido
pelo palato, uma frescura onde se insinua
o perigo do fim imediato. Mas a sensação
ganha algumas palavras que tardam, viver
é sempre o momento seguinte, ou a eternidade.

De que mais posso falar? Ser homem aqui
não é tarefa para nenhuma poesia,
que a inexistência salda-se pelo logro.
E a vida passa, sempre lá fora, sempre algures,
menos possivelmente aqui, neste lugar.
A vida de todos, milhões de homens e mulheres
perdidos na soltura do planeta, insectos tímidos
onde o universo ensaia os instintos
e a inteligência. Presente duvidoso,
esta epopeia terrivelmente desorganizada.

E depois há ainda a ambiguidade. Do poema.
De essencial peça do diário que se despreza
transforma o quotidiano em mastigado museu,
trucidando quantas vezes a gramática social

com desvios que se forjam no arcabouço
da história. Humana. Mas, e a experiência?
Não do pontapé no cu que é constante,
mas do êxtase, a forma mais elevada de ser.
Não há verdadeira experiência. Antes a rotina,
a casa onde prosaicamente se habita, a família,
o trabalho que nos projecta contra o sonho.

Gostava tanto de poder dizer: saí de casa.
Está dito?!... Não é bem assim, tentem ao menos
perceber-me. Neste país não há acontecimentos.
E quando os há, são interiores cascatas, luzes
da alma que inventa o real para poder existir.
Nada se passa. Ironicamente, a única coisa
que passa, é o tempo, nesta mortificação velha.

14/6/84

NOSTALGIA

A realidade perde-se pelos meus olhos.
Hora ancestral, esta, sentida como um lapso
onde a vida inaugura o seu desprezo.

Sol em toda a parte, até aqui, neste poema
onde se balbucia o temeroso cio da duração.
A página gravitando no sem centro da terra.

E este insuportável desejo, de negar...
Cada olhar reflecte o que traz ao sentimento,
e sentir coincide com a ideia do fora.

Talvez seja loucura tanta demora.
Mas o dia desliza, patético e pedinte,
vulgarizando a história deste momento.

Sou eu que escrevo, sou eu que escrevo.
Não há mentira que me salve do cataclismo,
e sê-lo desanuvia-me como uma possibilidade.

Estranho mecanismo, o da corrupção. Viver
salta do verbo e eclode como um grito humano
na aridez da consciência diluída no tédio.

Que fazemos nesta terra? soletra a canção.
Quem somos? tolera ainda o poema sudário.
Para onde vamos? estremece a pergunta.

Variações telúricas do mesmo? Arrazoadado
vagamente filosófico da ignorância célere
em que se vê aquele que intimamente sabe?

Os símbolos estão aí, cansados e podres
de tanta cultura acesa no oprimido peito,
o truísmo de uma civilização que se vinga.

Não haver mais nada é alguma coisa.
Não sei explicar, mas posso senti-lo, fundo,
como um aceno da mão que nos abandona.

14/6/84

DAS ORIGENS

Manhã tão nevoenta que nenhum sonho cresce
na infundável disposição para a abertura da vida!
Nenhuma cidade sobe diante do meu olhar,
efêmero desejo que não encontra o que busca!
A realidade aí está, mas dizê-lo assim empobrece,
não só o homem que sou como a comunidade.
A vida continua entre o lugar comum da rotina
e o sentimento nenhum que nos perde de solidão!
E o poema arfa, velho animal onde o sentido
arvora a esperança num tempo que seja de todos!

Verão de novo, se novo significa alguma coisa!
O descanso, o vazio da casa que crepita neste fogo
que é puro desassossego e alguma sóbria febre.
Mais um ano perdido, mais um declínio achado!

E no entanto, apetece receber como natural voo
esta alegria que desmembra o coração sitiado.
Não é uma sensação de plenitude nem de arroubo,
é um estado muito próximo do que será a matéria.
Não do sonho nem do sono, mas do rodopio fugaz
onde a história da vida esconde seus trunfos!

Apetece descer ao sigilo das coisas e ciciar
uma canção tão selvagem que a própria terra terá
que se reconhecer como um delírio de ninguém.
Ser homem traduz o sentido perdido da outra luz,
daquela manhã existencial em que o animal soube
sair de si para reencontrar o absurdo da criação.
Apetece escrever garatujos neste poema sibilino,
sujar de lodo o corpo afeito ao tratamento pobre
de uma civilização que se envergonha das origens.
Apetece gritar a manhã como símbolo da estadia!

22/6/84

ELOGIO DA ESTUPIDEZ

Sinto-me tão bem que penso seriamente
tentar a esterilidade como tentáculo
apetecido da criação!
Ser incapaz de dizer o que quer que seja,
para coroar a minha pacacidade!
Ou simplesmente chafurdar na mediocridade
do mundo, fazendo do verbo a cópia inexacta
daquilo que outros sofrem como um castigo!
Não quero sofrer mais!
Basta-me estar vivo, alvo de todos os estigmas,
e sentir indefinidamente a presença total
desse todo que se confunde com tudo!
Preciso de deixar meu ser vogar pelo prazer
de certas rimas, de certos ritmos!

Gostaria também de descrever.
Paisagens tão reais que a própria realidade

sentir-se-ia delida pelo fantástico brilho!
Ou o objecto que penetra a consciência
quando o homem se perde nos meandros agónicos
de um sonho escatológico!
Descrever a alma num poema bem dito!
Como a última encenação do martírio moderno,
ou a tenaz esperança no futuro!
Tudo isto é gratuito.
Mas sabe bem descansar pela escrita
a rude tempestade dos sentidos que se embotam!
Permanecer assim, assim sempre, repito.

A estupidez como prémio, peço.
Não ver, não sentir, não saber!
Passar pelas coisas com o determinismo
de quem ignora o dogmatismo das sensações,
ou a má fé de atitudes que ferem o universo!
Mas passar isento, chama bruxuleante do poema
que se esquece, perdido na demência da hora!
Tão bom ser-se definitivamente feliz!
E haver uma parede branca em frente.
Nenhum mundo para perturbar a memória activa,
nenhuma terra onde se possa desmerecer a alegria!

22/6/84

IMPORTA

Planeamos os nossos próprios mitos,
para sobreviver.
Uma manhã cinzenta, a história oca e cava
do momento.
Tímidos títulos para ritos que nos escapam.
E sempre viver, ver
passar o tempo, olhando, olhando.
Aqui uma folha até há pouco branca,
alí uma cama ainda desfeita.
Tudo isto resiste à ausência de metafísica,
nada disto suporta o absentismo da graça!

Abre-se um livro: lê-se um poema.
Levantamo-nos e vamos até à cozinha.
A janela grande como um écran liberta
a sensualidade que vem de fora.
Ainda há um dentro,
algures neste apartamento,
algures no simulacro da perdida casa!
Não se trata de se ser fiel à experiência.
Nem de se temer a profundidade do real.
Importa apenas estabelecer as referências,
crer que se quer, e isso basta.
E onde não há presença nem memória,
cria-se a semelhança, faz-se filosofia
com o mesmo afã com que se desce à vagina
da mulher que nos ama.
A sanidade mental exige-o, não a arte.
Arde como obsessão o caminho que nos perde,
mas ir e vir, quase sempre do emprego,
é que é o destino, o quotidiano.
Tudo o mais releva do sonho, da inexistência.
Não o digo por pessimismo.
É antes a alegria que me faz viver
este efémero deslize do tempo que me cabe.
E depois há sempre um certo prazer
no reconhecimento.
A amizade é o fruto da solidão.
Só que poucos o sabem!
Mas não faz mal.

22/6/84

ESTAR VIVO

Do calor que se desprende do dia
colho a febre, uma cefaleia tentacular irradiando
como sono ou demissão dos deveres humanos.
Queria estar bem, mas a sombra é tão pouca!
E o sentido do líquido escapa-me!
Junho finalmente é verão, e abraça.

Fim de semana, para que o efémero e o imperfeito
saibam reconhecer a sua desmedida, a sua casa.
E a cabeça tonta, pontificando feérica
entre olhos que vêem a banalidade do fora.
Nenhuma profundidade nesta hora,
e no entanto age ctónico um ritmo ontológico,
uma luz que deforma a realidade,
dando-lhe a dimensão de um prófugo alcance.
De nada me vale sentir que é assim.
Porque tudo passa, decorre como simulacro,
pura coincidência onde a matéria fala o mundo,
a outra face do mistério visionado.
E tanta asneira!
E tanto ardor por saber que sentir vale
talvez a salvação de quem descobre na morte
o momento mais sublime do desejo eterno!
Para que fique gravado na minha memória,
repito simplesmente: estou vivo, e agrada-me!
Estupidez?... Deixá-lo!
Quantos de vós, leitores, serão capazes de entender
o que percorre este poema? Lê-lo não chega.
Senti-lo seria o ideal, mas como, se a experiência
que o cria é alheia ao vosso perímetro de ser?
Façam ao menos um esforço!
Talvez numa esquina da sua significação
encontrem o esquema que buscam, a luz sonora
que vos arvora ao limite do inteligível.
Tudo o mais é mais, e está fora do meu alcance.
Mas tentei. Todas as vezes que subo às palavras
procuro imprimir na odisseia do branco absurdo
a presença, tanto necessidade como possibilidade!
E do calor que pervaga em vagas contínuas
as minhas interiores plagas,
deixo-vos sonhar com a ideia de praia!

23/6/84

NENHUMA VERDADE, NENHUMA PORTA, NENHUMA LUZ

A terrível metamorfose da transcendência
que é viver cada hora como se a vida futura
nunca encontrasse diante dela a morte histórica!

O desapego em que a alma deriva, o brilho
sumptuoso de uma ideia que gravita pela luz
que se perde no remoinho da sensibilidade!

A desistência verbal como mecanismo lúdico
das palavras que se revoltam contra o criador,
seja ele poeta ou simples homem do tempo!

E o universo reverberado pelo infinito
lugar comum da civilização que se desmembra
diante do holocausto que a voz implora!

Asneiras?... Tolices?... Espero que sim!
Estou cansado de tantos livros pessimistas,
mas a realidade não é um sonho desperto!

Apetece lançar à instituição de hoje o riso,
a fealdade de um discurso que se descubra
como a essência do que ninguém tem coragem

de dizer! Todas as épocas se pensam livres
dos sinais que empestam a mediocridade,
todas as doutrinas se julgam detidas no logro!

Mas que homem será capaz de afirmar o contrário,
sem merecer a loucura como uma doença velha,
sentindo que o efêmero resiste ao compromisso?

Da inteligência e da sensibilidade tem-se falado.
Compulsam-se antiquíssimas páginas de línguas
que se perderam no redemoinho da contingência.

Nenhuma verdade resiste ao declínio
que a transporta. Nenhuma porta se abre
completamente, nenhuma luz perdura eterna!

23/6/84

PALAVRAS PARA A REALIDADE

Deixo o sol lambe a página em branco.
Estranho campo onde a luz se estende ao infinito!
Um soturno apelo, irrompendo do ctónico
tumulto, chamando em vozes de além o mistério!
Mas não há magia que chegue para mudar o mundo!
Nem truques, metafísicos ou físicos, capazes
de fazerem o trabalho metódico de um destino!
Há o sol que se derrama numa brancura nodosa
até ao limite da folha estarecida, há isto,
agora, estar eu aqui inventando a necessidade
como se fosse possível desviar o curso do tempo!
Há tudo aquilo que não sou e bate ao olhar.
A vizinhança perdida nesta tarde de calor,
zelando pelos seus interesses, no truísmo
da rotina que desobedece à imagem ideal do homem!
A realidade, penso, devoluto já de todo o ódio
que me cercou nestes dois anos de miséria!
Sou capaz de nomear, de dizer: está ali uma mulher,
recolhe a roupa seca, vejo também um gato preto,
e mais longe uma criança que brinca com o verde.
Sou capaz de sentir o significado disto tudo!
Mas algo de ininteligível sai das coisas,
uma suspeita, um livre arbítrio, uma monstruosidade
que anula toda a expectativa de conhecimento!
Não sou uma câmara fotográfica e no entanto...
sinto que a realidade não pode ser tocada,
como se a natureza onde me encontro e evoluo
trouxesse dentro de si segredos, sinais invioláveis,
vozes de uma materialidade que desrespeita
a ciência como o desejo de entrar no contrário
do seu absoluto. Algures, pela distância ausente,

a semelhança voga, paralelo da sensibilidade
que nasce com a desmedida telúrica do homem!
Sinto que um outro lado reproduz a dimensão exacta
do que pressinto, se os verbos não se enganarem!
Terrível sol, balbucio num cicio que me arrepia.
Não sei por que o disse, sei que por vezes a palavra
traduz o sentido nenhum que encobre a presença.
Fúlvida alegria, poder escrever com tanto carinho
a metamorfose da inexistência, lugar por excelência
do ser que debanda os horizontes da mistificação!

23/6/84

NINGUÉM EM PARTICULAR

Admirável manhã, e já tanto calor!
Uma alta neblina confundindo-se com o azul
esbranquiçado num céu feito de lentidão!
A mancha selvagem do sol diluindo as fachadas,
essa luz onde se pensa vislumbrar o branco!

E este poema que começa sem saber como acabar!
Nascido do desejo de dizer: estou aqui,
mesmo quando aqui estabelece a relação mítica
com lugar nenhum da terra!

Não é propriamente uma emoção.
Nem um desejo. É talvez o hábito, a escrita
do mundo pedindo uma vítima, um destino.
É esta música habitando o silêncio da manhã,
vozes em língua estrangeira proferindo as falhas
de uma civilização onde as peripécias abundam!

Domingo e este derrame, sentir que se vive,
que o corpo se comporta como uma máquina,
e o descanso reconhece os seus direitos.
E o calor, já o disse, iludindo a memória,
página onde o verão se justifica.

Não apetece ser nada!
Ver basta, que ouvir está a mais!
O texto da falta de vontade, ei-lo, irrazoável
como todos os sábios discursos que falam
da necessidade de uma maior produção.

A janela aberta, convidando a corrente de ar!
Nem um rumor vindo do choupo vizinho!
Estagnado universo, não te sou!
Mas amo este pântano cósmico, sentir em nada
que a respiração traça um desígnio animal!

Tudo por fazer, ó frugalidade!
Não hoje, que paira eterno como um símbolo,
mas quando o movimento reconhecer a sua carne!
Somos a matéria inamissível da morte.
E teimamos em sobreviver!

24/6/84

O SENTIDO NENHUM

Um horizonte babélico perfilando-se líquido,
este sonho nunca foi vivido, mas sim imaginado!
Uma emoção estranha, como se o melhor de mim
não durasse mais do que a sugestão, o pânico!

Uma praia tão sensível que só a memória a dá!
Leve nevoeiro, e a ressaca, e a humidade salsa
subindo em jeito de poalha até ao sítio nítido
onde os pulmões recolhem a impressão do mundo!

Sinto que serei outro quando crescer na terra!
Senti uma mão terrível, um medo impossível, a hora
surdindo com afluxos de vozes onde a origem
se perdia no movimento sexual das vagas!

Lembro-me! Só de dizê-lo, a vista arvora o suor.
Sabia tão bem que a palavra funcionaria rebém,

que um segredo pautaria a minha estadia acesa
no reino despossuído onde a língua anavalha!

Era então verão e eu jovem, os pés nas águas,
o cabelo revoltado ao vento norte da necessidade!
Silêncio, a quanto obrigas, se não pensavas assim
era assim que a lembrança se petrificava!

Sei que senti, que vou merecer a tragédia nua
onde o outro que me abandona exala o tempo!
A confusão, como hoje, imperava, desfeito olhar
cirandando em círculos onde o centro ignora!

Ia ser mais do que um homem, senti, a manhã
telúrica e o ridente desfibrar de risos novos!
Algo se abria como um fruto da existência,
o sentido nenhum da complexidade da matéria!

Tanto mar para um invejável olhar! Percebi
quanto da dor seria o caminho, e em que homem
teria que sofrer o destino da rara humanidade!
Estranha emoção livrando-se de mim como água!

25/6/84

AOS POETAS PORTUGUESES

Deleite é quanto falta, se pensarmos bem.
E um verso assim despido, que poderá significar?
E um poeta assim tão falho, que poderá escrever?
Deleite é quanto falta, se pensarmos bem...

Tanto humor, ou sibilina ironia, deixa-me exangue!
Confesso (e que pontapé nas estéticas vigentes!)
que busco uma outra forma para a conformidade
do meu mais esdrúxulo pensamento!

Não me satisfaz estar aqui a empatar tempo!
Nem a debitar todos os truísmos da língua!

Queria ir mais longe, embora seja o perto
esse porto capaz de lançar luz sobre o enigma!

Abro impenitente um livro de poemas forâneo.
Leio: Deleite... E sinto que não ter ideia
é a mais arguta sensação vivida pelo universo!
A profundidade nasce do engulho ingénuo!

Recapitulemos: a natural manhã (tanto
para ser dito, se quiséssemos infringir
as regras de ouro da época onde escabujamos!)
maravilha-se pela ausência de discurso directo.

Fala-me, acredito, pela voz da luz, foz terrível
onde os sentidos induzem o mecanismo material
dessa língua que nos perde. Escorreguei!
Se pensarmos bem, nenhum deleite sabe a falta!

E estou triste. Não consigo trazer ao poema
esse lugar da vida onde o mimetismo sabe luzir
como a única força, a última energia...
Não sei mais onde encontrar o fim, o começo!

Em pleno meio, véu do absoluto, ironizo o riso
de quem desperta para o mundo sem olhar.
Estranho clima, esta apoteose do figurativo,
este enquadramento do abissal, lúdico nada!

26/6/84

SERENIDADE

Novamente sinuoso, este sentimento célere,
sentindo a disponibilidade como chave feliz
para a vivência do universo que nos acolhe!...

Não mais perguntas, não mais dúvidas!...
Diante do mundo, através desta já histórica
janela, gozando a verdade da única retórica!

É preciso amar, diz o ditado no lugar comum.
Sentir cada vez mais, cada vez mais fundo,
a vida que se alonga pelo corpo que nos cabe!

Sentir! Redescobrir a realidade com olhos
que não subtraíam aos outros sentidos a fome
que nos caracteriza, conhecer a imensidade!

Eis-me depois de lutas exangues, um homem
ciciado pelo prazer do quotidiano, a conquista
onde ninguém venceu para dizer que foi vitória!

Cheguei até aqui, e sou! Passei pelo lado
da inexistência, bebi o líquido identificado
com a morte, ressurgi mais novo que a juventude!

Não possuo anos, nem o tempo me possui!
Vivo-o, sou-o, visceral vislumbre da essência,
horror do efêmero quando a distância alcança!

Amo tudo e todos. Até o truísmo algoz de ontem,
quando o riso desfazia o pensamento, e o ódio
urdiu em chamas a inapetência e o desconsolo!

Nada está bem nem aceito a resignação!
Mas a luta é agora movida sem interesses,
sem ideários nem ideias que não nos são próprias!

Viver terá que ser! Nesta lútea solidão,
arvoro o cântico da fraternidade, descobertas
as raízes, as origens que nos ligam à terra!

27/6/84

O CÉU, A TERRA, O HOMEM

O céu cinza, a terra murcha, o homem apaziguado!
Descubro a exclamação como uma criança perdida
no sem sentido da vida, rima interior e fácil!

Nenhum desejo, mas respirar continua, fímbria
onde se deposita o estar sendo cada vez mais!
Busco-me por dentro e só encontro linguagem!
Será assim tão triste eleger o lugar tão comum
do nosso destino de homens espalhados pela terra?...
Acho uma felicidade sincera nessas frases batidas
pelo som de gerações que as souberam desejar!
Amo as línguas, da mais distante e alheada,
àquela que utilizo todos os dias como chave!
Talvez não seja verdade esse céu cinza,
mas cabe tão bem na contingência das coisas!
E é tão real, que dizê-lo assim me pareceu,
não só verosímil, como profundamente necessário!
É nisso que desacordo com muita estética actual,
quando não se apercebem da necessidade como acto
fundamental da linguagem poética e humana,
e não só o possível que verbaliza a irrealidade!
O céu cinza, a terra murcha, o homem apaziguado!
Dos tais versos que não exigem continuação.
Só o hábito, ou a necessidade, justificam a demora,
este sitibundo poema, parte intelectual e sensível
da história que se descobre pelo momento vivido!
Disse, nenhum desejo, mas há sempre, ínvio, um desejo,
algures no corpo que nos distingue entre animais!
Que é respirar, mansamente, baixinho, ao diapasão
do cosmos, não a ideia que dele se faz, e ilude,
mas o que dele nos é imensamente inconsciente,
nós próprios, criaturas com a dimensão universal!
É a única maneira de sermos felizes e de amarmos!
Sentir que a fronteira não se reduz ao social país,
que não morre nos pais nem continuará nos filhos,
mas que paira longínqua como uma distância infinita,
e por isso humana, e por isso essencial ao nada!
Por isso, repito mais uma vez, feliz pela serena
sensualidade que se desprende de tudo e me banha:
o céu cinza, a terra murcha, o homem apaziguado!

27/6/84

A NECESSIDADE SEM EXPLICAÇÃO LÓGICA

Mais um dia perdido para quem não acha estímulo,
nem beleza, neste paulatino desfibrar do efêmero.
Assaltado pelas perguntas que ferem, descubro-me
despossuído, sem ao certo saber o que significa
isso. Não é a sensação, antiquíssima, do vazio,
nem sequer a desistência como atitude da alma!

E as perguntas não foram nem são formuladas!
Porque a língua derrapa, desarma-se em formas
incapazes de conterem a essência que persiste
como intuição de um mundo onde o abismo deforma!
Ínstase terrível, ter que inventar a rara palavra,
o sentido quase sexual de uma natureza amorfa!

E essa voz, longínqua, atroa em cicios: ir mais
longe! ir mais longe! como se houvesse um longe,
algures, quer na percepção do real desprotegido,
quer na consciência da linguagem que desbrava!
Estar aqui parece não ser o meu reino, o meu lugar!
Embora, perplexo, no comum sentido encontre o fim!

Que haverá além, para que o chamamento continue?
E onde está essa linha, a fronteira, o limite mítico?
Rodeado de tudo quanto é realidade, absorvo o nada
como contraponto estilístico da época que se vive?
Será tudo ficção, até este aqui de onde escrevo,
até este poema onde delimito a intenção humana?

A originalidade não me atrai. Não me consola dizer
o que não é, já que o possível pode ser também irreal!
Importa-me descrever, já não desvendar, o obstáculo,
esta profusão de coisas que enxameiam os sentidos,
para aí edificar um lar ameno onde possa respirar
a ilusão de um percalço como é a existência nossa!

Não sou escravo da análise, e se amo a síntese
é porque gosto de saltar, de juntar os opostos,

na tentativa de renovo através da beleza sábia!
E mais do que a fruição, que a quero antes carnal,
prefiro o prazer de sentir que em mim sou eu
quem está, não o outro imposto pela ausência sacra!

28/6/84

PONTE

A A. R. AMMONS

A sensibilidade da paisagem não existe
porque o que existe em frente são fachadas
de prédios esquecidos pelo tempo.
Olho fixamente até deixar de ver o real,
um clarão de vazio assolando a consciência.
Mundo é isto, penso, esta presença dolorosa
como não haver possível ou verdadeira memória.
Lava a manhã a sua névoa pela terra,
este cinzento onde o céu desespera, e o homem
que tento ser não recupera da emoção.
Porquê sensibilidade? Não basta a inteligência
da visão, sentir que até nisto há um arrepio
da transcendência que se perdeu no século?
Estou, sinónimo sério do enigma,
sem imaginação, e quanto vejo já não invento.
A cabeça perdida em conversas havidas
com estranhos, esses homens que se despem
para melhor sentir a coragem da solidão.
Ler ainda é o melhor caminho da amizade.
Percorrer sílaba a sílaba o sopro quente
de quem pôs no verbo a mesquinha forma
do testemunho, poético ou mesmo humano.
Não há, para mim, nisso, diferença! Há apenas
a emoção, e o guardar do segredo que é
sentir quanto se é alheio no corpo do outro!
E quanto se está próximo da única palavra:
morrer. Todos os dias um dia, pela vida fora,
passando como um mistério à superfície

deplorável de um planeta onde existir é exílio,
mas também o desejado, querido lar.
Uma ponte, amigo, é o ponto de união, a chama
que devolve ao fogo a sua essência nula,
o chamamento que clama a voz para a ausência.
Mulheres em frente, labutando, sistemáticas,
como relógios achados no conluio do terror.
Amo-as, lavado agora de toda a ideia terna
de sexo ou de necessidade, amo-as como fontes
perpétuas de inspiração e de contentamento.
Só eu sou eu, e no entanto...sinto que estou
tão perto, onde o horizonte se abre humano
como um sentimento incapaz de medir a distância!

29/6/84

ESTAR FORA E DENTRO AO MESMO TEMPO

A JOHN ASHBERY

O que não existe dói.
Engraçado, estava a pensar numa conversa
com um amigo, sobre o idealismo,
quando esse primeiro verso eclodiu!
Não sou filósofo, mas gosto de sentir
as ideias como manifestações humanas
da carne que se resolve em espírito!
O que existe também dói, é a consolação.

Às vezes uma dor de cabeça é mais produtiva
que serenidades ao entardecer do êxtase!
Prefiro mil vezes o êxtase, e a serenidade,
mas não me recuso a possibilidade,
sempre aleatória, de ser inteligente!
A estupidez governa-nos, diz a experiência.
O mundo confunde-se com tanta ambição
onde o homem é um joguete da transcendência!

Mas basta de abstracções! Escrever é uma tarefa
onde só alguns ganham a eternidade,
que todos se perdem pela linguagem dentro!
Dizer, dizer, este o único vívido vício,
no emprego sazonado da aliteração!
Acha-se, por vezes, um poema genuíno,
amostra do acaso, reflexo do íntimo acervo
que traumatiza a duração como teorema do tempo!

Pôr a vida em algumas palavras,
revivê-la pelos feéricos sons,
prevê-la em duvidosos sentidos futuros,
furos na membrana mítica que envolve,
como útero simbólico, a nítida consciência!
Há mais do que o olhar, ó Grécia antiga!
Sentir o redor é o privilégio da intuição!
Basta ser-se animal, sem preconceitos,
e ler a escrita de tudo na porosidade
sibilina da pele. Somos a histórica voz
de que a matéria é feita!

30/6/84

NÃO SOU UMA CRIANÇA

A JOHN BERRYMAN

Algures um asfalto há fora da experiência,
mas dizê-lo é agora tão importante
como pisá-lo quando cai soturna a noite.
Um garoto brinca com a sua bola,
a parede em frente apara os ruídos
de borracha explodindo pelo ar.
Nunca assisti a esta cena, mas a cidade
concita o reverso do sonho, e sonhar
significa querer uma realidade humana!

Não é a guerra nem a selva. Nem é na cidade
que vivo, o olhar fixo nas circunvoluções

da bola. É um poema de outro autor que arde,
a tarde amarela como se fosse possível
compreender a loucura de Van Gogh.

Há um silêncio que não se identifica.
A paz parece finalmente ter chegado.
O livro, aberto sobre a cama, lança velas
pelas folhas despertas, estranha imagem!
Estranho barco! E onde se meteu a bola?
Há também um lago, e quando vem a perda,
nenhuma metafísica interpreta o acaso.

Cidade estrangeira, tenho-te nas narinas,
o odor de gasolina em manchas grotescas,
essa pintura que não se vende na galeria!
Abafado agosto, se ousar dizer, e as ruas
toldadas pela neblina, e o rapaz e a bola,
lidos nesse severo poema da realidade.

Aqui quem escreve mente uma razão.
A necessidade não existe como prémio,
nem a filosofia justifica uma invenção.
E depois, só resta a sombra pacífica,
o atalho de um sentimento esdrúxulo
que se resolve pela húmida emoção.
Sabes, lá onde o álcool queima e fere,
quanto delírio irrompe como batalha.
Ficará a bola onde cresce o garoto.

30/6/84

O ALCANCE COMO TEORIA

Tanta paz parece ser impossível!
Junto à janela penso o mundo, a ironia
quando o momento me afasta do mecanismo servil
que caracteriza a vida nestas sociedades
queridas ocidentais!

Nada passa, quero dizer, não há fantasmas
ou sombras evoluindo num áspero ápice de segundo,
mas a respiração pausada de quem me vive,
o sortilégio tauxiado do tempo,
a metamorfose telúrica do absoluto.

A televisão lança uma música clássica,
no quarto ao lado a filha, na cozinha a mulher,
lá fora a manhã já perto do meio-dia,
ao lado o quarto onde pontifica a cama desfeita,
aqui a secretária juncada de livros.

Um céu frio onde algodão estafado paira,
formas de continentes em deriva,
um fundo de mar azul como a ideia terrível
que se faz da eternidade ou do infinito,
tudo isso entra pelos áridos olhos, e agasta!

Fim do século, não penso nesse momento.
Mas agora que escrevo esse simulacro,
sinto que a terra se perde pela ignorância,
do tumulto que irrompe no peito do homem,
do silêncio que ganha as longínquas paragens.

Dão-nos mitologias onde a grávida civilização
se revê, o espelho quebrado, o símbolo casto.
Recebemos a rotina como se fosse assim,
tão nefasta, a organização do selo humano.
Nenhum sonho deslumbra o horror da realidade!

Felizmente que todos os dias trazem uma manhã.
O mesmo sol solto pelo horizonte não é o mesmo,
nem a gramática onde a lógica moderna estrebucha
redime o sentido provisório da presença!
Há sempre um desvio, o alcance do inefável!

1/7/84

O SEMELHANTE OUTRO

A simplicidade desta emoção redime-me da dor
que vivi durante estes últimos tempos.

Ignoro qual o sentimento, ou mesmo se o é,
mas estar assim não é a respiração normal.

Mais um obstáculo vencido, e por fim o asco,
a vergonha desfeita em cinzas, ter sobrevivido
à política da canalha, aos interesses mesquinhos
que levam o homem ao crime da temporalidade.

Escapei da cilada, escapuli-me, fingi um acordo
onde o riso da inteligência se escondia,
com medo das consequências, do olhar censor
de quem se arroja o direito de avaliar!

Pobres homens, pobre país sem homens!
Estamos condenados à mediocridade feliz,
à importação da estupidez que governa a terra,
subdesenvolvidos pela apatia e pelo vício.

Compram-se as teorias que desembocam em livros,
estuda-se o estranho da língua que não nos é,
aplica-se caninamente o molde à realidade
que desconhecemos porque nos ignoramos!

Ninguém usa o espelho para a intimidade!
Ficamos na superfície do corpo, na sombra,
indiferentes ao tumulto que irrompe nas células
onde o nosso destino distila o caminho viável.

Tão fácil não querer ver! Nem sentir!
Tanta metodologia de vida perdida em esgares
da irrisão que sobe da própria matéria
quando a realidade passa uma rasteira à pretensão!

Dizem-se todos humildes. Ninguém ouve o outro.
A razão é sempre nossa. Essência do melindre,

fingimos a regra quando não sabemos medir
a extensão desastrosa da nossa cumplicidade!

1/7/84

IGNORÂNCIA

Uma infinda solidão infiltra-se pelo começo
da tarde batida pelo vento seco que arde,
neste silêncio telúrico onde o cataclismo
se prepara para destruir a lógica humana!

Sinto medo. Tanta calma não pode viver a paz!
Vou à janela, as copas das árvores feridas,
algumas vizinhas no contínuo labor quotidiano,
o sol, mas desta vez terrível na sua indiferença!

Serei eu? A realidade mussita-me um esquema
imperceptível onde meus sentidos se perdem,
nenhuma forma aparece, nenhuma linguagem dói
tanto como ignorar a existência impossível!

Não sou o monstro mas é o mês de julho!
Estar aqui lembra-me algures, esse lugar,
essa luz, remoinho de sensações que abrem
à alma o predomínio terrível da suspeita!

Inquietação, não te reconheço de tão nova!
O corpo deixa de ser meu, o espírito evola-se,
a sombra nega a queda como se o objecto real
pertencesse ao domínio da substância mítica!

Terrível medo, como se algo me fosse acontecer!
Alcance premonitório, ou recordação desviada?
A própria respiração dilui-se na metamorfose
que sinto crescer na natureza que se preza!

Que se passa? Não é um sonho! Estou acordado,
sou um homem, vivo neste país de pobreza,

tenho uma profissão, aufero da família rara,
escrevo êxtases como se fosse a matéria!

Não consigo compreender a tarde, esta hora!
Diz-me, fala-me, possivelmente revela-me algo,
e não sei traduzir, tornar humana a língua
que irrompe de tudo como uma chama sibilina!

3/7/84

FIM DEFINITIVO

Há uma praia algures, mas a vontade de dormir
é tão grande! Levo na cabeça o sono, a névoa
que tanto pode ser estupidez como cansaço!
Chama-me o sol, mas o corpo não é mais jovem!
Dormir, clamam os mutismos das ávidas células,
uma cama escura onde o espírito possa repousar!

O que fizeram de mim, esses malandros! Dois anos
ao compasso da ignomínia e da servidão, dois
passos para a cova que me espera no fundo
da estrada! Nada aprendi, a não ser o desvelo
com que a arbitrariedade manuseia vidas humanas!
Como esquecer esse incêndio quando o corpo arfa?

A vergonha que sinto por ter escapado mais
ou menos ileso! Deveria ter perecido, depois
do contacto com o pior que o homem engendra!
Figuras ancestrais do poder, carrascos da ordem,
sofri-os como miniaturas de risos vingativos,
caricaturas do que nunca saberão ser: humanos!

E vivem, e respiram como se tudo fosse possível!
Impunes títeres da mediocridade caseira, ei-los,
sobraçando a responsabilidade, a palavra divina
que ilapsos modestos lhes facultaram, os pobres
diabos, nostálgicos das fogueiras inquisitórias,
com o poder de um sim ou de um não autoritário.

Democracia?... Ignoram. Nunca aprenderam a ouvir, cresceram como flores do mal pelo fascismo fora, viram o chefe, ouviram o patrão, temeram o pai quando lhes coube a parte ínfima da educação. Os outros?... Quem? Os colegas? Os companheiros? Matéria onde se molda a figura da frustração!

E tive que conviver dois anos de peste e ódio com esses filhos da puta! Sem poder escolher os meus amigos, os meus próximos! Assistindo ao apogeu da asneira como da incompetência, calado, aquiescendo em nutos febris da fome que sentia pelo brilho da inteligência outra.

E não me calei. Não se pode ser todos os dias cobarde. Levantei a voz e denunciei, primeiro civilizadamente, com doçura, com amenidade. Depois, ao ver o insucesso da atitude nobre, vociferei, disposto a levar à irrisão a nudez dos meios que limitam o sistema mentecapto.

Valeu-me o castigo a ousadia de ser homem. Dizer-lhes assim, na cara, a incongruência tola de certas tomadas de posição, a cegueira nívea de todo o processo, a injustiça da avaliação quando os avaliadores se sentem prosaicamente peças de um jogo que os ultrapassa de longe.

Aprendi: ninguém, numa posição superior, aceita a crítica. É como uma pedra, uma ofensa pessoal, dizer o papel que cada um desempenha no tabuleiro. E depois, intimamente, eles sabem que o poder não os limpa por dentro, nem os torna superiores. Vítimas da contradição descarregam no outro o fel.

Senti ódio. Nem uma palavra amiga, de compreensão. Tentaram destruir-me; o que melhor possuo, a fé nas possibilidades humanas, na fraternidade, parece-me agora mais uma ingenuidade de poeta!

Como poderei agora exercer com harmonia e amor
a minha profissão, levar aos jovens a esperança?

Vai levar tempo, esquecer! Que se sofreu na carne
o espírito do mal, a dimensão social do desprezo!
A praia chama, o sol convida, mas o corpo demora,
incapaz de se decidir, de saber que caminho tomar,
o das águas genesíacas e recuperadoras do renovo,
ou o da rinação selvagem que destrói a hora.

Não queria desmerecer o poético com realidades
tão triviais! Este vai ser o último sopro verbal
da aventura que se acaba! Nem mais uma palavra!
Talvez amanhã eu seja outro e possa lembrar
a nódoa como uma memória da vida que nos foge:
barcos à deriva na imensidão acharemos o porto!

3/7/84

A MORTE

Silenciosamente espero.
Meio-dia, uma sirene algures corta o dia,
sinto-a como uma faca pelo corpo.
Algum vento sibilando estranhas vozes
da natureza, o sol magnífico.
Julho cai em si e descobre-se mês
de praia, de férias.
Estou branco.
Abro um livro casual,
enorme dor de cabeça só de olhar as páginas
habitadas de caracteres pretos.
Uma névoa. Um peso sobre os olhos,
vindo, como o mundo ao avesso, da testa.
Mentalmente escrevo este talvez poema.
Rodeado de silêncio, a casa abandonada,
a janela tão metafísica que nenhuma realidade
pode ser presenciada como acontecimento.
E o tempo não pára.

Mas estagna, sinto, a percepção
das coisas, o testemunho animal e humano
da disponibilidade da matéria.
Nenhuma pergunta aflora os lábios.
E no entanto, apetece debitar tantas respostas,
estupidamente.
Perco-me no que vejo.
Esta oliveira apodrecida,
zurzida pela ventania que arfa,
eis a minha memória, o percurso nulo
onde a ideia do universo irrompe.
Sou um homem.
E depois, súbito, a morte.
Um afluxo de sangue ao coração,
o suor frio, a respiração aflita,
um calor incendiando o rosto.
Ainda não estou preparado.
A ideia assola-me como um ataque,
uma injustiça que se perfila no horizonte.
Deixarei de ver, de sentir, de pensar.
De ser.
Estúpida lágrima que não brota.
Será possível?

4/7/84

ESTRANHO SENTIMENTO

Estranho sentimento, estar assim disperso
como uma impossível comparação,
sentindo que o tempo passa pelos dias
numa matemática necessidade do eterno deslize.
Cenas da história que se aprendeu
confundem-se com cenas da história que se viveu,
e a memória não abarca o sentido do olhar
ou mesmo do escrito testemunho.
O que foi deixou alguns tumultuosos rastros
pelo corpo, pela terra.
Ficaram objectos, mas a verdade é humana,

e por isso universal, quero dizer, dividida
pelos homens. Espero não estar a incorrer
nessa antiquíssima ilusão,
mas se estou, tanto pior!
E quando não há nada que tivesse sobrado,
chega-se a duvidar do acontecimento.
Não me admira pois os mitomaníacos!
À sua maneira, organizam o passado,
com falsos alarmes, para que a vida mereça
uma comprovação, ou mesmo um desmentido.
Tudo menos a indiferença! O esquecimento!
Mas mais estranho é o sentimento
de que, com o tempo, só envelhece o corpo,
ficando o espírito sempre disponível
para aceitar a sucessão das contingências.
Jovem como no primeiro vagido.
Todos já sabem, os que me conhecem,
quanto detesto o passado. Não por mim,
ou pelo meu destino, mas pelo mundo onde evoluo
como uma alma sem repouso, sem casa, sem abrigo!
A mediocridade onde pus os pés envergonha-me.
A matéria, nas suas diversas formas, esteve sempre
aquém da minha vontade, da ideia que fazia de tudo!
Em toda a parte, o limite.
Quanto tenho sofrido, não poder ser eu, por isso.
Por causa disso! E descubro, assim,
que eu não tem nada a ver comigo!

4/7/84

ALGURES

Particular desvelo, estar a pensar,
confusamente, no universo como desmedida,
quando a realidade sou eu.
Termos gerais governam o meu íntimo sopro,
como se a monstruosidade da estadia
fosse um facto consumado.

Abandono provisoriamente, penso,
as dicotomias, a bênção dos míticos opostos!
Não para chegar, ou mesmo inventar, a unidade,
mas pelo cansaço que nasce pelo mundo dentro!

Uma difusa infelicidade é o meu quotidiano.
Nem a música, que amo mais que tudo, me salva!
A paz de espírito revolve-se algoz infinito
do meu suado ser, a dor reaparece, truísmo
terrível. Uma tristeza infanda, sentir!

E a frase obsidiante, límpida:
I wish I was young, I wish I was dead!
Nessa língua que me tece a diferença,
que me restitui ao convívio seráfico do ser,
do sem tempo onde reflicto quem não sou!

É manhã, mas estou na noite de ontem, escrevo
hoje quanto, em minutos de um lazer,
se não senti como um homem que sente,
vivi, olhando tão fixamente a escuridão
que visualizei a minha pessoa.

Não sou quem sou!
Há um enigma algures, há um livro abandonado,
há um poema que ninguém soube escrever,
há uma voz soletrando sílabas absurdas
onde a língua arde até se reconhecer
silêncio e cinzas!

Respirei a hora e senti o desmaio.
Ninguém me falou, alguém estava lá.
Uma figura, uma luz, uma sombra!
Tanto universo para tão reduzida hora!

8/7/84

ANOS PERDIDOS

Uma profunda raiva, maior que eu próprio,
brota na pacacidade fingida da manhã!
Sentir todos estes anos perdidos,
insolvência onde meu ser se revolta!
Mergulhei no papel de pai e de chefe de família
como se fosse natural, e não é!
Macaqueei o marido da civilização ocidental,
suportei as contradições do casal moribundo,
aturei a vida em comum para não ser só,
e sou-o!
Há em mim um aventureiro, esmaguei-o
com argumentos e com cobardia, ei-lo, que sofre,
e sofrendo faz-me reviver a ausência,
a possibilidade como alcance de outro destino
que poderia muito bem ter sido o meu!
Quis, tolo, imitar a normalidade!
A carne que tanto me eleva, por vezes,
ao melhor da ideia que se possui do homem,
perdeu-me!
Maldita sensualidade, essa prisão!
Precisar de passar, de vez em quando,
uma mão de febre pelo enigma que encobre
a existência de tudo!
E de sentir o corpo no seu limite extremo
húmido como um peixe pré-histórico!
Nadando, nadando!
Nesse imenso nada onde luz o brilho do começo,
a profecia da perdição!
Eu que me sinto tão bem em mim quando sou só!
Que resolvi o meu mistério e descobri
a distância que me separa do mundo contemporâneo!
Que me dou tanto prazer por saber sentir
a vida, os seus sopros, a natureza da estadia!
Cada vez mais animal, e sem vergonha!
Cada vez mais metafísico, por tanto ser animal!
Só precisava de uma sociedade capaz!
Não existe, pois há os inolvidáveis outros,

homens e mulheres e crianças,
abandonados na ilusão da necessidade,
labutando os mútuos muros da loucura!

8/7/84

VERÃO VIOLENTO

O sentimento é de estranheza.
O verão não é feito para ser vivido
dentro de casa, exige a paisagem,
e se possível o balbuciante mar.

A casa, mesmo sendo um apartamento novo,
ganha o silêncio amarelo da velhice,
adquire cheiros tão insuspeitos
como nefastos, pulsa de ontológico medo.

Não é que ame esta sepultura. Amo o mar,
a praia varrida pela brisa do norte, a poalha
abandonando as ondas que se distraem
e morrem, molhadas, na areia inesquecível.

Mas a tragédia, estupidamente, chama-me.
Não me vou matar, nem é de suicídio
que se trata, mas do sentido incógnito
que busco quando o apelo é mais forte.

Odeio intimamente a criança que fui.
Lembro a velha casa, e choro, sem saber
porquê. Eu estive lá, sugiro. Vivi anos
e estações, compassadamente, outro mito.

Não desejo voltar ao lugar do crime.
Desejo ser autêntico como a pureza erótica
da mentira que se prediz em noite bêbada.
E porque desejo, o meu lugar é aqui.

Sentindo o mistério da presença,
o auge da identidade, o vislumbre onírico
da sombra que desce e sobe, o prazer
acusmático de uma revelação despropositada.

Amo o fora, o sol que devora a terra quente.
Mas devo-me esta miséria: ser alguém, algures,
entre um limite e a paixão tresloucada.
É em casa que recebo os meus fantasmas!

8/7/84

IMPOSSÍVEL POEMA DA EXISTÊNCIA

Estou calmo, ó hora, mas não seguro!
Nada me prende aqui, e quando sinto a vida,
uma dor tão grande como o infinito lê-me,
soletra-me, impossível poema da existência!

Vale a pena viver, repito-me, cantilena.
Não sei o que significa tão absurda frase,
sei que é fundamental cantar o desespero.
Em frente a parede, e na parede o universo!

Quero ser deste mundo, quero ser um homem!
Ter nascido e depois morrer, para que seja!
Uma memória, um livro deixado por alguém.
Um hábito tão humano como passar o tempo.

Mas estou tão longe!... E tão distante!...
As coisas, ei-las, através do olhar, dos sentidos,
objectos, a própria natureza, a ventania quente,
o sol sobre telhados que se protegem.

Nada sinto, e quando digo que sinto, minto!
A imaginação inventa. A inteligência cria.
A sensibilidade organiza. A razão pondera.
Mas por dentro, no coração, arfo nu e vazio!

Destruíram-me, destruí-me: e não sou pedra!
Antes fosse. Tenho um corpo, a carne viva
onde vivo, indiferente, incapaz de uma emoção,
podre, dissecado, morto pelo tanto sofrer!

Posso gritar, mas nem o grito é autêntico!
Posso chorar, e choro, mas não revigoro em mim
quem me perde, quem me dilacera, quem me mata!
Diante da vida e da morte, incapaz de ser.

Só sinto ódio. Não me apetece destruir,
nem fazer mal. Animal açoitado, raivo a dor
que desfeia meu pranto. Nenhuma vingança
me assola. Por que nasci onde não me encontro?

8/7/84

ALEGRIA

Manhã cedo, a caminho do trabalho,
sinto a plena serenidade no rosto,
o corpo leve como a possibilidade.
Sou esdruxulamente feliz, amplo animal,
homem lavado dos terrores nocturnos,
diante da vida como uma metáfora.

Penso. Não no passado nem no futuro,
nem em mim que estou sempre a mais.
Penso na alegria que senti e sinto,
como uma dádiva, um presente ausente
que cresce na mais lúdica sensação
até atingir o apogeu da necessidade.

Sinto-me tão jovem que descubro, raro,
a outra miragem, a margem sexual do medo,
o sítio por excelência da verdade pura.
Incito-me ao domínio do lugar comum,
um prazer inaudito vogar sem sombra
no cúmulo desumano da árdua linguagem!

Vou na rua e vejo as pessoas que agem
como se a civilização não tivesse halo,
perdidas na ideia do começo como do fim,
e no entanto, labutando essa azáfama louca
que rivaliza com o crime indecente, essa
nódoa erigida em poder da sociedade.

Mas não me importo nem sequer lamento.
Que se lixem, penso, indiferente à dor
que povoa as populações do vil desastre!
Eu sou diferente, julgo, porque sei viver
junto ao vulcão, consciente da morte,
elo terrível onde a humanidade arde!

Estranha alegria sem remorsos vãos!
Sentir que o corpo se dispõe à saúde,
nem pedinte nem arrogante, mas fonte
de tanta maravilha que é sonhar vida
onde a imaginação falha no sentimento.
Quem sou inaugura uma nova era!

10/7/84

SEDUÇÃO

Envolto em mim, não para sofrer a realidade,
mas para gozar o momento, esta música serena
onde a calma balança ao ritmo da imaginação.
Não acalento o umbigo mitológico da falta,
nem é uma hipostasiada masturbação simbólica
onde os sentidos se sentem diminuídos halos.
É o prazer demiúrgico de quem se cria homem.
Ser terrível da natureza, não da pensada,
nem da estudada pela ciência da mediocridade,
mas daquela parte do universo que nos cabe.
Sou autenticamente novo, e se o digo, leitor,
é para que te rias do disparate consolador.
Ofereço-te essa rima que não rima a nada.
Ironia?... Nem pensar. A verdade, se existe,

encontra-se algures nestes versos ingénuos,
no limite da catástrofe quando a linguagem
exige da ideia ou do pensamento o desastre.
Percebes?... É fácil. Basta continuares a ler,
metodicamente, silenciosamente, este poema,
sem sentires a emoção que dele se desprende.
Não te deixes levar pelos falsos profetas!
Nem pelos visionários de ontem, que o amanhã
só existe na frustração de quem não sabe viver
hoje. Mas peço-te, poeticamente, que te percas!
Isso já não é tão fácil, confessa! Pois bem,
em cada palavra que soletras, apaga-te!...
Deixa-te esvaír no ramerrão sonoro apanágio
da imbecilidade redentora, e navega sem barco.
Sente-te corpo, e depois espírito, e depois nada!
Faz como eu, assim, respirando o ocidente zelo,
no abandono dos deveres que te corrompem!
E não tenhas medo da nossa, não só tua nem minha,
sexualidade: aí cresce o espelho onde o medo
não sabe onde depositar o real ou a imagem.
E se puderes, vai mais longe: ama-me! Ama-me!
Homem ou mulher, que aqui a diferença é nula,
não porque a unidade impere, mas porque o arco
é cego, descobre-me como paz universal, ardor
dos sentidos quando a inteligência é sensível.
Se fores capaz, depois, abandona-me. Sem vida.
Não será nenhum crime, e se for, tanto melhor!

10/7/84

NADA COMO O NADA

Nada como o descanso para me sentir homem!
Há quem fale do trabalho e de deveres,
mas para mim não é a receita adequada.
Viver sentindo que o tempo tem um sentido,
o pleno gozo da totalidade humana,
dança de sensações subindo pelo corpo
quando o espírito liberto alcança o cosmos!

Estar assim, respirando o mistério de existir,
o olhar disperso na realidade do fora,
o pensamento deslizando como um oráculo!
Ver e ouvir e sentir, ritmos telúricos,
esquemas de matéria quando o dia arvora
as peripécias habituais da história terrestre.
Pensar a possível imaginação, uma mulher
sempre nua e tão ideal que o diálogo anímico
se transforma no profundo desejo de nada!
E ser, seguido da sombra que não mete medo,
do sol que paira como explosão de esperma,
essa nódoa nefanda desafiando a leitura
de séculos de doloroso estudo e de náusea!
O resto? É a sociedade execranda, a prisão.
O lugar amorfo da estupidez colectiva,
a azáfama teratológica dos passos perdidos
no sem sentido das fórmulas burocráticas.
É a produção de riqueza que nunca atinge
o produtor, que se escapa e esvai, castigo,
pelos mecanismos da esperteza e da classe
que rege a comédia da condição humana!
Bem tento fugir, não dar nada de mim, em vão!
Comer, vestir, possuir a decência de um banho
diário, paga-se com a prostituição da alma.
Já não falo do corpo, que se desclassifica
como um suado trapo da ignomínia e do nojo.
Pena ter caído aqui como um naufrago, neste mar
obtuso da permanência, filho de pais, cidadão
onde o país é um nodoso escarro da ironia!
Ao menos o descanso, fazer o menos possível,
roubar, de qualquer maneira, a verdade cínica
onde o poder putrefacto agoniza sem cama!

12/7/84

VISCERALMENTE

Visceralmente sou esta música que ouço.
Ouço-me como uma voz vinda do sem longe

até ao precipício de um mítico perto,
ouço-me como se fosse possível ser homem!

Nada de profundidades metafísicas, agora!
Nem de exagerados medos sobre a essência!
Voar pelo céu, pela superfície do corpo,
suar terrível da existência que se esgota!

Ir até onde for, os braços abertos laços,
sentindo que o corpo quer desmaiar, perder
pelo peso o poder de vida ou de morte, asa
cortando a possibilidade da consciência!

Passar sibilino tempo, os olhos duas luzes
dispersando o sangue que vem da origem,
testemunhando a ruína da velhice obtusa,
acariciando o vagido da carne tumultuosa!

Pairar no simulacro de um eu mitológico,
sabidas de cor as metamorfoses do outro,
tendo em conta a distância que vai de mim
ao apego sedutor de uma muda identidade!

Esta música onde me incluo como presença
do humano grito, da humana forma, o nó vadio
que escapa ao desamor das filosofias álgidas,
mas que incita o pensamento ao abandono!

Cada som a sùmula do desgaste eterno!
Cada recurso ao ritmo a razão dolorosa
de um espaço que se vive como se fosse
tempo, a procura do futuro que se abre!

Tão cego limite, amor impessoal, terrestre!
Sentir no mundo da insensibilidade o ganho
da natureza que se edifica do nada anímico
onde se revigoram as epopeias do passado!

12/7/84

A DOENÇA

O MEDO

Dura há uma semana esta cefaleia.
O pudor tem-me tetricamente retido,
eu que não sou nada de pudores.
Estupidamente medroso, sem saber porquê,
mas sentindo que não era a hora da escrita.

Estar doente é o pior dos vícios.
Nenhum universo nos consente, nem à dor
que nasce da carne e persiste em ser.
O medo, vou morrer?
Claro que há o doutor, o irmão, um amigo,
alguns comprimidos, o horizonte da cama.
Mas o medo transpira-me.
Não há possivelmente razão, mas que fazer?

Nenhum poema me escreveu nestes dias.
Apareceu-me um, lembro-me agora, em Sintra,
que me deixou perplexo com tanta lucidez,
que me fez chorar de genialidade!
Perdeu-se, não o saberia reproduzir.
Tratava-se de um estudo piedoso
sobre a realidade, o fora e o dentro,
a distância que a separa do olhar.
Todo o século vinte, deduzido pelo meu corpo,
cabia nessa manifestação de amor.
Perdeu-se, como toda a metafísica.

Resta-me a dor, de cabeça, de alma, de tudo.
Estou em casa, no quarto batido pelo sol,
um calor que não deve nada ao verão
sacode a marquise onde me escondo da morte.
Valerá a pena?
Memórias intempestivas descem-me ao olhar,
imagens onde falha o nexo, onde acorda o zelo
com que a loucura traumatiza o alcance.
Confesso que tenho medo.
Não queria acabar assim, destituído, só.

Sou aparentemente ainda tão jovem!
Até este verso saiu desleixadamente amorfo!
Queria dizer, porquê eu, porquê a mim?
Mas compreendo que é estúpido.

19/7/84

VERDADEIRAMENTE PERDIDO

Li aquele poema daquele jovem poeta americano
que morreu jovem, de uma doença do sangue,
em que fazia da morte uma mulher,
convidando-a para o último erotismo.
Um poema engraçado, cheio de coragem.
Que eu não sinto.
Eu sinto-me verdadeiramente perdido,
mesmo se traduzo mentalmente o que escrevo
para a língua inglesa.
Faço isso muitas vezes, já agora, digo.
A morte não me diz nada.
Mete-me assim medo, desaparecer,
mesmo sabendo que metade da vida foi dor,
chatices, problemas para resolver, desencanto.
Talvez por isso, por ter sofrido tanto,
me custaria desaparecer assim, sem saber
o sabor da sincera alegria, não a da alma,
não a dos sentidos, mas a da disponibilidade
para a morte.
O fim deveria ser um prémio.
Desejado. Achado como solução normal
para a odisseia do destino humano empobrecido.
Não sei brincar com a morte.
Não posso brincar com a morte.
É demasiado sério, sinto, esse momento.
Deixar de ser, deixar de ver, deixar de sentir!
Nem posso acreditar que seja possível!
Estou tão habituado a viver.
Bem ou mal, não interessa.
Nunca desmaiei. Não me posso permitir

tão lúdrica manifestação de abandono!
E no entanto, ainda hoje senti o fascínio,
o suor frio, a imponderabilidade, a fraqueza!
Cair, cair! Tanto medo!
Riem-se os colegas, isso não é nada.
Se nada é assim, já é bastante!
Saúde, bem diziam os antigos, o único bem.
Tudo o mais só serve para encobrir a estadia.
Falo com o meu corpo: sê compreensivo!
Ouvir-me-á? Será suficientemente sensível?

19/7/84

DIÁRIO

Dias de tormento, conheço-vos todos,
cada hora suportando um específico percalço,
ora a dor que de meramente física tece o caos,
ora o medo que a suspeita inculca na consciência.

Nem saio de casa. Penso que o melhor lugar
para cair, no desmaio ou na morte, é aqui,
entre paredes que me protegem dos olhares
daqueles que nunca compreenderiam a solidão.

Uma tristeza adulta, madura, sobreleva-me,
bovino e esgazeado deito fora olhares pobres
que aterram sobre livros de poetas americanos,
a música ondulando como uma carícia salvadora.

Ora é a cabeça, ora é o coração: mas sempre
o corpo, esse mágico esmero onde ponho o selo
que me libertará da fastidiosa prisão:
quanto mais tarde melhor, digo sem malícia.

As grandes questões delidas como por encanto.
Encontro apenas a solvência do mistério alheio,
alguns poemas que leio, alguma música que ouço,
este silêncio da casa que não sabe viver.

Risos de crianças, é sempre assim, lá fora.
O que vai de mim a mim explora a sensibilidade
do momento, monumento fictício levantado ao acaso,
como se a história se risse dos planos eternos.

Não busco nenhuma consolação na memória.
Mas a verdade é que cenas desaparecidas irrompem,
umas atrás das outras, sem conexão inteligível,
com o tempo a trespassar a ideia da monotonia.

Se tivesse coragem gozá-las-ia superiormente.
Mas não. Confuso, desespero no presente do olhar,
achando na experiência a mão malévola da carne
que se perde longe do brilho que o espírito cede.

20/7/84

INSOLUBILIDADE

Traí por certo a confiança em mim mesmo.
Estranhamente, durante dias, os da tempestade
anímica, evitei o testemunho, o livro das horas.
Perdi a noção de necessidade, a simples ideia
de vir escrever não sulcou a consciência.
Ainda não reflecti sobre a questão.
Sofro de tal maneira que é pura indecência
vir aliviar-me de encontro às palavras.
Tem que haver uma certa dignidade na dor.
Só a solidão, viver, estar longe do poema,
me parecia o lugar próprio dos acontecimentos.
Nunca terei, possivelmente, coragem para tirar
partido da morte em manifestações de exibicionismo.
Há um momento onde o silêncio cabe como harmonia.
Agora que a tarde se faz cada vez mais tarde,
atraído pela luz do poente enfeitado,
venho, humano, experimentar a alegria do verbo.
É tão bom escrever o que se inventa do real,
dizer o que se nos afigura a certeza absoluta,
perceber, sentindo, que a fala desce da matéria

até ganhar forma pela distorção da consciência!
E depois, certos ritmos seduzem como corpos
onde a mulher não se perdeu no redemoinho social,
tão bom deslizar pelas águas do oceano simbólico,
levado pelo vento da loucura que é pura ficção,
mesmo se amanhã a luz apagar o mutismo da morte.
Tudo permanecerá na mesma, não é necessário
ser-se filósofo ou poeta para sabermos que é assim.
Sem mim o mundo rodará pela terra deste planeta,
um verso feliz como a ausência onde agora nasce
a insinuação da despedida quando a carne arrefece.
Não levarei saudades onde o nada impera.
A lei quer-me mais um anónimo grito do homem,
e a casa viverá de outras sombras, e o poema
saberá certamente readquirir a sedimentação própria.
Não sou esse poema. Nunca fui a palavra proferida.
Nem imaginada. Estranhamente, ficará o produto,
o efeito, a sombra. Só assim, talvez, seja possível
ler a vida de outrem, e sentir que o amor brilha
em cada forma da insolubilidade de todas as coisas!

20/7/84

ANÉMONA

Diante do poema inexistente,
sem saber como começar. Agosto é o mês,
mas tenho evitado todo o contacto com as palavras.
Permaneço em casa, com medo de sair à rua.
Meu corpo continua desastrado,
oferecendo-me graves percalços em vez de alegria.
Perdi o desejo de escrever.
Vir todos os dias deixar o máximo de mim
é um corolário da ilusão de eternidade.
Perdi-a. Nunca a morte foi tão vivida!
De uma maneira tão negativa!

Não afirmo nenhuma permanência.
O provisório é uma modalidade da existência.

Dessinto-me de tanto perceber o ritmo dorido
onde o espírito roça a carne doente.
Não sei o que tenho, mas tudo gravita, anémoma,
à volta do colapso, da fulminante queda.
Nenhuma metafísica, mas o medo.
Faço da dor olhar, e nada vejo.
Nenhuma realidade predisposta a sentir-se alvo
de quem não sabe até onde vive.
Uma tristeza, estar assim tão despovoado!

Ouço música e vejo os olímpicos jogos.
Tanta ironia faz do inefável o destino.
Eis os corpos da juventude, o suor saudável,
o esforço galvanizado no alto que se quer atingir.
E eu aqui, tão diminuído, tão mesquinho!
Não me apetece fazer mais nada.
Abro nervosos livros, esqueço-me, releio
passagens recentes, mas não estou aí.
Uma nódoa infiltra-se na minha consciência,
o futuro, quantas horas ainda de vida?
Horror, saber que vou morrer, assim!
E mesmo se sobreviver, quanto desgaste na alma,
quanta cinza como resíduo da batalha solitária!
Agosto lá fora, um dia ventoso onde o sol
introduz na luz o suplício da insinuação:
chega a loucura, estar tão longe como fora,
um desmaio capaz de trazer ao corpo o apagamento!

2/8/84

O DESVIO

Imagens terríveis do passado enterrado
irrompem desprovidas de nexos, o tempo
brinca com o espaço, e a memória alerta
responde ao caos com absurdos relâmpagos.

Ínfimas cenas de um qualquer destino eclodem
como panos de fundo da inclemência, suporte

do arbitrário descubro em mim o tesouro
onde me esqueci do homem que quero ser.

Não sei de onde vêm essas nebulosas orgias,
como um castigo revivo a dor de ter sido,
incapaz de apagar a fulgurante necessidade
impressa nesses ecos da deplorável insolvência.

Passei por tanto lugar e durei tanto minuto!
Sou subitamente menino, ora na casa onde nasci,
ora na orla marítima onde recopio a geografia
de uma sentimentalidade onde falta a raiz.

Ouçõ vozes de quem foi parte da família,
ralhos atordoados pela distância, e choros
de raiva pela injustiça que desaba agora,
sinfonia do iniludível desmembramento.

Perco-me em trabalhos de casa. Lavo a louça,
sinto a presença do universo nas mãos sujas,
sinto a loucura que foi pensar tentar a vida
com versos onde a imaginação sabia a sentimento.

Não estou em mim. Todo o esquema ideológico
se reduz ao amorfismo do medo. Sensibilidade,
só a que se vira para o corpo, e estética,
a que arde nos meandros do poema inexistente.

Is this the end? como na canção de Dylan.
Tantos anos a pensar que vivia!... Agora sei
para que serve a metafísica e por que a amei!
Há sempre uma esperança de não sermos nós

quem vai morrer.

Deixamos ao outro o desvio!

2/8/84

MEDITAÇÃO CREPUSCULAR

Não houve ânsia para chegar aqui.
Mas o crepúsculo incita, amarelo metálico
sobre telhados que se perdem na sombra.
Há o vento, inusitadamente violento,
dando ao fim do dia a aparência da convulsão.
Sinto-me bem. Ver incomoda-me, preferia a paz,
mesmo se o coração me pára diante da imagem.
A janela, um retângulo do exterior,
e a ousadia para pretender assistir, miraculado,
ao clímax da minha emergência no reino do real.
Esqueço, por minutos, o corpo. Resta o olhar,
a transparência da fixação no lugar do nada.
Não sei se respiro, mas estou vivo.
Tanta alegria, por perdurar pela nuvem branca
que atravessa o azul do céu sem manchá-lo.
Leva o sol, já que não lava a imaginação.
E o vento continua, áspero na copa da oliveira,
fazendo-a vergar até ao limite da possibilidade.
Quisera!... Estou tão calmo! Tão diverso
da natureza, sem emoção nem crueldade, sentindo,
sentindo o horror que é, subitamente, a vida,
estar aqui, vendo, sentindo, desaparecendo
pelo tempo como uma cretina gratuidade.
Vozes da família, a casa arde o pôr-do-sol,
eu ardo neste clima da despossuída posse.
Passei o dia pela música, abri alguns livros,
tudo irremediavelmente velho, gasto, torpe.
Um som que me abrisse, era isso que precisava,
descer bem longe na vacuidade da memória,
e permanecer, e permanecer sem duração.
Loucura?... Qual quê! Esta é a experiência,
pensar pelo sentimento que deserta, viver
no brilho que desperta diante da imensidade.
Estou aqui... Estou aqui, repito, sem saber
o que fazer do grito que quer debandar meu corpo.
A realidade. Prédios carcomidos, antenas feridas,
roupas simulando as velas do barco destino.

Nenhum choro me salva, nenhuma rosa no jardim.
Passo, feliz, como homem que desconheço,
o olhar perdido no real que nunca será testemunha!

3/8/84

SÁBADO À TARDE, PROSAICAMENTE

Agosto nos seus dias piores,
esta violência repartida entre o sol e o vento,
a luz distanciando a sensibilidade
como se a loucura fosse um passo em frente.

Meio da tarde, o calor sufocando o lugar
donde escrevo, acabo de chegar do cinema vizinho,
mais um filme americano onde a vida
se joga na ponta da naífa inglória.

Cheguei e pus música. A mulher na cozinha,
a filha deitada no sofá, vendo televisão,
eu aqui, com as minhas dores que até chateiam,
e o medo que me transforma numa mentira.

A parede sempre branca, onisciente presença
da imagem que projecto nos objectos circundantes.
A máquina aquecida, estranho piano silenciado,
uma ruína onde as palavras desobedecem.

Amo este canto. Nele sinto-me um homem
capaz de inventar a paisagem para a sua alma,
capaz de naufragar pela metáfora como um voo
onde o ar desapareceria de puro espanto.

Nem sempre viajo pela terra, sou sempre mundo.
Quanto mais entro dentro de mim mais o vazio
se assemelha à materialidade de todas as coisas,
escrita terrível da passagem pelo encanto.

Sofro cada minuto que respiro.
E não me habituo. A carne sabe-me a remorso.
O corpo que pensava ser deserta-me.
Só, descubro que não possuo lugar em mim.

Resta-me a música que balança ao som trágico
da ideia que alguns fazem da modernidade.
Sou o ritmo e ignoro onde buscar a essência
para fingir que a poesia ainda é necessária.

4/8/84

MÁSCARA DOLOROSA

Cresce-me, sibilina, uma medonha raiva,
e o ódio desperta, esse sentimento tão seguro
que arde só de pensar que a vergonha
é um estado natural da decadência no homem.

Não sei o que me apetece fazer, mas destruir
parece-me o meu mais fácil desejo nesta hora.
Destruir a emoção que me faço, ou a ideia suja
onde exploro a piedade que sinto sem saber.

Quanto aos objectos, deixo-os abandonados
na sua própria e deteriorada imanência,
são-me inessenciais como uma casa perdida
quando a memória não encontra um espeque.

E no entanto... Alguma vez amei sinceramente?
Que pergunta tão estúpida, sobretudo agora.
Penso ter sentido o universo no seu pelo menos
alcance, um pleno contrastando com o vazio.

Imaginei coisas. Perdi-me em caminhos azedos,
nunca trilhados pela consciência ocidental,
aluguei noites inteiras para ensaiar o real,
mesmo se era a imaginação que iniciava a dor.

Percorri todos os cambiantes do ódio,
vociferei contra o destino em suave guerra,
despejei o fel em papéis que se salvaram
no grande incêndio onde o século se acaba.

Detesto o sofrimento. Não posso mais.
Faço meu ser descer até à droga, e esquecer
é como fabricar uma história de loucos.
E quando o corpo fere perco para sempre a memória.

Não sou eu. Abandonei o corpo dorido,
ficou alguém que me ignora, um sentido
do mundo onde vivi acompanhado do exílio,
máscara dolorosa transpondo o limite do humano.

4/8/84

A CICATRIZ

Quase meio-dia. E esta benévola calma,
sentir a vida como se o nada fosse natural.
Céu azul, algum vento, muito sol estatelado
pela terra, o macio de um amarelo de luz.

Domingo. Dormi pouco. Sofri uma noite amável,
eram duas da manhã quando senti a cama.
Já o corpo estava apaziguado, a dor nula.
Acordei como se um milagre me crescesse.

A filha, pelo contrário, soube o pesadelo.
Em choro recuperou o dia, chamando a mãe
para lhe contar o segredo que não ignoro:
foi com a minha morte que sonhou, sem querer.

Estou bem. Diria mais, puro como a cicatriz
que resistiu ao abismo da ferida nefasta.
Levantei-me, lavei-me, vesti-me, escrevo.
Nada é poesia quando a saúde nos abraça.

Agosto assim assim, saberei ao menos, irônico,
o que significa exprimir assim o tempo?
E como justificar esta necessidade que sinto,
de pontuar de referências a escrita matinal?

É que não há nada para dizer, senão, patético,
que estou ainda vivo e que espero durar.
Angústia?... Afora a de sempre, nenhuma.
Vivo agora num plano da inconsciência plena.

E como não trabalho, não leio, não me chateio,
preciso de fazer alguma coisa. Venho ver,
pela janela do real, a realidade de um fora
que não me concita o mais leve estremecimento.

Se não é isto a minha humanidade, a história
dos meus passos, o testemunho da presença,
nada mais é. Ideias e sentimentos, abandonados.
É-se nirvana à maneira gratuita do ocidente.

5/8/84

L'étonnement ou la frayeur assai-
llant l'être humain, la parole lui fait
défaut. Alors il n'est plus qu'étonne-
ment; il est atteint. Il ne parle plus:
il fait silence.

Le chemin vers la parole

MARTIN HEIDEGGER

LIVROS ESCRITOS EM MEM MARTINS, SINTRA, PORTUGAL